

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
INSTITUTO DE HISTÓRIA (IH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA (PPGHC)

REBECA DE LEMOS GONZALEZ GIL

Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias

Orientador: Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira

PPGHC - Programa de Pós-Graduação em História Comparada
Rio de Janeiro
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
INSTITUTO DE HISTÓRIA (IH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA (PPGHC)

REBECA DE LEMOS GONZALEZ GIL

*Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
História Comparada da Universidade
Federal do Rio de Janeiro (PPGHC-
UFRJ) como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de
Mestre em História Comparada.*

Orientador: Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira

PPGHC - Programa de Pós-Graduação em História Comparada
Rio de Janeiro
2015

Rebeca de Lemos Gonzalez Gil

Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC), Instituto de História (IH), Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Aprovada em ____/____/2015

(Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira, UFRJ – orientador)

(Prof.^a Dr. José D’Assunção Barros, UFRJ)

(Prof.^a Dr. Rodrigo Farias, IUPERJ)

(Prof.^a Dr. Alexander Zhebith, UFRJ – suplente)

(Prof. Dr. Francisco Palomanes, USP – suplente)

“Lembro de quando era pequena e uns homens foram buscar minha mãe e minhas tias que choravam bastante. Nem eu, nem meus irmãos pudemos ir. Depois soube que aqueles homens eram soldados nacionais que foram buscar familiares do meu pai que era um miliciano da República – na verdade ele era monarquista, mas como toda a família ficou ao lado do governo, acabou acompanhando -, porque aquela noite seria fuzilado. Deixaram ao menos que se despedisse e fosse enterrado. Naquela época ter o corpo para que fosse velado era um privilégio.

Os anos depois da guerra não foram fáceis. Os militares que chegavam em caminhões no pueblo para a distribuição de alimentos não deixavam minha mãe ficar na fila, por ser viúva de um traidor. Só tínhamos como nos alimentar graças aos vizinhos que as escondidas, a noite, deixavam coisas em nossa porta”.

Maria de Gracia Gil Ramirez

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, professor Dr. Wagner Pinheiro Pereira por me dar a oportunidade de fazer o mestrado com ele no Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Agradeço também a banca de qualificação composta por Bruno Sciberras e, em especial, Alexander Vianna, pelas sugestões e apontamentos fundamentais para a finalização do meu trabalho, cedendo todas as anotações decorrentes da leitura do meu texto de qualificação. Devo agradecer aos grandes professores que tive no decorrer da minha trajetória na UFRJ, como Francisco José, Francisco Carlos Teixeira, José Pádua, Vitor Izecksohn e Amilcar Cabral.

Também agradeço aos amigos da pós-graduação, como: Fábio Ribeiro, Bruna Moraes, Renata Cardoso, Tiago Gomes, Danilo Lima, que muito me ajudaram nos estudos, leituras, ou mesmo, em conversas de apoio. Pessoas com futuro brilhante, que levarei para o resto da vida.

Durante a minha trajetória acadêmica Isaac Jerez, meu namorado, foi uma das pessoas mais importantes, pois sem seu apoio não teria ingressado nem mesmo na graduação de História, tampouco concluído o mestrado. Seu incentivo foi fundamental para a realização da minha pesquisa.

Agradeço a minha família – fundamental para a escolha do meu tema de pesquisa, a Guerra Civil Espanhola – e amigos – em especial Rachel Romano, Juliana Victória e Anna Carolina Carvalho -, não só por sempre estarem comigo, mesmo que a distância, mas também por entenderem a minha ausência nos últimos meses e mandaram mensagem em apoio.

RESUMO

GONZALEZ, Rebeca. Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias. Dissertação (Mestrado e História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015

A presente dissertação tem como objetivo, lançando mão do método comparativo em História, por meio da abordagem História cultural do social de Roger Chartier, analisar as representações literárias da Guerra Civil Espanhola em três períodos históricos distintos: durante o conflito, *Homage to Catalonia*, de George Orwell; na ditadura do General Francisco Franco, *Un Millón de Muertos*, de Jose Maria Gironella; em período mais recente, após a redemocratização, *Soldados de Salamina*, de Javier Cercas. Tais recortes temporais foram escolhidos devido às mudanças sócio-culturais vividas não só na Espanha, como também Europa, que modificaram completamente o contexto de escrita dos livros. Assim, o trabalho apontará as mudanças nas abordagens e enfoques dados a cada tema referente ao conflito civil espanhol.

A literatura será tratada como um complexo conjunto de práticas representacionais que buscam atribuir sentido ao mundo, ordenando e classificando-o. A abordagem tratará dos períodos em que se inscreveram e das disputas nas quais estiveram envolvidas, mas principalmente, sobre as possibilidades de falar sobre esses eventos, os alcances e limites da sua representação e da transformação do passado em experiência relevante no presente.

Palavras-Chave: Guerra Civil Espanhola; literatura; representação

ABSTRACT

GONZALEZ, Rebeca. Guerra Civil Espanhola: uma perspectiva comparada de suas representações literárias. Dissertação (Mestrado e História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015

The present dissertation aims, laying hold of the comparative method in History, through the cultural history of social approach of Roger Chartier, analyze literary representations of the Spanish Civil War there different historical periods: during the conflict, *Homage to Catalonia* by George Orwell; the dictatorship of General Francisco Franco, *Un Millón de Muertos* by Jose Maria Gironella; in the most recent period, after democratization, *Soldados de Salamina* of Javier Cercas. Such temporal clippings were chosen due to the socio-cultural changes experienced not only in Spain but also in Europe, which completely modified the context of the writing books. Thus, the work will point to the changes in the approaches and perspectives given to each topic related to the Spanish civil conflict.

The literature will be treated as complex set of practical representation that seek to make sense of the world, ordering and classifying it. The approach will address the period in which they were involved, but mainly about the possibilities to talk about these events, the reaches and limits of its representations and the transformation of past in relevant experience on the present.

Keywords: Spanish Civil War; literature; representation

Sumário

Introdução.....	17
1. Engajamento e estranhamento <i>Homage to Catalonia</i>.....	26
1.1. Os estrangeiros.....	30
1.2. As milícias	34
1.3. O cotidiano na zona republicana.....	41
2. <i>Un Millón de Muertos</i>: o romance histórico total.....	49
2.1. Repressão.....	53
2.2. Os dois lados.....	65
2.3. Dilemas.....	71
3. O passado como reconciliação em <i>Soldados de Salamina</i>.....	76
3.1. Resgate da Memória e <i>Soldado de Salamina</i>	80
3.2. Eram apenas homens.....	91
4. A concorrência pelo passado.....	96
4.1. Lugares de fala.....	97
4.2. Guerra em palavras.....	107
Considerações Finais.....	127
Fontes.....	131
Bibliografia.....	131

ANEXO

Introdução

Dando continuidade à pesquisa iniciada na graduação, a qual resultou no trabalho monográfico de conclusão de curso intitulado *Olhares estrangeiros: a Guerra Civil Espanhola de Hemingway, Malraux e Orwell*, a presente dissertação de mestrado tem como objetivo realizar uma análise comparativa das representações literárias sobre a Guerra Civil Espanhola em diferentes períodos históricos. Para isso, serão analisadas três obras literárias publicadas em três fases distintas da História Contemporânea da Espanha. A primeira delas, *Homage to Catalonia*, foi publicada em 1938, ainda durante a guerra – que só viria a terminar em 1939 – pelo britânico George Orwell, relatando o que viveu na Espanha durante a guerra enquanto foi miliciano; a segunda, *Un Millón de muertos*, de Jose Maria Gironella – que lutou ao lado dos nacionalistas –, foi publicada em 1961, durante o regime ditatorial do General Francisco Franco; e a terceira, *Soldados de Salamina*, de Javier Cercas, foi lançada em 2001, no período pós-redemocratização, momento em que a sociedade espanhola passava por um processo de resgate histórico da memória da Guerra Civil Espanhola.

As obras escolhidas fizeram parte da formação de historiadores, escritores e de diferentes gerações, em incontáveis lares na Espanha e, possivelmente, em boa parte do Ocidente. Receberam edições em diversos idiomas e foram reeditadas em diferentes contextos. Contribuíram tanto para a formação das diversas expressões do senso comum quanto para aquelas encontradas entre especialistas – mesmo quando mobilizadas de maneira crítica e depreciativa. Mas sua escolha também se deve ao fato de se darem em três momentos distintos e fundamentais para a formação política da Espanha. Resultam interessantes também por darem voz a diferentes lados e gerações: do engajamento político-ideológico dos vermelhos ao esforço pela reconciliação da geração dos netos, passando pelo comprometimento com a integração nacional e o reestabelecimento da ordem pelas mãos de um nacional.

A Guerra Civil Espanhola teve início em julho de 1936, com o levante militar contra o governo democraticamente eleito, com o seu fim apenas em 1º de abril de 1939, quando as vitoriosas tropas nacionais entraram na capital, Madri. O conflito devastou a população, não só pelo número de mortos – que, segundo Hugh Thomas, pode chegar a

500 mil -, mas também pela divisão territorial, que os afastava de familiares e amigos estabelecidos na outra zona quando a guerra teve início²; privações de bens básicos de vida; mutilações físicas, não só de combatentes; e frequentes bombardeios a alvos civis. Herbert Mathews afirmaria que “*a família espanhola que não chorou por seus mortos foi feliz*”³. Além do impacto sobre a população local, foi um conflito que atraiu inúmeros estrangeiros, de ambos os lados, pois se tratava de um episódio onde estavam em disputa os sistemas político-ideológicos em voga no momento, como o fascismo, o comunismo e a democracia liberal.

Mesmo depois de mais de setenta anos do início da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), as suas marcas permanecem na sociedade espanhola⁴. Após o final da guerra, com a vitória do General Francisco Franco e do exército nacionalista, foi estabelecido um regime ditatorial. A ditadura franquista foi marcada por forte perseguição à oposição, principalmente nos cinco primeiros anos após o final do conflito civil.

Os vestígios da guerra e o regime que esta desencadeou, permanecem assombrando os espanhóis até os dias atuais, surgindo entre a chamada “geração dos netos” a necessidade resolver assuntos ainda pendentes. As gerações anteriores estavam com as feridas abertas ou comprometidas demais com a redemocratização para trazer velhas memórias à tona. Como nos fala Julio Prada Rodríguez, “*Nietzsche julgava que o esquecimento é o melhor mecanismo de defesa para evitar que as sombras do passado projetem sobre o presente uma carga insuportável*”⁵.

1 THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

2 A divisão do país em zona vermelha (republicanos) e zona azul (rebeldes nacionais), e o seu consequente bloqueio, fez com que famílias fossem divididas, voltando a se encontrar apenas após o fim da guerra. Muitas nesse tempo perderam inúmeros parentes, sem que pudessem ir ao velório, algo importante tendo em vista o caráter tradicional do espanhol da década de 1930. Além disso, o mês em que ocorreu o levante, julho, é mês de férias de verão, ou seja, muitas famílias estavam viajando no litoral do país, podendo retornar aos seus lares em abril de 1939.

3 MATHEWS, Herbert. **Metade da Espanha morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 5.

4 Líder de um dos regimes ditatoriais mais longos da Europa, Francisco Franco só deixou o governo em 1975, após a sua morte. Devido ao fato de, inicialmente, o regime franquista ser considerado fascista – fato esse problematizado por Robert O. Paxton em *Anatomia do Fascismo* –, os países democráticos ocidentais olharam para a Espanha com desconfiança até pelo menos meados dos anos de 1960.

5 RODRÍGUEZ, Julio Prada. **La España Masacrada**. Madri: Alianza, 2010. p. 19.

Vale destacar que mesmo após a morte do ditador, este não foi visto por muito tempo como antagonista. Boa parte dos espanhóis dividia a culpa entre os lados envolvidos nos eventos da guerra civil⁶. Segundo Rodríguez,

O trauma da experiência prévia que conduziu ao regime em questão – uma guerra civil que dividiu por metades um país de forma dura – e a natureza da repressão também costuma condicionar o tipo de demandas pelo conhecimento do passado: se foi praticada declaradamente por ambos grupos no decorrer do confronto civil existirá uma tendência à ‘compreensão’ da violência praticada pelo adversário; se as execuções foram públicas, ficará na mente a imagem das vítimas, enquanto que se aconteceram em segredo e os cadáveres não apareceram, priorizarão as exigências pela verdade; se a implicação do Estado na “guerra suja” é determinante, como aconteceu nas ditaduras da América do Sul, a identificação dos culpados facilita as demandas pela responsabilização, enquanto que se uma parte significativa da sociedade a pratica, se faz ou tolera a violência essa exigência será muito mais difícil⁷.

O esforço de pesquisa pode ser situado naquilo que chamamos, a partir de Roger Chartier, de uma “história cultural do social”, buscando investigar “*o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler*”⁸. A literatura, neste sentido, será tratada como um complexo conjunto de práticas representacionais que buscam atribuir sentido ao mundo, ordenando e classificando-o. Seus mecanismos permitem tornar presente aquilo que esta ausente – como um algo ou alguém – ou dar vida aquilo que não existe “*a não ser no signo que [o] exhibe*”⁹ – como uma ideia ou um valor. A construção de identidades individuais e coletivas é impossível sem tal procedimento. Os artefatos culturais, portanto, não apenas as expressam como atuam na sua construção.

Os livros tomados para a análise são intervenções públicas – ainda que as práticas de escrita e leitura na modernidade sejam solitárias por excelência, aconteçam entre o leitor e o texto¹⁰ – produzidas em espaços em disputa. As “lutas de representações” foram travadas em diferentes configurações e a partir de distintos lugares de fala. “*A literatura tem como instrumento a palavra e esta produz diversas alternativas de sentidos*

⁶ Ibid. p. 43.

⁷ Ibid. p. 31.

⁸ CHARTIER, Roger. CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. p. 17.

⁹ Ibid. p. 21

¹⁰ Ver a interpretação feita por Chartier ao conto “Mundo de Papel”, de Pirandello, em *Debate, História e Literatura*. p. 205

e significados”¹¹. Os homens que os escreveram mobilizaram e dialogaram com uma série de convenções e códigos mais ou menos impostos em cada grupo, visando também a publicação e a aprovação dos leitores. Buscaram legitimidade em coisas como a experiência; o testemunho; fontes documentais; pela identificação dos destinatários com os personagens; pela verossimilhança; e, claro, pelo efeito produzido.

A obra literária entendida desta maneira será tratada como evento em si mesmo. O texto, por sua vez, como algo entre a produção e a recepção. Seus sentidos não podem ser capturados por regras universais uma vez que seus produtores e aqueles a quem se destinam lançam mão de relações entre signos e significados historicamente localizadas. Mais que isso, segundo essa perspectiva as práticas de leitura também as produzem, e as imagens acerca da obra também estariam em disputa.

Desta forma, o trabalho se afasta de abordagens que tratam a literatura como simples documento produzido por um tempo a partir de reduções macro-sociológicas, ou sistemas generalizantes, assim como das tentativas de lê-la em função dos gêneros e cânones, ou para fins de construção destas categorias. Também daquelas que pretendem tomar o texto como se fosse possível compreendê-lo de maneira desencarnada, fora da história. O estudo de artefatos culturais não se verá subordinado a outras dimensões da experiência social como se fossem acessórias ou deslocadas dela. As práticas representacionais são parte da vida social e, portanto, objeto do historiador.

A análise externa e interna das obras trabalhará de maneira articulada, uma elucidando a outra sem qualquer hierarquia entre elas. A historiografia – e em menor medida o material biográfico e as fontes secundárias – será mobilizada para entender o contexto; resgatar as condições da produção e da recepção; mapear as influências e os embates, mas também para auxiliar na compreensão do texto; na identificação dos sistemas simbólicos em jogo; e, principalmente, na caracterização dos lados no conflito. Não pretendo com este trabalho verificar a autenticidade dos relatos comparando-os com as contribuições provenientes da história (disciplina), uma vez que uns e outros são narrativas que produzem representações sobre os eventos, ainda que de natureza distinta.

¹¹ PEREIRA, Wagner Pinheiro. **Desbravando o ‘Coração das Provas’: Visões sobre o neocolonialismo Europeu, a África e os africanos na obra de Joseph Conrad**. *Revista Poder & Cultura*, ano 1, v. 2, outubro, 2014. p. 2.

O interesse da História pela Literatura como fonte e/ou objeto do historiador, por outro lado, remonta a antiguidade, mas foi na primeira metade do século XX que ganharia nova expressão e interesse por meio dos *Annales*. Como nos diz Wagner Pinheiro Pereira:

foi no século XX, mais precisamente no ano de 1929, na França, que os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch fundaram a *Revue des Annales*, promovendo uma renovação historiográfica longe da produção tradicional da História da época, herdeira dos pressupostos preconizados pela historiografia do século XIX que buscava produzir história tomando o fato, a verdade e a autoridade como fonte documental para a construção histórica. A Nova História, emergida daí abriu um leque de utilização de novas fontes de pesquisas para uma abrangente produção historiográfica¹².

A literatura tem como instrumento a palavra e esta produz diversas alternativas de sentidos e significados. Por outro lado, este trabalho parte de um conjunto de reflexões acerca das relações entre História e Literatura que se inspira em uma geração posterior, mais precisamente, àquela que se consolidou entre a década de 1970 e 1980. Partindo de trabalhos como *Tempo e Narrativa* de Paul Ricoeur; *A operação historiográfica*, de Michel de Certeau; *A Meta História*, de Hayden White; e *A beira da falésia* de Roger Chartier, entedemos a produção historiográfica como uma narrativa que consiste em um ou mais gêneros literários. Sua escrita é atravessada pela literatura, uma vez que esta contribui tanto com suas representações do mundo quanto com procedimentos narrativos para a escrita profissional. “*É ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou de história vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos*”¹³.

Esta abordagem da literatura no ofício do historiador “*deve considerar que o ‘mundo do texto’, usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido*”¹⁴. Como nos indica Roger Chartier:

12 PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Oculti*. p. 143.

13 BARROS, José. **História e Literatura – novas relações para os novos tempos**. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades, n.6, maio/out 2010. p. 2.

14 CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 257-258.

Essa historicização da especificidade da ‘literatura’ tem por corolário a interrogação sobre as relações que as obras mantêm com o mundo social. Mantendo a distância da tentação (que, infelizmente, foi grande entre os historiadores) de reduzir os textos a um mero estatuto documental, deve-se trabalhar sobre as variações. Variações entre as representações literárias e as realidades sociais que elas representam deslocando-as sobre o registro da ficção e da fábula. Variações entre a significação e a interpretação corretas das como as fixam a escritura, o comentário ou a censura, e as apropriações plurais que, sempre inventam, deslocam, subvertem. Variações, enfim, entre as diversas fórmulas de inscrição de transmissão e de recepção das obras.

Produzidas em uma ordem específica, as obras escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhes atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos. [...] trata-se portanto, antes de mais nada, de construir um novo espaço intelectual que obrigue a inscrever as obras nos sistemas de restituições que limitam, mas que também tornam possíveis sua produção e sua compreensão. O cruzamento inédito de abordagens por longo tempo estranhas umas às outras (a crítica textual, a história do livro, a sociologia cultural) tem um objetivo fundamental. [...] Os efeitos de sentido visados pelos próprios dispositivos da escritura; os usos e apropriações impostos pelas formas de ‘representação’ do texto. [...] as competências, as categorias e as convenções que comandam a relação de cada comunidade com os diferentes discursos. É analisando conjuntamente essas diferentes determinações e reintroduzindo no centro de seu questionamento a historicidade e, portanto, a descontinuidade de seus objetos, que a história literária e a crítica textual poderão afirmar sua pertinência, em uma época em que todas as disciplinas (inclusive história e as ciências mais ‘duras’) voltam-se para a dimensão necessariamente ‘literária’ de sua escritura¹⁵.

Assim, *“determinar os efeitos próprios aos diferentes modos de representação, de transmissão e de recepção dos textos é, portanto, uma condição necessária para evitar todo anacronismo na compreensão das obras”*¹⁶.

O estudo da Literatura na História como proposto por Roger Chartier atribui fundamental importância aos mecanismos de leitura, a materialidade do texto, as práticas representacionais na recepção ao lado daquelas situadas na produção. Porém, as ambições desta pesquisa são mais modestas. Será dada especial atenção à luta representacional no âmbito da escrita e da transmissão, ainda que analise o impacto destas obras sobre a crítica especializada, o sucesso editorial, o público leitor ao qual se destinavam e ao que efetivamente alcançaram.

Principalmente nos três primeiros capítulos, este texto utilizará uma expressiva quantidade de referências historiográficas sobre a Guerra Civil Espanhola. Alguns títulos clássicos e outros recentes, com uma diversidade de posicionamentos político-ideológicos, enriquecerão os temas abordados em cada obra, oferecerão por contraste

¹⁵ Ibid. p. 258-259

¹⁶ Ibid. p. 260.

caminhos para a análise e, claro, serviram como ponto de partida, como caldo de cultura sobre o qual foi construído este projeto.

Devemos ter em mente que estas obras estavam comprometidas com a fidelidade do relato e que transitaram entre a ficcionalização e a recuperação/comunicação da “verdade”. Profundamente arraigadas na experiência pessoal dos autores – principalmente em George Orwell e Jose Maria Gironella, combatentes, respectivamente nos exércitos republicano e nacionalista –, utilizaram procedimentos próprios de tradições literárias, mas também do jornalismo investigativo e do trabalho do historiador – ainda que apenas Javier Cercas esteja comprometido com um historiografia recente que busca um tratamento do passado que entregue os lados em sua pluralidade e supere o triunfalismo e o vitimismo. Seu estudo oferece algumas contribuições para a compreensão da Guerra Civil Espanhola; para a história da literatura; dos períodos em que escreveram e das disputas particulares nas quais estiveram envolvidos; mas, principalmente, sobre as possibilidades de falar sobre esses eventos, os alcances e limites da sua representação e da transformação do passado em experiência relevante no presente.

A proposta do trabalho implicará no tratamento comparado das obras e dos espaços de produção de sentido – na produção e na recepção. Atenta as semelhanças e as diferenças entre três realidades sociais e partindo delas na construção da análise, tratarei de *“iluminar um objeto ou situação a partir de outro”*¹⁷.

Com nos diz José D’Assunção Barros,

Por vezes, será possível ainda a prática da iluminação recíproca, um pouco mais sofisticada, que se expõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham e relevo os aspectos fundamentais do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum¹⁸.

Esta pesquisa, portanto, se compromete com uma abordagem historiográfica que vai além da comparação entre fontes e bibliografia, parte do trabalho de todo historiador. Procuro realizar uma História Comparada, esta entendida enquanto um

17 BARROS, José. **História e Literatura – novas relações para os novos tempos**. Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades, n.6, maio/out 2010.. p. 5.

18 Ibid. p. 5.

conjunto de métodos que implicam a “*escolha de um recorte geminado de espaço e tempo que obrigará o historiador a atravessar duas ou mais realidades socioeconômicas, políticas ou culturais distintas*”¹⁹. A escala de inscrição, aqui, não é a mesma encontrada nos trabalhos clássicos, como os de Marc Bloch ou Marcel Detiene, ou seja, a dos recortes nacionais. A utilização do referencial teórico proposto por Roger Chartier – e devedor dos trabalhos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias – exige um outro tratamento do espaço e tempo, este construído em torno das práticas e estratégias de um grupo em um determinando campo.

Para Barros, surgiram nos estudos de História Comparada novos recortes possíveis, em função da assimilação de novos objetos de estudo. A ênfase no uso da nação, da civilização ou da região como unidade de análise, deu espaço à “*realidades difusas que não se concretizaram necessariamente em espacialidades definidas, como práticas culturais por exemplo [...]. As realidades literárias, virtuais ou imaginárias, as mentalidades e os circuitos de representações*”²⁰.

Este trabalho comparará as séries de representações literárias produzidas em campos separados no tempo – como no caso de *Homage to Catalonia* -, e no espaço. Guardam entre si profundas semelhanças que permitem a construção de uma matriz comparativa, ainda que, dado o recorte – principalmente – não se enquadrem nas propostas tradicionais. Por conta disso, lançarei mão dos elementos norteadores compartilhados por elas e me afastarei naquilo que a especificidade do meu objeto exige.

A interdisciplinaridade e a defesa de novas abordagens e dimensões para a história me parecem no centro das preocupações que alimentaram a História Comparada ao longo do século XX. Ela teve que enfrentar a inadequação de suas velhas formas dada montagem de um cenário de interações globais e as catástrofes resultantes da incapacidade de diálogo entre os diferentes. “*Comparar, era de algum modo abrir-se para o diálogo, romper o isolamento, contrapor um elemento de ‘humanidade’ ao mero orgulho nacional, e, por fim, questionar a intolerância recíproca entre os homens*”²¹. Desta forma, minha pesquisa se aproxima da História Comparada em método e no espírito que atravessa a geração dos netos da Guerra Civil Espanhola.

¹⁹ Ibid. p. 2.

²⁰ Ibid. p. 27.

²¹ Ibid. p. 9.

No primeiro capítulo é trazida a obra do inglês George Orwell *Homage to Catalonia* que foi a primeira a ser publicada das três aqui analisadas nesse trabalho. Nesta temos o relato pessoal de um estrangeiro, testemunha ocular e engajado, que expressou o estranhamento e empatia em suas páginas. Os pontos principais trabalhados neste capítulo são: a participação dos estrangeiros na Guerra Civil Espanhola; a atuação das milícias republicanas; o cotidiano na zona vermelha; e, principalmente, pluralidade ideológica e as tensões internas do lado republicano.

A seguir, tratarei do livro *Un Millón de Muertos*. Neste segundo capítulo avalio o esforço pela recuperação dos traumáticos eventos da Guerra Civil Espanhola realizado por Jose Maria Gironella em meio à liberdade condicionada pela ditadura. Ressalto temas como: a repressão vivida pela sociedade espanhola; a vida nas duas zonas espanholas; os dilemas que o espanhol comum, de classe média, sofria durante o conflito; a barbárie, a fome e a impossibilidade de manutenção das rotinas.

No terceiro capítulo será analisada a obra *Soldados de Salamina*, dando ênfase ao fato de ter sido publicada próximo ao período de estabelecimento da *Ley de Memoria Histórica*, que buscava valorizar todas àquelas histórias silenciadas pela ditadura do General Francisco Franco, mostrando o surgimento do interesse dos chamados “netos dos combatentes” pela história dos seus antepassados e do seu país. Além disso, o capítulo levanta a questão do heroísmo e da possibilidade de encontrar a virtude em meio aos eventos que se desdobraram entre os anos de 1936 e 1939.

No último capítulo realizo a análise das práticas de representação e produção de sentido a partir da abordagem de uma História Comparada. Foi dada especial atenção para a caracterização dos “lados” que atuaram no conflito, em sua diversidade, em suas reduções e nos seus silêncios.

1. Engajamento e estranhamento *Homage to Catalonia*

George Orwell – pseudônimo utilizado por Eric Blair – nasceu em Bengala, Índia em 1903, território que na época pertencia a Coroa Britânica. Em sua juventude ingressou na Polícia Imperial Britânica, onde desenvolveu grande senso crítico, principalmente quanto à administração britânica sobre as colônias ultramarinas²². Logo escreveu um dos seus primeiros contos “*The Hanging*”(1931), que “*reflete a desumanidade das execuções de prisioneiros birmaneses*”²³. Logo em seguida, publica o “*Burmese Days*”(1935), onde se posiciona contra a autoridade inglesa, pois “*o escritor acreditava que seria necessário garantir liberdade e democracia às colônias, para que o próprio Reino Unido não perdesse sua liberdade e democracia*”²⁴.

Por volta de 1928, criou o pseudônimo pelo qual seria conhecido pelo resto de sua vida, George Orwell. Nesse período, trabalhava disfarçado de mendigo e em um hotel de luxo em Paris, com receio de ser descoberto, começou a usar esse pseudônimo. A investigação deu origem ao livro “*Na pior em Paris e Londres*”. A partir daí, começou a se interessar pelo socialismo.

Assim, quando têm início a Guerra Civil Espanhola, Orwell vê a oportunidade de lutar contra o fascismo, sistema político que estava em ascensão na Europa, temido pelo britânico. Além disso, seria uma forma de “*tentar encontrar um sentido para a sua existência em constante revolta*”²⁵. Porém, para Orwell conseguir viajar para a Espanha, não foi fácil, porque Harry Pollit, presidente do Partido Comunista Inglês, se recusara a fornecer o credenciamento político por causa da ortodoxia do britânico, pois o Partido Comunista Inglês era de alinhamento stalinista. Apenas consegue a documentação necessária após falar com Fenner Brockway, ligado aos trotskystas. Devido a isso, não pôde ir para as Brigadas Internacionais, mas sim para a milícia do P.O.U.M.²⁶, sendo enviado a Barcelona, ao invés de a Madri, transferência que tentou conseguir até sua saída prematura da Espanha, por causa de um grave ferimento a bala em sua garganta,

22 TREVAS, Leonardo. **George Orwell e o Jornalismo Literário: um estudo de “Na pior em Paris e Londres”**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.p. 2.

23 Ibid. p. 2

24 Ibid. p. 3.

25 Ibid.

26 POUM: Partido Obrero Unificado Marxista

que deixaria seqüelas até o final de sua vida, inclusive problemas respiratórios que contribuíram para a sua morte.

Assim, George Orwell escreve o livro *Homage to Catalonia* (*Lutando na Espanha*) baseado em suas experiências na Guerra Civil Espanhola, onde esteve até 1937, mesmo ano que começou a escrever a obra. Antes mesmo do final da guerra o livro é publicado, em 25 de abril de 1938, pela Editora Martin Secker and Warburg²⁷. Posteriormente, em 1942, o ensaio *Looking Back on the Spanish War* (Recordando a Guerra Civil), foi acrescentado, dessa maneira, *Lutando na Espanha e Recordando a Guerra Civil*, passaram a compor “o quadro crítico da obra orwelliana sobre a Guerra Civil Espanhola”²⁸. Um equívoco freqüente sobre o título do seu livro é que a admiração – homenagem – não se refere ao povo catalão enquanto cultura ou nação, mas sim, celebrava a epifania política, homenageando as pessoas que ele encontrou na Catalunha, com os ideais libertários²⁹.

Naquele momento ainda vivia uma “lua de mel” com os comunistas³⁰. De acordo com Carlos Gohn, “*explica-se, assim, a falta de percepção inicial por parte de Orwell quanto às sutilezas da disputa fratricida entre grupos de combatentes na ala republicana, que transformava a guerra num conflito ‘triangular’*”³¹. Dessa maneira, “*inebria-se com a euforia popular durante as radicais mudanças sociais e políticas, mas na ressaca dos acontecimentos sofre uma amarga desilusão com a restauração da velha ordem e o início das perseguições política entre os republicanos*”³². Logo o grupo de que Orwell fazia parte foi acusado de traição, seguindo-se as de prisões de vários dos seus membros.

Inicialmente, o livro de Orwell foi escrito como relato jornalístico, assumindo posteriormente caráter de denúncia³³. *Homage to Catalonia* é uma acusação às ditaduras e defesa da democracia como um direito de todos os povos, algo que explica sua tardia

27 GOHN, Carlos. **George Orwell e os desdobramentos literários de uma presença no front**. In: **Revista Aletria**, jan.-jun. – n.2, Minas Gerais: 2009 pp. 217-224.p. 221.

28 SILVA, Matheus. **Memórias de uma guerra perdida: memória, identidade e imprensa na crítica orwelliana à repercussão da Guerra Civil espanhola, 1937-1942**. ANPUH/SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.p. 2.

29. *Op.cit.* P. 220.

30. *Ibid.*p. 218.

31 *Ibid.* p. 218.

32 *Ibid.* p. 142.

33 SILVA, Matheus. *Opcit.* p. 5.

tradução em Portugal em 25 de abril de 1974³⁴. Mesmo que este livro seja considerado “um dos grandes trabalhos do realismo literário do século XX, assumiu, já na década de 1940, papel central na crítica político-social europeia sobre o conflito”³⁵, foi publicado nos Estados Unidos da América apenas em 1952, uma vez que desagradava tanto comunistas e quanto capitalistas, alguns chegavam a distorcer o pensamento de Orwell o chamando de anticomunista por causa das suas críticas. As edições italiana e brasileira foram lançadas em 1948 e 1967, respectivamente.

Orwell começa o livro narrando o surpreendente ambiente revolucionário que encontra em Barcelona, ao se deparar com uma sociedade conservadora imersa em profundas mudanças. O autor destaca, por exemplo, o fato das pessoas não se tratarem mais como “usted”, apenas como “tu” ou “camarada”. Existia um grande esforço em superar qualquer estrutura hierárquica, a existência de superiores e subalternos, numa espécie de ensaio para a criação de uma sociedade sem classes. Porém, em seu livro, “*não resiste a qualificar de ‘patético’, e ingênuo o idealismo político-social dos espanhóis, numa atitude ambígua, presente em toda a sua obra, caracterizada pelos elogios, seguido de críticas depreciativas [...]*”³⁶.

Homage to Catalonia tem como uma das características o uso predominante do discurso direto, fazendo a combinação do relato da experiência vivida com reflexão posterior sobre aqueles fatos³⁷. “*Como nos romances do século 18, diz Berga, o autor interrompe a voz narrativa e insere comentários sobre as razões pelas quais escreve*”³⁸. Orwell nega que se tratasse de um livro de propaganda, mas “*afirma relatar os fatos com objetividade e de forma imparcial, referindo que a maioria das notícias da época eram manipuladas e muitos dos livros continham falsidades*”³⁹. É possível perceber que em diversos momentos do livro o autor estava preocupado com o que ele acreditava ser o verdadeiro relato, ou seja, a verdade.

34 CERQUEIRA, João. **Arte e literatura na Guerra civil de Espanha**. Porto Alegre: Zouk, 2005. p. 140.

35 SILVA, Matheus. *Op.cit.* p. 6.

36 CERQUEIRA, João, *Op.cit.* p. 143.

37 GOHN, Carlos. *Op.cit.* p. 222.

38 Ibid. p. 223.

39 CERQUEIRA, João. *Op.cit.* P. 149.

No início do texto, Orwell se coloca como um simples voluntário apolítico, omitindo o total conhecimento que tinha acerca do conflito espanhol. Logo em seguida, porém,

revela-se um outro Orwell, o analista bem informado que dissecava metodicamente as divisões da esquerda espanhola para expressar a sua visão dos acontecimentos: expõe falsidades da mídia e as purgas estalinistas, mas também explica as razões da Guerra e a ascensão do fascismo na Europa⁴⁰.

De acordo com Cerqueira, diferente do que ocorreu com Hemingway, a Guerra Civil Espanhola não deu a Orwell prestígio ou retorno financeiro, apenas “*descrença nos sistemas políticos e nos governantes, angústia quanto à possibilidade de a democracia ser aniquilada pela ditadura, terror perante a suposição de o passado ser apagado*”⁴¹. De 1938, ano de publicação, até o ano da morte de George Orwell, a obra havia vendido apenas 900 exemplares⁴². Só depois da publicação em 1948 do *Animal Farm (Revolução dos bichos)* e 1949 do *1984* que *Homage to Catalonia* foi traduzido em diversos idiomas, se tornando um clássico da literatura sobre a Guerra Civil Espanhola⁴³.

George Orwell, durante sua vida, deu bastante ênfase a obras nas quais o estado se impõe sobre o cidadão indefeso. Apesar de sonhar com um mundo igual e fraterno, via que o futuro reservava quase uma escravidão, onde os homens teriam seus pensamentos controlados. Essas ideias são claramente perceptíveis nas obras *Revolução dos Bichos* e *1984*, obras repletas de pessimismo sobre a humanidade.

Para Cerqueira,

O drama de Orwell é ser um socialista desiludido com a aplicação prática do Socialismo, mas igualmente crítico de democracia capitalista. Nenhum modelo de governação *da sua época* o satisfaz, o que lhe vale o rótulo de utópico e de fantasista. As críticas ao sistema colonial britânico transformam-no num marginal no seu próprio país, desprezado inclusive pelos trabalhadores que o encaram como um intelectual excêntrico.⁴⁴

⁴⁰ Ibid. p. 153.

⁴¹ Ibid. p. 142.

⁴² GOHN, Carlos. *Opcit* p. 220

⁴³ GOHN, Carlos. *Opcit* p. 220

⁴⁴ Ibid. p. 141.

1.1. Os estrangeiros

“Sois o exemplo heróico da solidariedade democrática e da solidariedade do mundo”.

La Passionaria

Quando a Guerra Civil Espanhola teve início, os olhos do mundo, principalmente da Europa, se voltaram para o conflito, pois se tratava de uma guerra onde estavam em disputa os principais sistemas políticos do momento: Democracia, Comunismo e Fascismo. Por causa disso, atraiu inúmeros voluntários⁴⁵, sendo chamada por alguns historiadores de última guerra romântica⁴⁶, porque *“talvez não volte a acontecer um fenômeno bélico como a Guerra Civil Espanhola, que atraiu milhares de voluntários de diversas nacionalidades, etnias e religiões, dispostas a dar a vida pela defesa da causa que acreditavam representar a Liberdade e a Democracia”*⁴⁷. Esses estrangeiros eram atraídos pelo *slogan* que dizia que a Espanha seria “o túmulo do fascismo”⁴⁸. O próprio George Orwell se voluntariou ainda na Inglaterra para lutar contra o fascismo e, quando chegou à Barcelona, encontrou muitos outros como ele.

Enquanto eles conversavam em torno da mesa alguma observação feita por um deles assinalou o fato de eu ser estrangeiro. O italiano ergueu a cabeça e perguntou imediatamente:

- Italiano?

- No, Inglês. *Y tu?* – retorqui, em meu fraco espanhol.

- Italiano⁴⁹.

Alguns estrangeiros que lutaram pelos legalistas já estavam em Barcelona quando houve o levante, pois em 20 de julho começariam as Olimpíadas dos

⁴⁵ Por causa do Pacto de Não-Intervenção assinando pela França, Inglaterra, EUA, URSS, Itália e Alemanha não poderia haver ajuda oficial à Espanha, nem a venda de armas, por isso os estrangeiros que iam eram voluntários. Mesmo assim, URSS, Itália e Alemanha não respeitaram o pacto, ainda que o primeiro tomassem mais precauções para que isso não se tornasse tão público. O único país que declarou apoio oficial à República Espanhola foi o México.

⁴⁶ CERQUEIRA, João. *Opcit.* p. 24.

⁴⁷ Ibid. p. 24.

⁴⁸ THOMAS, Hugh. *Opcit.* p. 359.

⁴⁹ ORWELL, George **Lutando na Espanha e o Ensaio: Recordando a Guerra Civil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967. p. 4.

Trabalhadores. Se encontravam na cidade diversos participantes, outros tantos estavam a passeio, por ser tratar do período de férias de verão da Europa⁵⁰. Estes lutaram a Guerra Civil Espanhola desde o seu início, principalmente nas milícias. Vale lembrar que, por causa do Pacto de Não-Intervenção, os estrangeiros que partiam para território espanhol com o objetivo de lutar na guerra eram chamados de voluntários, já a extinta Liga das Nações utilizava o termo “combatentes não espanhóis”⁵¹.

Ainda que Orwell tenha participado da guerra como miliciano, existiam as Brigadas Internacionais, onde se encontravam a maior parte dos estrangeiros. Essas brigadas – que iniciaram o alistamento em setembro de 1936 – foram criadas pelo próprio Comintern, com organização central localizada em Paris, na sede do Partido Comunista Francês⁵². Estima-se que nos primeiros meses de 1937, cerca de 800 voluntários estrangeiros chegavam por semana à Espanha⁵³. Curiosamente, nos primeiros meses de alistamento, os voluntários não sabiam que os responsáveis eram comunistas. Estes eram incumbidos de passar clandestinamente àqueles que se voluntariavam, frequentemente de maneira rústica⁵⁴. Paul Preston afirma que “quando os voluntários chegavam a Barcelona, eram saudados com bandas de música e por multidões que lhes desejavam boas vindas”⁵⁵.

Apesar do Comintern organizar os brigadistas, não se exigia semelhante filiação ideológica e partidária - estima-se que mais ou menos 40% destes voluntários não eram comunistas -, mas uma vez na Espanha muitos assumiriam tal posicionamento⁵⁶. Entre os voluntários americanos, por exemplo, estima-se que cerca de 80% se filiou ao Partido Comunista, mas o deixaram assim que a guerra acabou e voltaram a sua terra natal⁵⁷.

As Brigadas Internacionais eram compostas por todo tipo de homens, como aventureiros, bandidos e covardes, mas, segundo Matthews, estes logo se retiraram ou

⁵⁰ MATTHEWS, Herbert. *Opcit.* p. 199.

⁵¹ Ibid. p. 141.

⁵² BENNASSAR, Bartolomé. **El infierno fuimos nosotros: la guerra civil Española (1936-1942...)**. Madri: Taurus, 2005. p. 140.

⁵³ SALVADÓ, Francisco Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.120.

⁵⁴ PRESTON, Paul. PRESTON, Paul. **A Guerra Civil de Espanha**. Lisboa: 70 Edições. 1996. .p. 125

⁵⁵ Ibid. p. 126.

⁵⁶ MATTHEWS, Herbert. *Opcit.* p. 197.

⁵⁷ Ibid. p. 203.

foram expulsos⁵⁸. Havia ainda intelectuais, escritores (como por exemplo André Malraux), cientistas e trabalhadores comuns. Devido ao grande número de estrangeiros de origens diversas, as brigadas eram divididas por grupos linguísticos. Os franceses compõem o grupo de estrangeiros que mais participou da Guerra Civil Espanhola ao lado da República. Orwell destaca a atuação deles, mostrando o agradecimento demonstrado pelos espanhóis:

Recordo-me bem que alguns dias antes de deixar o quartel, chegaram da linha de frente, em licença, diversos combatentes, e falavam animadamente de suas experiências, mostrando-se cheios de entusiasmo por soldados franceses que estiveram a seu lado em Huesca. Os franceses eram muito valentes, diziam eles, e acrescentavam automaticamente: '*Más valientes que nosotros*'⁵⁹.

Os franceses, principalmente os do sul da França, logo espontaneamente se solidarizaram com a república espanhola e muitos, antes das brigadas internacionais alistarem voluntários, cruzaram a fronteira em direção à Catalunha⁶⁰. Como já foi dito, o comando central das brigadas se encontrava em Paris, mas, além disso, havia mais cinquenta agências de recrutamento em todo o território francês. Nenhuma outra nação estrangeira se fez mais presente do que esta, com estimativa de mais ou menos 12 mil voluntários⁶¹ e aproximadamente 3 mil baixas. A maior parte dos franceses – algo em torno de 57% - eram filiados ou simpatizantes do Partido Comunista⁶².

Outro grupo que foi representado por Orwell em seu livro *Homage to Catalonia* foram os italianos:

- *Extranjeros* – disse alguém. – São italianos.
Não podia haver dúvida de que fossem italianos, pois nenhum outro povo poderia ter-se agrupado de modo tão pitoresco, ou respondido aos acenos da multidão com tanta graça – graça que não era menor pelo fato de metade deles estar bebendo diretamente nas garrafas de vinho voltadas para cima⁶³.

Muitos italianos, bem como alemães, estavam exilados por causa dos governos fascistas de Mussolini e de Hitler em seus respectivos países, resolvendo lutar a

⁵⁸ Ibid. p. 198.

⁵⁹ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 13.

⁶⁰ BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 139.

⁶¹ Ibid. p. 140

⁶² Ibid. p. 140.

⁶³ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 200-201.

Guerra Civil Espanhola como forma de combater o crescimento do fascismo na Europa, uma maneira de contra atacar⁶⁴. O número de exilados italianos que combateram na guerra espanhola foi de 3.500, dos quais, 600 a 700 perderam sua vida⁶⁵. Também existiam italianos combatendo ao lado dos rebeldes, porém, estes eram soldados enviados pelo *Duce*. Salvadó menciona o episódio em que a força expedicionária italiana entra em choque com os voluntários do Batalhão Garibaldi, iniciando, então, uma guerra civil dentro da Guerra Civil⁶⁶.

Os judeus também participaram com grande número, inclusive. Orwell relata que um dos comandantes que conheceu era “*Levinski mas conhecido como de todos como Benjamin e judeu polonês de nascimento mas falando francês como se fosse sua língua materna [...]*”⁶⁷. Cerca de 10% dos voluntários eram constituídos dos judeus, arrastados para a Guerra Civil Espanhola em função da intervenção do Terceiro Reich.⁶⁸ Matthews teria ouvido “*que os judeus do batalhão haviam combinado entre si lutar com uma bravura excepcional para desfazer a difamação histórica de que os judeus não são bons combatentes*”⁶⁹.

Apesar dos brigadistas serem pessoas que se voluntariavam, estes não poderiam deixar seu batalhão quando bem quisessem, ao contrário do que muitos pensaram no momento do alistamento. Por isso, era necessário que seus comandantes impusessem disciplina, como execuções por covardia ou traição. Um desses exemplos foi o que André Marty fez durante a retirada de Aragão.

Desejando impor um exemplo aos soldados espanhóis, Marty mandou alinhar um Batalhão de Internacionais (creio que era a Décima Quarta Brigada, que continha franceses, belgas e alguns outros voluntários da Europa ocidental) e pediu que dessem um passo em frente voluntários dispostos a darem suas vidas diante de pelotões de fuzilamento para mostrarem como os valentes morrem. Houve alguns voluntários – não sei quantos – e morreram. O incidente é típico tanto da coragem louca de muitos dos Internacionais quanto da cruel insanidade de André Marty.⁷⁰

64 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 123.

65 MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 205.

66 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 124.

67 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 22.

68 MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 204.

69 Ibid. p. 206.

70 MATTHEWS, Herbert *Op.cit.* p. 209.

As Brigadas Internacionais foram consideradas importantes, principalmente na batalha de Madri em 8 de novembro de 1936. Costuma-se valorizar a participação das brigadas, principalmente pela imprensa internacional do período, sendo chamados de “salvadores de Madri”⁷¹. Porém, calcula-se que na batalha pela defesa da capital apenas 5% do total da forças era de brigadistas⁷². A chegada da Décima Primeira Brigada Internacional, comandada pelo general soviético Emilio Kleber, animou os republicanos e milicianos, principalmente após a fuga dos comandantes do governo. Fato curioso é que os prisioneiros pertencentes às brigadas não eram considerados presos de guerra, mas sim marginais que logo seriam executados.

Em fevereiro de 1937 foi proibida a entrada de voluntários estrangeiros para lutarem na guerra, mas esta proibição não alterou o fluxo que permaneceu até a retirada de todas as brigadas. Finalmente, em 21 de setembro de 1938 o Primeiro Ministro Juan Negrín anunciou na Liga das Nações que iria retirar do território espanhol todos os não espanhóis que combatiam ao lado da República, com a finalidade de dar um caráter nacional ao conflito⁷³. Existe uma discordância entre Hugh Thomas e Herbert Matthews sobre de quem teria partido a ordem de retirar os estrangeiros, pois para o primeiro, teria sido de Stálin⁷⁴, porém, o momento em que a guerra se encontrava e a tentativa de acordo com os nacionais realizada pelo Primeiro Ministro Negrín, indicam que a ordem teria partido deste último.

No dia 22 de setembro de 1938, um dos símbolos da luta espanhola, *La Pasionaria* dirigiu um discurso aos voluntários das Brigadas Internacionais:

Camaradas das Brigadas Internacionais! Razões políticas, razões de Estado, a felicidade da mesma causa pela qual oferecestes o sangue com generosidade ilimitada, estão vos mandando de volta, alguns para seus próprios países, outros para o exílio forçado. Podeis ir cheios de orgulho. Sois a História, sois a lenda. Sois o exemplo heróico da solidariedade democrática e da solidariedade do mundo. Não vos esqueceremos. Quando a oliveira da paz estender suas folhas, misturadas aos lauréis da vitória da Espanha Republicana – voltai!⁷⁵

⁷¹ BUADES, Josep. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 133.

⁷² Ibid. p. 133.

⁷³ MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 221

⁷⁴ Ibid. p. 222.

⁷⁵ THOMAS, Hugh. *Op.cit.* V. 2. p. 286.

1.2. As milícias

Os que restam são duros, com rostos enegrecidos e expressões indiferentes, e, depois de sete meses, conhecem bem seu trabalho.

Hemingway

O levante dos militares ocorreu em 18 de julho de 1936, com a justificativa de impedir um golpe comunista. Em 1936 foram encontrados documentos secretos que seriam chamados por seus autores – espanhóis comunistas e pelo governo de Moscou – de “o movimento subversivo”⁷⁶. De acordo com esses documentos, o golpe aconteceria entre 11 de maio e 29 de junho⁷⁷, derrubando o governo da Frente Popular, instaurando o governo comunista, vinculado a União Soviética. Porém, mais tarde, foi revelado que esses documentos não passaram de uma fraude para legitimar a rebelião dos militares.

O levante contou com parte considerável do corpo militar espanhol, sobretudo aqueles com experiência em ação, além de estarem sob suspeita quanto a sua fidelidade⁷⁸. Casares Quiroga não acreditava na ameaça militar, por isso, quando se deu a rebelião, a República não estava preparada, “o governo não possuía qualquer controle real e não sabia o que acontecia pela Espanha”⁷⁹. As milícias de voluntários republicanos se mostraram muito importantes para conter o avanço dos revoltosos pelo território espanhol, enquanto o governo organizava suas forças. Essas milícias, em sua maior parte, foram organizadas por partidos de esquerda, que provaram ter alta capacidade de organização militar, possibilitando à República tempo para organizar um exército regular.

O escritor britânico George Orwell se alistou como voluntário para lutar nas milícias, como já mencionado no início do capítulo, e afirmou em seu livro que “*um moderno exército mecanizado não brota do chão, e se o governo houvesse aguardado até dispor de tropas treinadas, jamais seria oferecida qualquer resistência a*

⁷⁶ SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 132.

⁷⁷ Ibid. p. 132.

⁷⁸ BAUDES, Josep. *Op.cit.* p. 80

⁷⁹ SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 136.

Franco”⁸⁰. Orwell destaca a importância das milícias logo nos primeiros dias da guerra. Porém, vale ressaltar que a maior parte dos assassinatos realizados no território republicano, logo nos primeiros dias do conflito, são de responsabilidade dos milicianos, como por exemplo, as “colunas de libertação dos camponeses”, comandadas por Durruti e Ortiz, que na província de Zaragoza, mataram 700 pessoas⁸¹.

Em diversas passagens George Orwell destaca a indisciplina dos milicianos, frequentemente desrespeitando seus superiores, pois deveria haver “igualdade social entre todas as patentes”⁸².

Não havia qualquer disciplina, e quando um deles não gostava de determinada ordem saía das fileiras e ia discuti-las veementemente com o oficial o tenente que nos proporcionava instrução era um rapaz forte e de expressão animada, que fora anteriormente oficial do Exército Regular e ainda o parecia ser, com seu uniforme impecável e porte marcial⁸³.

Os oficiais tinham dificuldade em se impor sobre os seus “subalternos”, já que se o fizessem da maneira tradicional das forças armadas, poderiam ser vistos com desconfiança e acusados de contra-revolucionários⁸⁴. De acordo com Buades, “*na hora de ordenar a um ataque, cada pelotão decidia em assembléia ou por votação democrática se secundava ou não a instrução recebida*”⁸⁵. Por vezes, Orwell se sentia incomodado com essa prática: “[...] a bagunça aparente, a falta geral de treinamento e o fato de que muitas vezes precisava discutir cinco minutos antes de ver uma ordem obedecida, causavam-me espanto e fúria”⁸⁶.

Orwell ainda destaca

Num exército de trabalhadores a disciplina é, teoricamente, voluntária. Ela se baseia na fidelidade à classe, enquanto que a disciplina de um exército burguês de conscritos baseia-se, em instância suprema, no medo. (O Exército Popular que substituiu as milícias situava-se em algum ponto intermediário entre os dois tipos) Nas milícias as afrontas e abusos quem tem lugar num exército comum jamais seriam toleradas um só

⁸⁰ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 30.

⁸¹ BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 98.

⁸² ORWELL, George. *Op.cit.* p. 9.

⁸³ Ibid. p. 9.

⁸⁴ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 81.

⁸⁵ Ibid. p. 81.

⁸⁶ ORWELL, Goerge. *Op.cit.* p. 31.

instante. Existiam as punições militares normais, mas somente eram invocadas por transgressões muito graves. Quando um homem se recusava a obedecer a uma ordem, não se promovia imediatamente seu castigo; fazia-lhe primeiramente um apelo em nome da camaradagem. As pessoas cínicas e que tenham experiência e que não tenham qualquer experiência com o trato de homens dirão logo que isso jamais daria resultado, mas a bem da verdade dá resultado, sim, a longo prazo. A disciplina das piores turmas de milicianos melhorou visivelmente ao passar do tempo⁸⁷.

A disciplina “revolucionária” depende da consciência política, de uma compreensão do motivo pelo qual as ordens devem ser obedecidas. Leva tempo para isso ser aprendido, mas também leva tempo a transformação de um homem num autômato, no quartel militar comum⁸⁸.

Algumas palavras usadas por George Orwell são bastante significativas, mostrando o seu posicionamento ideológico sobre o conflito, principalmente ao dizer que o exército tradicional é o “exército burguês de conscritos” e seus soldados homens autômatos. Orwell não estava apenas defendendo a República democraticamente eleita, ou seja, a democracia, mas também os pensamentos anarquistas da sua milícia, chamada Carlos Marx⁸⁹, na frente de Aragão.

Um dos problemas das milícias era que cada uma delas funcionava como um exército independente, onde cada grupo de milicianos “*tomava as decisões por sua conta e risco e sem consultar os outros*”⁹⁰. Havia rivalidade entre as unidades e o orgulho partidário atrapalhava, mostrando-se, por vezes, mais forte do que o sentimento de defesa⁹¹. Matthews menciona a curiosidade de que “*os bascos só lutavam pelo seu território; os catalães eram sempre combatentes relutantes e ineficazes quando na frente de Madri*”⁹². Buades ainda destaca que os mais difíceis de comandar eram os anarquistas – grupo a que Orwell pertencia –, porque não aceitavam as ordens de seus superiores. Os anarquistas, também chamados de libertários, “*repugnavam a ideia de que alguém pudesse mandar em outro indivíduo e consideravam que o seu projeto de revolução social seria incompleto se o Exército não fosse incluído nele*”⁹³. Mesmo assim, o Quinto Regimento, em Madri, foi

87 Ibid. p. 30.

88 Ibid. p. 31.

89 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 80.

90 Ibid. p. 81.

91 MATTHEWS, Hertbet. *Op.cit.* p. 97.

92 Ibid. p. 97

93 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 81.

exemplo de disciplina, revelando figuras importantes como Juan Modesto e Enrique Lister.

Outro problema enfrentado pelas milícias, que também é relato por Orwell, foi o despreparo dos voluntários para o combate e a desorganização na distribuição de material. O escritor chega a chamar os uniformes dos milicianos que eram distribuídos, de “multiformes”, já que além de não respeitarem a numeração dos homens, também, não seguiam um padrão definido⁹⁴. Normalmente os milicianos trajavam vestes típicas de operários que consistia em uma calça marrom e uma camisa branca, outras vezes, macacão azul ou acinzentado, com um pano vermelho no pescoço⁹⁵.

Durante o treinamento, o inglês destaca a ausência de armas:

Mas aquela montoeira de crianças entusiasmadas, que iam ser despejadas na linha de frente dentro de poucos dias, não aprendeu sequer a disparar um fuzil ou a tirar o pino de uma bomba. Naquela época eu não percebia que isso devia-se ao fato de não haver armas para distribuir aos homens⁹⁶.

O treinamento dos milicianos, muitas vezes, se limitava a aprender a marchar e formar filas. Como no caso da unidade de Orwell, “*alguns oficiais e suboficiais do exército republicano compartilhavam sua experiência militar com esses recrutas improvisados e lhes davam uma formação marcial mínima*”⁹⁷. Quando finalmente distribuíram as armas, o miliciano se decepcionou

Quando vi a arma que me deram, veio o desalento. Tratava-se de um *Mausser* alemão de 1896, arma com mais de quarenta anos de existência! Estava enferrujada, o ferrolho endurecido, a guarda de madeira rachada. Bastou um olhar pelo cano para ver que estava corroído e além de qualquer esperança. A maioria dos fuzis encontrava-se em mau estado, alguns eram até piores, e nenhuma tentativa foi feita no sentido de entregar as armas melhores aos homens que soubessem como utilizá-las. O melhor fuzil de toda a partida, que tinha apenas dez anos de fabricação, foi dado a um bestinha amalucado e de 15 anos de idade, que todos conheciam como *maricón* (o mariquinhas). O sargento proporcionou-nos uma “instrução” de cinco minutos, que consistiu em explicar como se carregava um fuzil e como se desmontava o ferrolho. Muitos dos milicianos jamais haviam tomado uma arma nas mãos antes, e pouquíssimos, a meu ver, sabiam para que serviam as alças de mira. Foram

94 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 8.

95 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 82.

96 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 10.

97 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 82.

distribuídos cartuchos, cinquenta a cada um, e depois disso entramos em forma, mochilas nas costas e partindo para a linha de frente, que ficava a uns cinco quilômetros de distancia dali⁹⁸.

O governo da Espanha, inicialmente, teve receio de entregar as armas para a população que pedia, mas em seguida teve dificuldade com a distribuição de armamentos, pois se mostravam insuficientes, já que os depósitos de armas eram do exército e parte deles se rebelou contra a República. Os milicianos que usavam os rifles Mauser poderiam se sentir privilegiados já que havia poucas metralhadoras. Em alguns casos mais extremos, os voluntários republicanos lutavam com espingardas, foices, alfanjes e forcados, ou seja, levavam grande desvantagem quando comparados ao exército nacional⁹⁹.

Dada a situação em que as milícias se encontravam, não conseguiram tomar nenhuma cidade, mas, em contrapartida, se mostraram muito eficientes nas ações defensivas, fazendo resistência suicida em Mérida e Badajoz¹⁰⁰, além de conseguirem deter o avanço sobre Madri, surpreendendo os nacionalistas. De acordo com Matthews, *“a milícia legalista era sempre melhor no combate defensivo, em que a coragem e a tenacidade do caráter espanhol se podiam revelar e em que o trabalho de conjunto disciplinado não era tão necessário”*¹⁰¹. Ainda que Orwell diga em seu livro que *“os espanhóis são bons em muitas coisas, mas não na guerra”*¹⁰², *“não há como negar que as milícias apresentaram grandes inovações, sabendo aproveitar ao máximo os seus recursos escassos”*¹⁰³, ou seja, improvisavam muito bem. Porém, mesmo sendo combatentes entusiasmados e obtendo destaque na luta urbana, eram ineficazes quando se tratava de luta em campo aberto¹⁰⁴.

Outro fator que contribuiu para o fracasso das milícias no combate foi a desconfiança existente nos primeiros meses sobre os militares que se mantiveram ao lado da República, pois havia a suspeita de que a qualquer momento poderiam se mostrar

⁹⁸ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 20.

⁹⁹ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 82.

¹⁰⁰ MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 3.

¹⁰¹ Ibid. p. 5.

¹⁰² ORWELL, George. *Op.cit.* p. 13.

¹⁰³ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 81.

¹⁰⁴ GALÁN, Juan Eslava. **Una historia de la Guerra Civil que no va a gustar a nadie**. Barcelona: Planeta, 2011. p. 115.

traidores. Reflexo disso foi que dos três mil oficiais regulares que se mantiveram no lado republicano – de acordo com os cálculos do Alvarez del Vayo, Ministro do Exterior -, apenas quinhentos comandaram tropas em campo de batalha¹⁰⁵.

Aos poucos, as milícias começaram a ser vistas como um problema para o governo republicano, afinal “*os republicanos viam-se paralisados entre o medo dos militares e o conhecimento de que as milícias dos trabalhadores, ao fornecerem a defesa definitiva do regime, representavam uma ameaça a suas formas preferidas de ordem política e social*”¹⁰⁶. Assim, quando o Exército Popular já estava organizado, não havia mais interesse na existência das milícias. George Orwell destaca que

[...] tivera lugar uma propaganda sistemática contra as milícias e a favor do Exército Popular. A situação era bem mais curiosa. A partir de fevereiro todas as forças armadas foram, em teoria incorporadas àquele exército e, no papel, as milícias foram reconstruídas de acordo com o modelo do mesmo, com tabelas diferenciais e soldo, patentes oficialmente publicadas, etc, etc. As divisões se formavam de ‘brigadas mistas’, que deviam compor-se em parte de soldados do Exército Popular e, em parte, de milícias. [...] Até junho pouquíssimas tropas do Exército Popular chegaram à frente de Aragon e, por consequência, as milícias puderam reter sua estrutura separada, bem como seu caráter todo especial. Mas em todas as paredes e muros os agentes do Governo escreveram: ‘Precisamos de um Exército Popular’, e pelo rádio e na imprensa comunista prosseguia uma zombaria incessante e, às vezes, maligna contra as milícias, que eram descritas como mal treinadas, indisciplinadas, etc, etc; o Exército Popular, ao mesmo tempo, sempre se via apresentado como ‘heróico’. De grande parte dessa propaganda advinha a impressão de haver alguma coisa vergonhosa em ter ido voluntariamente para a luta, e algo merecedor de louvor no esperar-se até ser feita a convocação. Durante aquele tempo, no entanto, eram as milícias que sustentavam a linha de frente, enquanto o Exército Popular se adestrava na retaguarda¹⁰⁷.

Parte dos milicianos não queria se juntar ao exército regular, o Exército Popular, principalmente os anarquistas de Barcelona, que desejavam ir ao *front*, mas não para os quartéis, afinal, eram milicianos da liberdade¹⁰⁸. Estas declarações se colocavam contra o governo, favorecendo o separatismo catalão. Posteriormente, as milícias foram extintas, o grupo anarquista do qual Orwell fazia parte, o POUM, foi acusado de traidor e extinto, alguns de seus membros foram presos e fuzilados. Não havia coesão entre os republicanos, muito menos entre as unidades milicianas – existia briga ideológica

105 MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 97.

106 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 137.

107 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 121-122.

108 THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 230.

principalmente entre os anarquistas e comunistas -, por isso, o governo republicano criou o Exército Popular, desfazendo essas unidades.

1.3. O cotidiano na zona republicana

*Venha ver o sangue nas ruas
Venha ver
O sangue nas ruas
Venha ver o sangue
nas ruas...*

Pablo Neruda

Antes da Guerra Civil Espanhola o país era fundamentalmente conservador, mas desde a instauração da Segunda República vinha apresentando alguns avanços modernizadores. Em 1930, a maior parte da população espanhola era católica, ainda que não praticante, ou seja, os ritos como batismo e casamento eram realizados nas igrejas, mas pouquíssimos freqüentavam as missas aos domingos ou se confessavam¹⁰⁹. “Segundo Francisco Peiró, apenas 5% da população rural de Nova Castela cumpriram os preceitos da Páscoa em 1931¹¹⁰. Desde 1871, em algumas regiões espanholas como Andaluzia, Málaga, Sevilha, Granada e Córdoba, surgiram movimentos anticlericais¹¹¹, mostrando que a insatisfação com o clero na Espanha era anterior aos conflitos da década de 1930. Por isso, quando a guerra começou, os republicanos proibiram o culto religioso e as igrejas e conventos receberam novas funções, em muitos casos, preservando seu valor arquitetônico¹¹². Curiosamente, quando George Orwell esteve em um povoado do interior espanhol, ao visitar o cemitério, percebeu algo curioso:

Mas o que realmente me surpreendeu foi a falta quase completa de inscrições religiosas nas lápides, embora todas datassem de antes da revolução. Apenas uma vez, se não me engano, vi um ‘Orai pela alma de Fulano’, o que é comum encontrar nas sepulturas católicas. A maioria das inscrições era puramente secular, com poemas ridículos a respeito das virtudes do falecido. Era uma sepultura, em cada quatro ou cinco, via-se uma pequena cruz ou referência perfuntória ao Céu, que via de regra fora arrancada por algum ateu, equipado com talhadeira e disposição¹¹³.

¹⁰⁹ THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 46.

¹¹⁰ Ibid. p. 46.

¹¹¹ BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 258.

¹¹² Ibid. p. 261.

¹¹³ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 86.

Os primeiros dias da Guerra Civil Espanhola foram marcados pela desordem na zona republicana, multidões enfurecidas contra seus senhores e Igreja. No caso de Barcelona, apenas a Catedral foi poupada e em Madri, o governo conseguiu salvar algumas igrejas e conventos situados no centro da cidade¹¹⁴. Os milicianos quebravam imagens de santos e objetos sagrados. De acordo com Thomas, “*em tempo algum no curso da história da Europa, e talvez mesmo de todo o mundo, viu-se um ódio tão apaixonado à religião e às suas obras*”¹¹⁵. Nesse período muitos religiosos perderam a vida,

Esses grupos revolucionários dirigiram suas ações contra tudo o que a seus olhos representava a sociedade capitalista. Saquearam as companhias de navegação, as fábricas, os hotéis, os grandes armazéns; e, em seguida, ter requisitado [...] Todas as igrejas foram saqueadas e queimadas, exceto São Felipe Neri, São Severino e a Catedral [...] Abriam os caixões das igrejas da Sagrada Família e das monjas da Visitação e expuseram esqueletos no exterior em nome da igualdade diante da morte¹¹⁶.

Em Barcelona, a revolução foi feita majoritariamente pelos anarquistas, diferente do que ocorria na maior parte da Espanha republicana. Pode-se dizer que Barcelona se tornou uma cidade operária¹¹⁷. Os trabalhadores não desejavam ser como os seus senhores, mas sim acabar com os privilégios e luxos deles, porque, segundo Franz Borkenau, o ódio não era econômico e sim moral¹¹⁸. Quando Orwell chegou a Barcelona, viu uma cidade diferente de qualquer outra que tivesse conhecido, fazendo sobre essas impressões uma longa descrição:

Pela primeira vez em minha vida eu estava numa cidade onde a classe trabalhadora se encontrava no poder. Praticamente todas as edificações, fosse qual fosse seu tamanho, foram tomadas pelos trabalhadores e encontravam-se ornamentadas com bandeiras vermelhas, ou com a bandeira vermelha e negra dos anarquistas, e em todas as paredes e muros viam-se a foice e o martelo, e as iniciais dos partidos revolucionários, enquanto quase todas as igrejas foram estripadas, e suas imagens queimadas. Aqui e ali, as igrejas estavam sendo sistematicamente demolidas por turmas de trabalhadores. Em todas as casas comerciais e cafês encontravam-se a inscrição dizendo que foram coletivizadas, e até mesmo os engraxates o foram, trazendo suas caixas de apetrechos nas cores preto e

114 THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 208.

115 Ibid. p. 213.

116 BENASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 96.

117 THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 228.

118 BENASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 270.

vermelho. Os garçons e lojistas encaravam as pessoas frente a frente e tratavam os fregueses como seus iguais. As formas servis e cerimoniais de tratamento desapareceram temporariamente, e ninguém dizia mais ‘Señor’, ou ‘Don’, ou mesmo ‘Usted’, e todos se chamavam ‘Camarada’ e ‘Tu’, dizendo ‘Salud’ ao invés de ‘Buenos dias’. Dar gorjetas era proibido por lei, e uma de minhas primeiras experiências ao chegar fora receber uma sarabanda do gerente de hotel, por querer dar gorjeta ao ascensorista¹¹⁹.

Tratava-se de cidade na qual haviam praticamente deixado de existir as classes ricas. Com exceção de pequeno número de mulheres e estrangeiros, não havia pessoas ‘bem vestidas’, em absoluto. Virtualmente todos usavam roupas brutas de trabalhadores, ou macacões azuis, ou ainda alguma variação do uniforme miliciano. [...] Toda a burguesia fugira, fora morta ou passara voluntariamente para o lado dos trabalhadores, e não percebi que grande número dos burgueses, gente bem de vida, estava simplesmente dissimulando e disfarçando de proletários, enquanto perdurasse aquela situação¹²⁰.

Ainda que as mudanças na zona republicana fossem muitas, elas foram maiores na cidade de Barcelona devido ao fato da revolução ser anarquista, como já mencionado. Como Orwell citou, até mesmo os cumprimentos foram trocados, mas não só isso, “*um homem chamado Fernández de Dios chegou mesmo a escrever ao Ministro da Justiça, perguntando-lhe se podia mudar seu sobrenome para Bakunin ‘pois não queria ter coisa alguma a ver com Deus’*”¹²¹. Em Madri, assim como em Barcelona, as pessoas mudaram a maneira de se vestir por medo de serem acusados de fascistas¹²². Mais tarde, quando Orwell retorna a Barcelona, encontra uma atmosfera um pouco distinta daquela vista antes de partir para o front: o fervor revolucionário dos primeiros dias da guerra se esgotava. Para o britânico, “*nos primeiros meses da revolução devem ter havido muitos milhares de pessoas que deliberadamente vestiram macacões e proferiam refrões revolucionários, como meio de salvar a pele*”¹²³. Por causa dos primeiros dias de revolução, os inúmeros assassinatos e acertos de conta, a população tinha medo de ser acusada de reacionária.

Logo no início do levante nacional, a zona republicana teve reajuste de salários, porque “*havia um desejo genuíno e instintivo de alcançar a igualdade*”¹²⁴. Os salários aumentaram 15%, a semana de trabalho passou a ser de quarenta horas, impuseram a

¹¹⁹ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 5

¹²⁰ Ibid. p. 6.

¹²¹ THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 213

¹²² Ibid. p. 224.

¹²³ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 123.

¹²⁴ MATTHWES, Herbert. *Op.cit.* p. 127.

redução de 25% dos aluguéis que não ultrapassavam 300 pesetas¹²⁵. Porém, os vermelhos começavam a ter dificuldades com o abastecimento, em Madri, por exemplo, foram impostas um série de restrições às pessoas, como: 100 gramas de carne, 50 gramas de sopa e 100 gramas de legumes por dia, entre vários outros itens¹²⁶.

Quando Orwell chegou à Barcelona, percebeu grande desperdício de alimentos: *“Havia um desperdício espantoso de alimentos, em especial o pão. Só de meu alojamento era jogada fora toda uma cesta de pão, a cada refeição, coisa verdadeiramente deplorável quando se sabia que esse gênero estava faltando a população civil”*¹²⁷.

O governo, para manter a linha de frente, optou por sacrificar a retaguarda, ou seja, a população civil que vivia nas cidades, impondo condições de vida bastante difíceis, transformando as pessoas em versões esqueléticas de si mesmas¹²⁸. Como maneira de contornar essa situação, surgiram plantações nas cidades, em varandas e jardineiras, criavam porcos, coelhos e galinhas nas próprias casas e a famosas pombas das praças estavam escassas, tendo em vista que muitas eram caçadas para serem servidas na mesa. Surgia então uma nova culinária, que consistia em: tortilhas sem ovos, mas sim com uma papa de farinha e cascas de laranja; croquetes de creme de arroz¹²⁹.

A alternativa que o governo republicano encontrou para ajudar a população faminta foi a criação de restaurantes especiais para gestantes e as Cartilhas de Abastecimento¹³⁰. Essas cartilhas ajudavam a organizar a distribuição dos itens mais importantes para a sociedade, sendo classificados em três grupos: A) artigos considerados mais necessários; B) artigos não imprescindíveis; C) artigos que não se encontraram nos grupos anteriores¹³¹.

Um dos itens que mais fazia falta era o fumo.

A escassez de fumo era o pior de tudo. De início recebíamos um maço de cigarros por dia, depois isso foi reduzido a oito cigarros diários, e depois cinco. Finalmente tivemos dez dias pavorosos, nos quais não se fez qualquer distribuição de fumo. Pela primeira vez

¹²⁵ ABELLA, Rafael. **La vida cotidiana durante la Guerra Civil: La España republicana**. Barcelona: Planeta, 2004. p. 55-56.

¹²⁶ Ibid. p. 192.

¹²⁷ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 9

¹²⁸ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 359.

¹²⁹ Ibid. p. 358.

¹³⁰ Ibid. p. 360.

¹³¹ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 361.

eu via na Espanha o que pode ser visto a qualquer dia em Londres – gente apanhando guimbas no chão. [...] Na linha de frente todos roubavam, sendo isso o efeito inevitável da escassez [...]132.

A população, com o objetivo de suprir a falta de fumo, começou a fazer mistura de ervas que ardiam de maneira semelhante ao cigarro tradicional, mas não possuía o mesmo sabor¹³³. Assim, uma das queixas de George Orwell era de que mesmo com a escassez, para quem tinha dinheiro, o fumo era sim possível de ser comprado¹³⁴. Abella ressaltava o surgimento de uma nova classe de ricos, aqueles que possuíam os itens que faltavam para o restante¹³⁵. Dessa maneira, apesar dos esforços governamentais, o número de mendigos aumentou nas ruas das cidades como Barcelona e Madri¹³⁶, um dos motivos também eram os refugiados que partiam para estes locais. Somado a isso, a cidade de Madri sofria um dos invernos mais frios de sua história, com 40% dos seus edifícios sem eletricidade¹³⁷.

Enquanto a peseta nacional estava em bom valor, a peseta republicana sofreu grande desvalorização durante o conflito.

A prata fora retirada, e nenhuma outra cunhagem de moedas surgira, de modo que não havia valor divisionário entre a moeda de dez cêntimos e a nota de duas e meia pesetas, ao mesmo tempo em que todas as notas abaixo de dez pesetas mostravam-se muito raras. Para essas pessoas mais pobres isso representava maior escassez de gêneros, e quem tivesse uma só nota de dez pesetas poderia ter de esperar horas a fio, numa fila, para poder chegar à mercearia e não comprar coisa alguma, pois o vendeiro não dispunha de troco¹³⁸.

Os republicanos ficaram com a maior parte do ouro da Espanha, que se encontrava em cofres em Madri – a quarta mais importante fortuna do mundo naquela época¹³⁹ -, porém, por medo de que os nacionais alcançassem a capital, o Primeiro Ministro Negrín decidiu enviar esse ouro para Moscou. Além disso, o governo não fez

132 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 82.

133 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 362.

134 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 124.

135 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 201.

136 Ibid p. 194.

137 Ibid. 201.

138 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 208.

139 BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 124.

um plano econômico, autorizando a emissão de papel moeda mesmo sem divisas, baixando o valor da sua moeda. Curiosamente, em algumas regiões dos vermelhos, principalmente anarquistas, aboliram o dinheiro, usando apenas em transações com o “mundo exterior”¹⁴⁰.

Apesar das dificuldades que os republicanos encontraram, foram mantidos diversos dos avanços alcançados antes o levante militar, por exemplo, a obrigatoriedade da escolarização. Inúmeros milicianos conseguiram se livrar do analfabetismo com a escolas que haviam nos regimentos. Um dos lemas era “*o fuzil de hoje garante a cultura de amanhã*”¹⁴¹. Criaram os *Institutos Obreros*, que tinham como objetivo ensinar os espanhóis de 18 a 35 anos que não tiveram a oportunidade de estudar. Em plena guerra, no ano de 1937, foi elaborado um novo plano de ensino, que abrangia matérias como estudos da natureza, educação física e práticas higiênicas¹⁴². Porém, já no ano de 1938, devido à superioridade aérea nacional, as escolas foram fechadas e transformadas em abrigos¹⁴³.

A condição feminina também sofreu algumas mudanças. As mulheres espanholas eram tradicionalmente esposas e mães, valorizavam características como submissão, modéstia e dedicação à família¹⁴⁴. Foi criada a *Asociación de Mujeres Libres*, uma sessão feminina da CNT-FAI¹⁴⁵ que combatia a prostituição, convencendo os homens a não saírem com meretrizes e estas a deixarem sua função¹⁴⁶. Podemos destacar a importância de Dolores Ibárruri, conhecida como *La Pasionaria*, que significa flor de paixão. *La Pasionaria* pronunciou umas das frases mais famosas da Guerra Civil Espanhola, dita no incentivo à resistência de Madri: *No pasarán!* As mulheres puderam lutar nas milícias ao lado dos homens, ainda que por vezes sofressem com o preconceito.

Havia, ainda, mulheres servindo nas milícias, embora não muitas. Nas primeiras batalhas combateram lado a lado com os homens, como se fosse a atitude mais natural do mundo. É uma coisa que parece natural, em época de revolução. Mas as idéias já estavam em transformação. Os milicianos tinham de ser mantidos fora da escola de equitação,

140 MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 127.

141 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 290.

142 Ibid. p. 297.

143 Ibid. p. 365.

144 NASH, Mary. **Rojas: Las mujeres republicanas en la Guerra Civil**. Barcelona: Taurus. 2000. p. 21.

145 ORWELL, George. *Op.cit.* p. 8.

146 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 73.

enquanto as mulheres recebiam treinamento, porque riam delas e as embaraçavam com sua galhofa. Alguns meses antes, ninguém teria achado graça alguma ao ver as mulheres empunhando armas¹⁴⁷.

Para mim foi bastante humilhante ter de aprender como envergar minhas cartucheiras, e aprender com uma espanhola, a esposa de Williams, o outro miliciano inglês. Era uma criatura gentil, de olhos negros e intensamente feminina, com toda a aparência de que o único trabalho de sua vida estaria em embalar um berço, mas que na verdade lutara bravamente nas batalhas travadas nas ruas¹⁴⁸.

La Pasionaria também se tornou famosa por declarações que iam contra a tradição espanhola, por exemplo, dizia para as mulheres gerarem filhos sem o “estorvo” de um marido¹⁴⁹. As mulheres que vivessem com um homem após dez meses ou estivessem grávidas dos seus companheiros, seriam consideradas pelo governo casadas, ou seja, foi instituído o “casamento pela prática”¹⁵⁰. Porém, “*a vida sexual da Espanha, por exemplo, não pareceu sofrer tão grande convulsão quanto a operada, em todos os países beligerantes, pela Segunda Guerra Mundial, ou a que dominou a Rússia durante sua guerra civil*”¹⁵¹. Talvez tenha acontecido por causa do “puritanismo”¹⁵² dos anarquistas espanhóis, constatado por Ronald Fraser em entrevistas realizadas com mulheres após a guerra¹⁵³. Pilar Vivancos, uma das entrevistadas, afirmou que não casar era viver como animais. Viam com maus olhos as mulheres que se pintavam e o seu marido por permitir que o fizesse¹⁵⁴.

Com o decorrer da guerra, as mulheres republicanas foram assumindo os papéis tradicionalmente femininos novamente, como enfermeiras e cozinheiras. Existiam muitas milicianas que lutavam pelos ideais comunistas e pela república, mas, ao mesmo tempo, outras tantas eram provenientes dos bordéis que foram fechados na zona republicana, tomando como principal tarefa não o combate e sim servir de aconchego para o guerreiro¹⁵⁵. Essa prática propagou inúmeras doenças venéreas nas trincheiras

¹⁴⁷ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 7-8.

¹⁴⁸ Ibid. p. 14.

¹⁴⁹ THOMAS, Hugh. *Op.cit.* p. 21.

¹⁵⁰ Ibid. p. 225.

¹⁵¹ Ibid. p. 224.

¹⁵² Segundo Bennassar, os anarquistas também eram radicalmente contra o homossexualismo.

¹⁵³ BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 270.

¹⁵⁴ Ibid. p. 271.

¹⁵⁵ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 122.

milicianas dos anos de 1936, fazendo com que Durruti retirasse a maior parte das mulheres do seu pelotão¹⁵⁶.

Aos olhos do escritor inglês, as mulheres que não lutavam também mudaram o comportamento: “*As moças da aldeia eram criaturas esplêndidas e bem vividas, com cabelos negros, andar requebrante e uma atitude franca e direta, própria de um homem para outro, talvez o subproduto da revolução*”¹⁵⁷. As mulheres que não combatiam também se mostravam verdadeiras heroínas, de acordo com Rafael Abella, pois cabia a cada uma delas conseguir os víveres da vida cotidiana¹⁵⁸. Por causa da escassez de alimentos, as mulheres iam já bem cedo à sua procura, em filas e até mesmo em povoados vizinhos, andando muitos quilômetros e convivendo com a incerteza em suas buscas¹⁵⁹. Apesar de tudo isso, há o evento que Orwell conta em que, durante a revista no apartamento onde estava sua esposa, não a tiraram da cama, ou seja, mesmo que as mulheres estivessem vivendo um processo de igualdade entre os sexos, havendo ainda a possibilidade de ter metralhadoras e documentos escondidos debaixo de seu colchão, tirar uma mulher da cama no meio da noite de camisola, era demais para os tradicionais espanhóis¹⁶⁰.

¹⁵⁶ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 122-123.

¹⁵⁷ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 85.

¹⁵⁸ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* . p. 357.

¹⁵⁹ Ibid. p. 357.

¹⁶⁰ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 233.

2. *Un Millón de Muertos*: o romance histórico total

O livro *Un Millón de Muertos* faz parte de uma tetralogia¹⁶¹ escrita por José Maria Gironella, onde é contada a saga da família Alvear durante os anos pré e pós-guerra civil. O autor publicou o primeiro em 1953, intitulado *Los cipreses creen en Dios*, já em 1961 publicou a obra que será analisada, *Un Millón de Muertos* – pois é o livro que trata do período da Guerra Civil Espanhola –, as duas sequências foram escritas em 1966 e 1986, consecutivamente, *Há estallado la Paz* e *Los hombres lloran solos*.

José Maria Gironella nasceu na Catalunha em 1917, viveu muito tempo em Gerona – cidade onde reside a família Alvear, de seu romance –, entrando no seminário em 1928, onde, porém, não ficou mais do que três anos. Quando teve início a Guerra Civil Espanhola, não havia escrito nenhuma obra sequer, trabalhava em uma drogaria e militava na *Federación de Jóvenes Cristianos*¹⁶². Assim como o personagem Ignácio Alvear, o autor estava em Gerona, cidade republicana, no momento em que a guerra começou, mas seu posicionamento era favorável aos sublevados. Por isso, fugiu para a França com o objetivo de entrar novamente em território espanhol, nacionalista, se alistando como voluntário na *Primera Compañía de Esquiadores en Zaragoza*¹⁶³. Devido a essas semelhanças com o protagonista Ignácio Alvear, Rosa Eugenia afirma que este personagem se trata do seu *alter ego*¹⁶⁴, seu eu ficcional.

Depois da publicação de alguns romances sem muita expressão, em 1949, quando morava na França, – queria ter distanciamento, inclusive espacial, para escrever o romance –, Gironella começou a produção da obra que o consagraria, e, por vezes, ofuscaria seus demais trabalhos, reduzindo-o apenas à sua tetralogia. *Los cipreses creen en Dios*, o primeiro dos quatro livros, foi publicado em 1953, primeiro na França, em

¹⁶¹ Por se tratar de um livro que foi publicado vinte anos após a seu predecessor, teve menor sucesso de vendas.

¹⁶² FILLIÈRE, Carole. **De la búsqueda de la novela total al encuentro del éxito masivo: la trilogía de José Maria Gironella y su trayectoria como objeto predilecto de la Historia Cultural**. *El Mediterráneo: un espacio de conflictos y de encuentros*, n. 32, 2006. p. 285.

¹⁶³ Ibid. p. 285.

¹⁶⁴ MONTES DONCEL, Rosa. **Entrevista a José Maria Gironella**. *Entrevista a José Maria Gironella*. Moenia: Revista Lucense de Lingüística & Literatura, v. 14, 2008. p. 461.

seguida na Espanha¹⁶⁵. Seus escritos sobre a família Alvear foram bem recebidos pelo público espanhol e estrangeiro, tornando-se o primeiro *best seller* do pós-guerra civil¹⁶⁶.

José Maria Gironella é o único escritor espanhol do século XX a vender seis milhões de exemplares com apenas uma obra¹⁶⁷. Quando a história da família Alvear ainda era uma trilogia, foi traduzida para vinte idiomas, foram mais de doze milhões de exemplares vendidos no mundo, destes, setecentos e cinquenta mil livros vendidos na Ásia¹⁶⁸. Além dos dados apresentados anteriormente que mostram como foi a recepção desta obra, o primeiro dos quatro livros, recebeu o Prêmio Nacional de Literatura em 1953.

Quando José Maria Gironella começou a escrever a sua então trilogia, seguindo os conselhos de Ortega y Gasset, estabeleceu residência na França, buscando com isso o distanciamento mencionado anteriormente, em função das suas intenções de escrever um romance histórico com uma rigorosa reconstrução cronológica, “*desde a proclamação da Segunda República até os anos quarenta, e uma pintura mimética da sociedade espanhola, em toda a complexidade de suas estruturas e mentalidades*”¹⁶⁹. Mesmo tendo lutado pelos nacionalistas durante a Guerra Civil Espanhola, tentou fazer uma reconstrução imparcial. Ainda que não tenha conseguido alcançar a imparcialidade na totalidade da sua obra, deve receber destaque por ter sido o primeiro autor espanhol a fazer um retrato de ambos os bandos, primeira publicação a dar atenção aos vencidos¹⁷⁰. Assim,

a trilogia rompeu com o triunfalismo do poder, e com a estigmatização do inimigo interior realizada pelos autores que encontraram na guerra um tema motor da sua produção, como Agustín de Foxá e sua trilogia *Madrid, de corte a checa* (1938) ou Rafael García-Serrano com *La fiel infantería* (1943)¹⁷¹.

O primeiro livro foi publicado na década de 1950, quando a Espanha começava a viver uma prosperidade econômica, recuperando-se aos poucos da guerra dos anos de 1930. O surgimento, nessa década, da cultura de massa no país talvez seja um dos fatores

¹⁶⁵ Ibid. p. 463.

¹⁶⁶ TRAPIELLO, Andrés. **Las armas y las letras**. Barcelona: Destino, 2010. p. 547.

¹⁶⁷ MONTES DONCEL, Rosa. **Entrevista a José Maria Gironella**. *Op.cit.* p. 462.

¹⁶⁸ FILLÈRE, Carole. *Op.cit* p. 287.

¹⁶⁹ Ibid. p. 287.

¹⁷⁰ Ibid, p. 288.

¹⁷¹ Ibid. p. 289

que permitiram a Gironella obter tanto sucesso comercial nacional, em um tempo onde as fortes marcas da guerra começavam a ser deixadas de lado – nunca foram deixadas de lado em sua totalidade, mas a recuperação econômica ajudou a população a “esquecer” o assunto. Além disso, essa prosperidade econômica também garantiu legitimidade ao governo, fazendo com que este não considerasse necessário censurar um livro que representava tanto nacionalistas quanto republicanos. Segundo Fillière “*Un Millón põe em cena a dualidade da censura e da crítica: A Espanha nacionalista se vê livre de toda responsabilidade assassina, mas o romance introduz certa ambigüidade*”¹⁷². Uma saída interessante que o autor encontrou para retratar a violência do grupo nacionalista foi a criação dos jornalistas estrangeiros, Fany e Bolén. Os dois repórteres viajam pelo país cobrindo a guerra, sendo graças aos jornalistas que o autor

consegue revelar o funcionamento do aparato oficial. Quando em Zaragoza, Bolén tira uma foto de um soldado africano e do cinto de orelhas que este leva, uma patrulha falangista os arrasta no mesmo instante. Os soldados destroem suas fotos, confiscam suas carteiras e os liberam por fim, depois de uma noite de interrogatório ¹⁷³.

Apesar de afirmarem que Gironella se inspirou em *Guerra e Paz* de Tolstoi, o autor o negou durante entrevista para Rosa Eugenia Montes Doncel, afirmando inclusive que até a publicação de *Los Cisprenses Creen en Diós*, não havia lido a obra¹⁷⁴. Na verdade, o autor teria pensado no seu romance como uma forma de resposta aos livros escritos por Malraux, Barea, Koestler, Hemingway e Bernanos, pois estes pecavam por partidatismo na escrita¹⁷⁵. José Maria Gironella conseguiu ter acesso a esses autores por estar vivendo em Paris, visto que essas obras estavam censuradas na Espanha na época.

Muitos personagens da tetralogia foram inspirados em pessoas reais como Carmen Elgazu e Matias Alvear, os quais tem muito em comum com os pais do autor¹⁷⁶. A família Alvear reúne diversos aspectos que definiam a sociedade espanhola do período:

O pai da família, Matias Alvear, é madrilenho e representa a Espanha republicana, comprometida com o processo de luta pelo progresso social. Os irmãos de Matias

¹⁷²Ibid. p. 298.

¹⁷³Ibid. p. 299.

¹⁷⁴ MONTES DONCEL, Rosa. *Op.cit.* p. 465.

¹⁷⁵ FILLIÈRE, Carole. *Op.cit.* p. 289.

¹⁷⁶ MONTES DONCEL, Rosa. *Op.cit.* p. 468.

formam com este um espectro dos movimentos esquerdistas: Arturo é secretário da UGT em Burgos, Santiago anarquista em Madri, e Matias simpatizante socialista até que, ao perder um filho, se vire para uma religiosidade e conformismo que o leva a apoiar os nacionalistas. Carmen Elgazu Alvear, sua esposa, representa o contrário, a Espanha tradicionalista, conservadora e religiosa. De origem basca, expressa a intransigência e o fanatismo de uma parte da população que condena toda a novidade social e científica, movida pelo medo e a ignorância¹⁷⁷.

A filha menor, Pilar, é o arquétipo da jovem honesta e modesta que reproduz o modelo materno católico e intransigente, até alienar-se nas opiniões do marido falangista. César, o filho menor, é um seminarista com vocação mística. [...] O filho maior, Ignácio, centro da família, reúne em si os dois pólos opostos. Encarna o jovem de classe média surpreendido pelos acontecimentos e a amplitude da violência nacional. Representante de uma geração inquieta e sem formação política, Ignácio atravessa os espaços e os grupos sociais a fim de entender-los e entender-se¹⁷⁸.

Curiosamente, o leitor pode perceber que a nobreza não é representada nesses livros e, quando surge algum membro de classes mais baixas, são tratados como inferiores, submissos ou rebeldes. Ou seja, Gironella trata a classe média como principal ator dos eventos do período em questão¹⁷⁹. Outro aspecto que não deve ser deixado de lado é que os eventos de *Un Millón de Muertos* são todos fictícios, a única data real é a de 1º de abril de 1939, o final da guerra.

Apesar de a sua tetralogia ter sido em sucesso tanto entre nacionalistas como republicanos – também desagradou outros tantos de ambos os grupos, também por abordar o tema com uma visão menos partidária de que os demais publicados na década de 1950 na Espanha¹⁸⁰, José Maria Gironella morreu em 2003, pobre e sem reconhecimento. Devido à mudança de governo na década de 1970, foi classificado como escritor católico e simpatizante do governo ditatorial¹⁸¹. Além disso, foi dito que suas obras não eram literatura e não possuía estilo em sua escrita¹⁸². Sem dúvida, a Editora Planeta deve muito aos três primeiros livros da tetralogia que tiveram vendas milionárias, sem os quais, talvez, não teria conseguido se tornar um império editorial¹⁸³. Gironella, porém, se veria relegado ao esquecimento por representar uma ideologia ultrapassada.

¹⁷⁷ FILLÈRE, Carole. p. 295.

¹⁷⁸ Ibid. p. 295.

¹⁷⁹ Ibid. p. 297.

¹⁸⁰ Ibid. p. 308.

¹⁸¹ Ibid. p. 305.

¹⁸² Ibid. p. 306.

¹⁸³ Ibid. p. 306.

2.1. Repressão

La mitad de los hombres morirá para que la otra mitad pueda vivir.

David, personagem

Un Millón de Muertos inicia-se logo após a primeira operação de milicianos em Gerona, quando as pessoas saíram à procura de seus conhecidos e parentes, como o fez Ignacio Alvear, que procurava seu irmão seminarista, César Alvear. As imagens descritas logo nas primeiras páginas são de cadáveres por toda a parte: “*Porque los cadavers estaban allí..., sin haber recibido todavía sepultura. Los cuerpos yacían en el suelo, repartidos entre la ancha avenida central y las dos estrechas avenidas laterales*”[*Porque os cadáveres estavam ali..., sem terem recebido ainda uma sepultura. Os corpos jaziam no chão, divididos entre a ampla avenida central e as duas estreitas avenidas laterais*]¹⁸⁴. Para uma sociedade tradicional, como a espanhola da década de 1930, o significado de enterrar os seus mortos era extremamente importante, sendo parte da aceitação daqueles que permaneceram vivos¹⁸⁵. Assim, percebemos o impacto que pode ter causado à população da cidade ver aqueles inúmeros corpos espalhados nas ruas ao ar livre.

Logo no início da guerra, após o levante dos militares, aqueles que apoiavam a República viram a oportunidade de iniciar a revolução de esquerda – sendo que o levante ocorreu porque, segundo os militares, a revolução comunista na Espanha já estava acontecendo – e, de maneira desordenada, foram em busca de justiça contra indivíduos que consideravam inimigos.

El vicario constestó a Ignacio. Su opinión era que el conflicto no podía individualizarse. El odio no era contra personas, sino contra símbolos. – Matan com los ojos vendados. Matan al propietario y no a Don Jorge.
-Matan al médico y no a Don Fulano de Tal. Matan al seminarista y no a César¹⁸⁶.
[O vicário contestou Ignacio. Sua opinião era de que o conflito não podia individualizar-se. O ódio não era contra pessoas, mas sim contra símbolos.
- Matam com os olhos vendados. Matam ao proprietário e não ao Sr. Jorge. Matam ao médico e não ao Sr. Fulano de tal. Matam ao seminarista e não a César].

184 GIRONELLA, José María. . **Un Millón de Muertos**. Barcelona: Planeta, 1966. p. 21.

185 RODRÍGUEZ, Julio Prada.*Op.cit.*. p. 129.

186 GIRONELLA, José María.*Op.cit.* p. 133.

Essa passagem é interessante levando em consideração que o livro foi escrito durante os anos 1960, sob a égide do regime franquista, que mostrava que os nacionalistas lutaram pela Espanha contra o inimigo, os espanhóis sem fé, comunistas, criando uma dualidade de bons contra maus. O trecho mostra o padre Francisco relativizando a ação dos milicianos para que Ignacio, irmão de César, não achasse que mataram seu irmão por motivos pessoais. Estavam, na verdade, contra antigos símbolos de opressão, identificadas entre eles as imagens religiosas. Nas cidades sob domínio republicano, inúmeras igrejas foram destruídas e estima-se que 6 mil religiosos foram mortos pelos vermelhos¹⁸⁷. Foi lançado em 1937 o livro propagandístico *A perseguição religiosa na Espanha*, onde eram relatados saques à igrejas, destruição de imagens, assassinato de padres, vândalos sujando com urina e fezes as pias batismais, além de violações à freiras¹⁸⁸.

Apesar das afirmações da obra *A perseguição religiosa na Espanha* não serem comprovadas, sabe-se que nos primeiros dias de guerra na zona republicana a violência foi bastante intensa e escapou ao controle do governo enfraquecido. Esteve nas mãos de um povo apaixonado e inflamado, com forte espírito de classe¹⁸⁹. Esses ataques normalmente eram realizados por grupos, multidões enfurecidas, pouco aptas ao raciocínio, mas muito inclinadas à ação¹⁹⁰. Quando o homem está em meio a um grupo, se sente mais capaz de fazer, de agir. Para Le Bon, “o indivíduo isolado pode ser submetido aos mesmos excitantes que o homem da multidão; porém, como sua razão lhe mostra os inconvenientes de ceder a eles, não cede”¹⁹¹. Assim, pode-se afirmar que a multidão não é a soma das partes que a compõe, mas sim, se transforma em algo novo¹⁹².

Aos poucos o governo conseguiu controlar a população que estava em busca de justiça, repreendendo esse tipo de iniciativa. Entretanto, perseguições, prisões e fuzilamentos daqueles que eram simpatizantes dos rebeldes continuaram, incluindo religiosos que desrespeitaram as leis implantadas na zona republicana, mas agora de

187 PRESTON, Paul. **A Guerra Civil de Espanha**. Lisboa: 70 Edições. 1996. p. 95.

188 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 203.

189 THOMAS, Hugh. *Op.cit.* v. 2 . p. 286.

190 LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 21.

191 Ibid. p. 40.

192 SIGHELE, Scipio. **Multidão Criminosa**. Rio de Janeiro: Copyright, 2006. disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/multicrim.html>. p. 3.

maneira organizada, passando por um tribunal. Assim as buscas por traidores permaneceram, sendo este aspecto também abordado por Gironella:

Cuando los milicianos entraban en una casa en busca de alguien sospechoso, se producía lo que el catedrático Morales llamaba la danza de los ojos. Los milicianos, quietos en el comedor o en el pasillo, rodaban lentamente los ojos por todas las partes, al tiempo que dilataban las narices para olfatear. Do mesmo modo, a família de la persona oculta procuraba no traicionarse, evitando por partes iguales el mirar sin querer el esconderiño [...]¹⁹³.

[Quando os milicianos entravam em uma casa em busca de algum suspeito, acontecia o que o que o catedrático Morales chamava de a dança dos olhos. Os milicianos, quietos na sala de jantar ou corredor, rodavam lentamente os olhos por todas as partes, ao mesmo tempo dilatavam os narizes para sentir os cheiros. Da mesma maneira, a família da pessoa oculta procurava não trair-se, evitando olhar o esconderiño].

Uma vez que o possível traidor fosse preso, ainda era preciso conter as *sacas* (retiradas) e *paseos*, quando os presidiários eram levados no meio da noite e mortos de forma extrajudicial, muitas vezes por rixas pessoais anteriores à guerra¹⁹⁴. As *sacas* aconteciam tanto no lado republicano quanto no nacionalista, “*porém as mais conhecidas e de maior alcance foram aquelas ocorridas em Madri entre novembro e dezembro de 1936*”¹⁹⁵.

A Igreja era vista como inimiga dos legalistas já que seus membros foram identificados como o baluarte cultural do *status quo*¹⁹⁶. Além disso,

a Igreja era um inimigo de classe por historicamente abandonar o evangelho da pobreza e da irmandade para acumular riqueza, abençoar a evidente opressão social ao exigir aceitação popular do domínio natural das classes governantes. Além disso, com hostilidade às reformas e a perda de privilégios durante a Segunda República, ela se tornou sustentáculo ideológico da contra-revolução¹⁹⁷.

Por isso, as práticas religiosas foram proibidas, na esfera privada e pública, impondo o ateísmo e desagradando parte significativa da população que com mais ou menos fé, praticava os preceitos católicos¹⁹⁸. A insatisfação com essa regra é mostrada principalmente nos personagens de Carmen Elgazu e Padre Francisco.

¹⁹³ GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 45.

¹⁹⁴ SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 149.

¹⁹⁵ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 241.

¹⁹⁶ SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 149.

¹⁹⁷ Ibid. p. 149.

¹⁹⁸ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 203.

Ignacio transmitió a su madre y a Pilar la invitación de mosén Francisco para que fueran a oír misa en el piso de las hermanas Campistol, las dos mujeres se emocionaron lo indecible. Carmen Elgazu decía a menudo que sin la misa no podía vivir. ‘No será tanto’, socarroneaba Matias Alvear. El caso es que la madre de Ignacio, desde del 18 de julio, había hecho lo imposible para localizar algún sacerdote que celebrara clandestinamente el sacrificio del altar¹⁹⁹.

[Quando Ignácio transmitiu a sua mãe e a Pilar o convite de padre Francisco para que fossem ouvir a missa no apartamento das irmãs Campistol, as duas mulheres se emocionaram muito. Carmen Elgazu dizia que sem a missa não podia viver. ‘Não é para tanto’, socarroneava Matias Alvear. O caso era que a mãe de Ignacio, desde de 18 de julho, havia feito o impossível para localizar algum sacerdote que celebrasse o sacrificio do altar clandestinamente]²⁰⁰.

Os costumes cristãos eram mantidos, ainda que de maneira secreta, se assemelhando ao clima das catacumbas²⁰¹, quando o cristianismo era mal visto no Império Romano. A celebração do Natal foi proibida, na cidade dos personagens da obra os fiéis substituíram pela *Semana del Niño*²⁰². A família Alvear chegou a fazer um presépio escondido em sua casa no primeiro Natal em guerra:

Días antes, Carmen Elgazu propuso

- Tenemos que construir el belén...

Matias la Miró y replico

- Ni lo pienses.

- Por qué no?

Carmen Elgazu tenía una Idea

- Dentro de esta cajita.

— Y saco del costurero una cajita rectangular de corcho, en la que guardaba los botones, y se la enseño a Matias. Matias Miró un momento el fondo de la cajita y suspiro

- De acuerdo, tendremos belén²⁰³.

[Dias antes, Carmen Elgazu propôs:

- Temos que construir o presépio...

- Matias a olhou e retrucou:

- Nem pensar.

- Porque não?

Carmen Elgazu tinha uma ideia.

- Dentro dessa caixinha. — E tirou da caixa de costura uma caixinha retangular de cortiça, que guardava os botões, e a mostrou a Matias. Matias olhou um momento o fundo da caixinha e suspirou:

- Tudo bem, teremos o presépio].

199 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 207

200 Ibid. p. 207

201 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 202.

202 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 354.

203 Ibid. p. 355.

Enquanto nos primeiros anos de guerra o fato de ter sido casado por um padre durante a proibição de tais ritos era motivo para que o casal fosse fuzilado, aos poucos a repressão religiosa foi se afrouxando, principalmente após a entrada de Juan Negrín à chefia do governo²⁰⁴.

Se em 1936 celebrar o Natal no lado republicano supunha arriscar a própria vida, em 1937 a festividade passou a ser mais tolerada, embora não fossem permitidas manifestações públicas de espírito natalino. No final de 1938 o culto religioso estava bastante difundido pela zona republicana, mas sempre recluso aos limites da intimidade familiar²⁰⁵.

Uma classe que foi muito perseguida durante a Guerra Civil Espanhola e no regime que se seguiu, foi a dos professores²⁰⁶, que também são representados no livro *Un Millón de Muertos* por David e Olga. A maior parte dos professores, principalmente os mais jovens, se posicionou ao lado da Segunda República, em geral, a intelectualidade espanhola e ocidental, se colocou ao lado dos legalistas. O professor Suñer, franquista, chegou a publicar uma série de obras onde responsabilizava “*os intelectuais em geral, e aos de esquerda em particular, pela causas da guerra [...]*”²⁰⁷. Assim, “*a percepção de que os ‘males da Espanha’ tinham sua origem na intelectualidade forjada na tradição da Instituição Livre de Ensino e nas ‘ideias permissivas’ vindas do exterior foi algo muito difundido em amplos círculos rebeldes [...]*”²⁰⁸.

Fany, aterrorizada perguntou:

- Pero como es posible que un general grite ‘Muera la inteligencia’?.

- Parece ser – sugirió el corresponsal portorriqueño – que tradicionalmente los intelectuales españoles de valía han sido en su mayor parte de izquierdistas, por lo que los militares miran ahora con gran desconfianza la letra impresa²⁰⁹.

[Fany, aterrorizada perguntou:

- Mas como é possível que um general grite ‘Morra a inteligência’?

- Parece que – sugeriu o correspondente porto riquenho – que tradicionalmente os intelectuais espanhóis importantes eram e sua maior parte de esquerda, por isso que os militares agora olham com desconfiança a letra impressa].

204 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 247.

205 Ibid., p. 247.

206 RODRÍGUEZ, Julio Prada. *La España Masacrada*. *Op.cit.* p. 333.

207 ABELLA, Rafael. *La vida cotidiana durante la Guerra Civil: La España Nacional*. Barcelona: Planeta, 1978. p. 292.

208 RODRÍGUEZ, Julio Prada. *Op.cit.* p. 343.

209 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 615.

David e Olga eram membros do Comitê Antifascista de Gerona, o que tornava a manutenção da amizade com Ignacio difícil, chegando a travar uma grande discussão devido a suas divergências de ideias:

- Si mal no recuerdo – dijo el maestro -, no fue ningun membro del Comité quien declaro el estado de guerra.

Ignacio miró con insolência la nuca de David.

- Ya sé – replico-. Me conozco la historia. Eso es lo que dice *El Democrata* y lo que contáis a los periodistas extranjeros. Pero yo soy de aqui y he vivido minuto a minuto todo eso.

- También conocemos de pe a pa vuestra version, la de las radios militares – dijo Olga -. Se sublevaron ellos para anticiparse, porque en noviembre iban a hacerlo los comunistas²¹⁰.

[- Se mal me recordo – disse o professor -, não foi nenhum membro do Comitê quem declarou o estado de guerra.

Ignacio olhou com insolência a nuca de David.

- Já sei – retrucou-. Conheço a história. Isso é o que diz *El Demócrata* e o que contam aos jornalistas estrangeiros. Mas eu sou daqui e vivi minuto a minuto tudo isso.

- Também conhecemos de cabo a rabo sua versão, a das rádios militares – disse Olga-. Eles se levantaram para se anteciparem, porque em novembro iam fazer os comunistas].

Na época do levante, havia o rumor de que os comunistas estivessem preparando um golpe no país, porém, além disso, nunca ter sido comprovado, essa informação foi difundida pelos nacionalistas, inclusive durante o regime do ditador Francisco Franco, para legitimar a ação dos militares. Com a vitória das tropas nacionais, muitos professores foram afastados das suas funções e, por conta de suas posições ideológicas, foram presos, fuzilados ou tiveram que deixar o país²¹¹, como aconteceu com Olga e David:

Se besaron de nuevo, y emprendieron el éxodo. Decidieron llevar consigo dos chicos asturianos, huérfanos. En el jardín quemaron muchos documentos, lo que fue aprovechado por los dos niños para calentarse las manos en la crepitante hooguera. Luego subieron al coche, al Balilla que perteneció as padre de los Estrada y tomaron la ruta de Francia²¹².

[Beijaram-se outra vez, e empreenderam o êxodo. Decidiram levar com eles as crianças asturianas, órfãos. No jardim queimaram muitos documentos, o que foi aproveitado pelos dois meninos para esquentarem-se as mãos na fogueira. Logo entraram no carro, *al Balilla* que pertenceu ao pai dos Estrada e tomaram o caminho para a França].

Uma simbólica reflexão de David:

²¹⁰ Ibid. p. 62.

²¹¹ ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 291.

²¹² Ibid. p. 737.

Hace mucho tiempo que Olga y yo tenemos perdida la felicidad; la perdimos en el momento que heredamos de nuestros padres un cerebro que piense. No nos mueve el egoísmo, estás en un error; nos mueven los pensamientos. Pensamos, y en consecuencia buscamos caminos difíciles y somos infelices²¹³.

[Há muito tempo que Olga e eu perdemos a felicidade; perdemos no momento que herdamos dos nossos pais um cérebro que pensa. O egoísmo não nos move, isso é um erro; nos movem os pensamentos. Pensamos, e em consequência buscamos caminhos difíceis e somos infelizes]²¹⁴.

Nessa passagem percebemos a dificuldade com que a classe intelectual espanhola vivia, algo que apenas pioraria nos anos da ditadura, que segundo Cristina Gómez Castro, foi um deserto intelectual, não só pelas dificuldades conseqüentes da guerra, mas também por causa da política cultural que influenciava na formação intelectual dos cidadãos²¹⁵. Vale lembrar que o livro *Un Millón de Muertos* foi lançado em 1961, debaixo da censura franquista, quando inúmeros títulos como *Crimen y Castigo*, *La Barraca*, *Los Miserables* e *Ana Karenina*²¹⁶ tinham sido censurados.

Devido às iniciativas de aumentar a igualdade principalmente entre homens e mulheres – como o direito ao voto, por exemplo – realizadas pelo governo republicano, era cada vez mais comum ver mulheres empunhando armas na frente de batalha. Essa mudança no comportamento feminino na sociedade espanhola dos anos de 1930 surpreendia: “*Los dos medicos estaban asustados ante la presencia, cada vez más numerosa, de mujeres*”[*Os dois médicos estavam assustados diante da presença, cada vez mais numerosa, de mulheres*]²¹⁷. Porém, o preconceito permanecia, principalmente quando José Maria Gironella, nacionalista, descreve as mulheres armadas: “*Las mujeres, al recibir el fusil, se transformaban. Y ninguna de ellas daba la impresión de que con él iba a atacar; todas parecían destinadas a defenderse*”. [*As mulheres, ao receber o fuzil, se transformavam. E nenhuma delas dava a impressão de que iam atacar com ele; todas pareciam destinadas a defender-se*]²¹⁸.

213 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 68.

214 *Ibid.* p. 68.

215 GÓMEZ, Cristina Castro. **Traduzione Tradizione? El polisistema literario español durante la dictadura franquista: la censura.** *RiLUnE*, n. 4, 2006, p. 37-49. p. 37.

216 RODRÍGUEZ, Julio Prada. *Op.cit.* p. 345.

217 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 93.

218 *Ibid.* p. 87.

Eran mujeres con mono azul y gorro ladeado. Llevaban pancartas y pañuelos em el cuello. Avanzaban por pelotones y cada pelotón representaba una Idea. “Derechos de las mujeres antifascistas”, “Lealtad a los nuevos principios”, “Dadoras de sangre”, “Amor libre”, “Consejos para abortar”, “Viva el proletariado universal” 219.

[Eram mulheres com macacão azul e gorro torto. Levavam banners e lenços no pescoço. Avançavam pelos pelotões e cada pelotão representava uma ideia. “Direito das mulheres antifascistas”, “Lealdade aos novos princípios”, “Doadoras de sangue”, “Amor Livre”, “Conselhos para o aborto”, “Viva o proletariado universal”].

O fato de as mulheres serem ativas nos movimentos de esquerda e a favor da República irritou bastante os sublevados, defensores dos costumes tradicionais que valorizavam a hegemonia masculina²²⁰. Os nacionais viam como indispensável o papel da mulher para a regeneração social que pretendiam iniciar, no sentido de difundir os valores cristãos no seio familiar²²¹. Este papel ficou bastante evidente na figura da mãe de Ignacio Alvear, Carmen Elgazu. Na zona nacional, as mulheres foram proibidas de fumar e até mesmo usar maquiagem²²². A ditadura que se seguiu significou um grande atraso social, político, cultural e jurídico para as mulheres²²³.

Algumas mulheres republicanas despertavam muito ódio, como é o caso da comunista que ficou conhecida como *La Pasionaria*, que durante a defesa de Madri inflamou a multidão, encerrando seu discurso com o famoso *No Pasarán!*.

Núñez Maza sonhava com hacer prisionera a La Pasionaria. La Pasionaria era para él símbolo de escoria, símbolo que el alférez Salazar le había negado repetidamente, alegando que una mujer que en España había conseguido hipnotizar a una masa tan considerable de hombres, a no dudar contaba con cualidades de excepción²²⁴.

[Nuñez Maza sonhava em fazer prisioneira a *La Pasionaria*. *La Pasionaria* era para ele símbolo da escória, símbolo que o Tenente Salazar tinha negado repetidamente, afirmando que uma mulher na Espanha havia conseguido hipnotizar uma massa tão considerável de homens, sem dúvida contava com qualidades excepcionais].

As vermelhas eram vistas como desviadas da sua identidade de gênero, antinaturais e impuras²²⁵. O simples fato de serem esposas ou mães de algum miliciano ou defensor da República era razão suficiente para serem castigadas. Sendo os castigos

219 Ibid. p. 223.

220 ABAD, Irene. ABAD, Irene. **Las dimensiones de la “repressão sexual” durante la dictadura franquista**. Revista de historia Jerónimo Zurita, n. 84, 2009. p. 72.

221 Ibid. p. 74.

222 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 94.

223 ABAD, Irene. *Op.cit.* p. 72.

224 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 691.

225 ABAD, Irene. *Op.cit.* p. 74.

“purificadores” os mais comuns: cortarem os cabelos; varrer a praça da vila ou a igreja; beber azeite de rícino²²⁶. Paz, prima de Pilar, filha do telegrafista da UGT em Burgos, foi submetida a tais ações: “[...] *le pegaron de mala manera, le hicieron tragar medio litro de de aceite de ricino y luego, con una navaja, le afeitaron la cabeza, como podia ver*”. [pegaram a Paz com brutalidade, fizeram-na beber meio litro de azeite de rícino e logo, com a navalha, cortaram o cabelo, como pode ver]²²⁷.

Outro castigo físico frequente era golpear o ventre para atrofiar os órgãos reprodutores ou, àquelas que estivessem grávidas, para abortarem, pois essas mulheres não eram dignas de serem mães e não deveriam colocar mais vermelhos no mundo²²⁸. Porém, o que mais aterrorizava as mulheres eram as frequentes violações praticadas pelo exército nacional. De acordo com Buades,

Havia nessa violência contra a mulher um elevado componente de machismo. Estuprando as ‘vermelhas’ os agressores davam provas do desprezo que sentiam pelas mulheres que não assumiam um papel subalterno na sociedade e lutavam pela igualdade de direitos. As vexações sexuais serviam também para reduzir a mulher a simples objeto de satisfação dos instintos mais baixos do varão²²⁹.

Vale ressaltar que essas violações – que também eram realizadas em grupo – não eram combatidas pelas autoridades rebeldes, mas sim incentivadas pelo general Queipo de Llano na Radio de Sevilha. Queipo exaltava a potência sexual do exército mouro e ainda afirmava que as vermelhas que perdiam o cabelo e tiveram seu estômago lavado com azeite de rícino tinham sorte²³⁰. Em 23 de julho de 1936, o “general da rádio”, como era chamado Queipo, fez o seguinte discurso:

Os nossos valentes legionários e os *Regulares* (mouros) mostraram aos covardes vermelhos o que significa ser homem. E, a propósito, também os mostraram às mulheres dos vermelhos. Essas mulheres comunistas e anarquistas, afinal, tornaram-se caça justa devido a sua doutrina de amor livre. E, agora, pelo menos, conheceram um homem autêntico e não milicianos maricas. Espernear e lutar não as ajudará²³¹.

²²⁶ Ibid. p. 74.

²²⁷ GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 279.

²²⁸ ABAD, Irene. *Op.cit.* p. 76.

²²⁹ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 244.

²³⁰ BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 92.

²³¹ MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 120.

As tropas marroquinas eram conhecidas pela crueldade que atuavam nas vilas que dominavam, sendo um tema que Gironella não deixa de lado em seu romance: “*Ahora los campesinos extremeños habrían ya oído de cerca las gumías marroquíes y muchas de sus mujeres e hijas habrían conocido ya la violación*”[Agora os camponeses de Extremadura já haviam ouvido sobre as gumías marroquinas e muitas de suas mulheres e filhas haviam conhecido já a violação]²³². A estratégia de uso do terror pelos nacionalistas alcançou seu objetivo, pois muitas vezes a informação de que os mouros avançavam na direção de certa cidade era suficiente para que a milícia local, geralmente mal equipada, se retirasse. A população espanhola em geral, fosse vermelha ou azul, sentia temor pelos mouros e sua simples presença trazia desconforto²³³.

A tática de ataque marroquino consistia em se aproximar da cidade alvo em veículos, porém, a certa distância, iniciavam bombardeios massivos sobre a população em geral, o que se repetia caso houvesse algum esboço de resistência. Em seguida, entravam na cidade e atiravam em qualquer um que portasse uma arma – também identificavam um soldado miliciano ao procurar marcas nos ombros causadas por coronhadas de espingardas –, nos dirigentes dos partidos e sindicatos²³⁴.

Um dos episódios mais conhecidos da Guerra Civil Espanhola ficou conhecido como Massacre de Badajóz. A Batalha de Badajóz foi bastante dura para o exército franquista, o que causou desejo de vingança entre os soldados azuis. Sob o comando do coronel Yagüe, que ficou conhecido como “açougueiro de Badajoz”, milhares de pessoas foram reunidas na praça de touros da cidade²³⁵. Em seguida, as metralhadoras foram disparadas aleatoriamente, matando entre 2 mil a 4 mil pessoas – lembrando que era uma cidade de apenas 40 mil habitantes. Segundo o jornalista Jay Allen, havia sangue de um lado a outro da arena²³⁶. Em outra situação, o jornalista John Whitaker acompanhou a ação do coronel Yagüe e suas tropas, ao invadirem a cidade de Santa Olalla, onde realizou uma execução em massa de aproximadamente 600 milicianos na rua principal da cidade²³⁷.

232 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 243.

233 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 232.

234 BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 91.

235 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 111.

236 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 93.

237 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 94.

O autor criou os personagens Fany e Bolen – jornalistas estrangeiros que cobriam a guerra na Espanha – para mostrar algumas das ações mais chocantes do exército falangista, inclusive dos mouros.

- Un moro. Han matado a un moro. Llevaba un cinturón de orejas.
Fany y Bolen se miraron creyendo que se trataba de una broma de mal gusto. Sin embargo, se acercaron más y comprobaron que no había tal broma. En el suelo yacía, en efecto, un moro muerto, cuyo cinturón consistía en un alambre en el que había ensartado, agurejeándolas por el centro, una retahíla de orejas. Orejas, según se decía, cortadas a los cadáveres ‘rojos’ después de un combate en el sector de Huesca²³⁸.
[- Um mouro. Mataram um mouro. Levava um cinto de orelhas.
Fany e Bolen se olharam acreditando que se tratava de uma brincadeira de mal gosto. Contudo, se aproximaram mais e comprovaram que não havia nenhuma brincadeira. No chão jazia, de fato, um mouro morto, cujo o cinto consistia em um fio em que tinha espetado, colocando no meio, um monte de orelhas. Orelhas, que segundo diziam, cortadas dos cadáveres ‘vermelhos’ depois do combate de Huesca].

Assim, a importância dos correspondentes estrangeiros se dava por relatarem e narrarem aquilo o que passava na guerra para a imprensa internacional. Devido às ações nacionalistas, em particular o Massacre de Badajóz, que chocou a opinião internacional, alguns oficiais alemães recomendaram que as tropas do Terceiro Reich tivessem o comando separado, pois considerava aquelas atitudes demasiadamente bárbaras²³⁹. Por isso, havia uma espécie de “filtro” de notícias, por exemplo, a rádio republicana era proibida de ser escutada pelos habitantes da zona azul²⁴⁰. Duas informações que por muito tempo foram manipuladas pelos rebeldes foram: o bombardeio de Guernica - que teria sido causada por anarquistas em fuga - e a morte de García Lorca, que foi negada.

Dessa forma, os jornalistas de *Un Millón de Muertos*, após verem o mouro com o cinto de orelhas, fizeram algumas fotos, com a finalidade de noticiar nos jornais, além de cenas como crianças famintas, ruínas, entre outras. Em seguida, foram abordados por três falangistas que pediram a câmera fotográfica e os fizeram acompanhá-los para um interrogatório.

- Cuánto tiempo llevan en España?
- Unos meses.; - En esta zona?
- Doce días.
- Y en doce días no han visto más que eso?

238 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 619.

239 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 111.

240 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 32.

- Somos periodistas profesionales. No sabíamos que estuviera prohibido fotografar mujeres y niños.
- Saben ustedes muy bien lo que he querido decir. Bueno, acomódense para pasar la noche, y en cuanto amanezca lárguense, y *Arriba España!* 241.
- [- Quanto tempo estão na Espanha?
- Uns meses.
- Nessa zona?
- Doze dias.
- E em doze dias não viram mais do que isso?
- Somo jornalistas profissionais. Não sabíamos que estava proibido fotografar mulheres e crianças.
- Sabem muito bem o quis dizer. Bom, acomodem-se para passar a noite, e quando esteja amanhecendo vão e *Arriba España!*] 242

Ao amanhecer, enquanto andavam pela rua:

- Bolen bajó, cansado, el brazo.
- Ahora repite conmigo, si quieres: ‘En España no hay niños pobres’
- No señor, no las hay.
- Ni mujeres famélicas.
- No las hay.; - Ni cinturones de orejas.
- Tampoco los hay²⁴³.
- [Bolen baixou, cansado, o braço.
- Agora Fany, repete comigo, si quiser: ‘Na Espanha não existem crianças pobres’.
- Não, senhor, não existem.
- Nem mulheres famintas.
- Não existem.
- Nem cintos de orelhas.
- Tampouco existem].

Repressão e violência ocorreram tanto no lado republicano quanto no lado nacionalista, porém deve ser realizada uma distinção fundamental. Enquanto a maior parte dos assassinatos realizados pelos vermelhos ocorreu por uma multidão sem o controle do governo, o governo nacional incentivava a violência e medo, como estratégia de guerra²⁴⁴. Francisco Franco queria a vitória total, não queria oposição ao regime que seguiria, assim, “*apenas dando à classe operária espanhola um castigo exemplar e deixando-a amedrontada conseguiria governar por muitos anos*”²⁴⁵. Segundo Josep Buades, “*o jornalista perguntou a Franco se ele assumiu o custo de matar meia Espanha para libertar o país, e a isso o general respondeu: ‘Repito, a qualquer preço’*”²⁴⁶.

241 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 620.

242 Ibid. p. 620.

243 Ibid. p. 621.

244 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 95.

245 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 238.

2.2. Os dois lados

Todos tenían hambre de la buena, de la mala, hambre de estómago, porque la comida escaseaba cada día más; y además tenían hambre de poder estar juntos y amarse.

Gironella

Assim que o levante teve início, o território espanhol ficou dividido em dois, zona azul, pertencente aos rebeldes, e zona vermelha, os partidários da República. No decorrer da guerra esses domínios mudaram, de acordo com o avanço e recuo das tropas. Mesmo pertencendo ao mesmo país, a vida em uma zona e na outra poderiam ser bem diferentes, o que foi percebido por alguns personagens, como Ignacio Alvear, que transitaram nos dois lados. Porém, essa mudança de lado deveria ser realizada às escondidas, já que o contato dos civis com os adversários era proibido, inclusive, ficavam muito tempo sem notícias dos familiares que não se encontravam próximos. Por exemplo, Pilar estava sofrendo pela morte de seu irmão César e também pela ausência de Mateo, seu namorado, do qual não tinha informações desde que foi para a fronteira com a finalidade de passar ao lado nacional para lutar²⁴⁷.

Um dos aspectos de maior diferença entre as zonas era a questão do abastecimento, pois desde seu início a República sofria com a escassez, principalmente de alimentos. De acordo com Salvado, “*o localismo, a atomização e a dispersão da autoridade também enfraqueceram a Espanha Republicana*”²⁴⁸, se tornando necessárias soluções locais para a manutenção da vida cotidiana, como transporte, comunicação e fornecimento de água, oficinas, restaurantes e cooperativas para distribuição de alimentos, entre outros²⁴⁹. Esses esforços, por outro lado, foram sempre insuficientes.

En algunos barrios vieron colas larguissimas debido a la progresiva escasez de muchos artículos. En dichas colas abundaban los ancianos y las mujeres, siendo frecuente que éstas se pincharan con alfileres para provocar alborotos y ganar unos puestos. Cuando

²⁴⁶ Ibid. p. 238.

²⁴⁷ GIRONELLA, José María. *Opcit.* p. 55.

²⁴⁸ SALVADÓ, Romero. *Opcit.* p. 142.

²⁴⁹ Ibid. p. 142.

sonaban las sirenas de alarma, podía ocurrir cualquier cosa. Bien que la calle quedara desierta en un segundo, o bien que las mujeres continuaran estoicamente haciendo cola. Ancianos paralíticos estaban allí con el sillón de ruedas e iban avanzando penosamente, la cabeza gacha y una manta en las rodillas²⁵⁰.

[Em alguns bairros se viam filas enormes por causa da progressiva escassez de muitos artigos. Nessas filas havia muitos idosos e mulheres, sendo que estas freqüentemente espetavam com alfinetes para causar alvoroço e ganhar posições. Quando coavam as sirenes de alarme, podia acontecer qualquer coisa. A rua ficava deserta em um minuto, mas as mulheres continuavam paradas fazendo fila. Idosos paralíticos estavam ali com a cadeira de rodas e iam avançando penosamente, de cabeça baixa e uma manta nos joelhos].

Na obra *Un millón de muertos*, são inúmeras as passagens que representam a fome entre os legalistas:

En Madrid se masticaba incluso la madera. Había familias que parecían dispuestas a comerse sus propias sillas. Se comían cebollas, harina de maíz y nabos, aunque se rumoreaba que los nabos ocasionaban avitaminosis y afectaban peligrosamente la menstruación²⁵¹.

[Em Madri se mastigava inclusive a madeira. Havia famílias que pareciam dispostas a comer as próprias cadeiras. Comiam cebolas, fubá e nabos, ainda que houvesse rumores de que os nabos causavam avitaminose e afetavam perigosamente a menstruação].

Ezequiel, que amaba a los animals tanto como pudiera amarlos Moncho, compadecía a los del Parque Zoológico, que estaban quedando en los puros huesos, así como a los de los circos ambulantes. Todos los gatos habían sido comidos y ni siquiera el perro de Axelrod tenía con que nutrirse²⁵².

[Ezequiel, que amava os animais tanto quanto os podia amar Moncho, se compadecia com os do Parque Zoológico, que estavam ficando puro osso, assim como os dos circos ambulantes. Todos os gatos haviam sido comidos e nem se quer o cachorro de Axelrod tinham o que comer].

A escassez no lado republicano afetou de tal forma a população, que esta já não tinha ânimo para permanecer em guerra. Ao mesmo tempo, “*grupos clandestinos, incentivados pelo curso da guerra, começaram a operar com bastante audácia nas ruas e guarnições, incentivando o derrotismo e alimentando a população contra a resistência contínua*”²⁵³. A população de Barcelona recolhia cascas de laranja pelas ruas para cozinhar, sendo um nutriente importante para evitar o escorbuto, doença que se espalhou no inverno de 1938-1939²⁵⁴.

250 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 464.

251 Ibid. p. 652.

252 Ibid. p. 653.

253 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 223.

254 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 283.

A Política de Não Intervenção não afetou apenas o exército republicano, mas também o abastecimento das cidades, pois os suprimentos não chegavam em grande escala, como acontecia no lado Nacional, fruto do desrespeito de países como Alemanha e Itália. O México enviava grãos-de-bico e lentilhas, mas não eram suficientes, sendo limitados pelo governo a no máximo 100 gramas por pessoa, por dia²⁵⁵. Apesar do esforço governamental, a fome perdurou e não se via mais gatos e pombos pelas ruas²⁵⁶.

Se no início da guerra, Madri era sinônimo de resistência e força, principalmente por causa da população, em final de 1938 e 1939 a moral da população estava esgotada, a sensação de derrotismo era generalizada²⁵⁷. Para Salvadó, *“a falta de alimentos e combustível havia intensificado a sensação de isolamento e desespero. A miséria e a fome derrubaram finalmente a legitimidade da República entre a população atingida pela guerra”*²⁵⁸. Por isso, quando as tropas de Franco chegaram na cidade da família Alvear, Gerona, foram recebidos com festa pela população:

- Ya no habrá más bombardeos, papá?
- Esperemos que no, hijo.
- Y por qué lanzaron aquellos globos?
- Porque Franco nos ha salvado.; - Tendremos comida?
- Fíjate! Eso qué es?
- Chocolate! Gracias, papá, gracias mamá.
- A nosotros no, hijo. Dáselas a los soldados²⁵⁹.
- [- Já não haverá mais bombardeios, papai?
- Esperamos que não, filho.
- Porque lançaram aqueles balões?
- Porque Franco nos salvou.
- Teremos comida?
- Olha! O que é isso?
- Chocolate! Obrigada papai, obrigada mamãe.
- Não a nós. Agradeça aos soldados].

Entre os nacionais o abastecimento só se mostrou ser um problema no ano de 1939, no final da guerra, *“quando o desabastecimento afetou por igual todas as cidades espanholas, e o racionamento de alimentos não fez distinção entre vencedores e vencidos”*²⁶⁰. O ministério nacional emitiu uma ordem com o objetivo de limitar os

²⁵⁵ Ibid. p. 282.

²⁵⁶ GALÁN, Juan Eslava. *Op.cit.* p. 315.

²⁵⁷ SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 230.

²⁵⁸ Ibid. p. 230.

²⁵⁹ GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 732.

menus dos hotéis, com o intuito de acumular víveres, afinal, já era o terceiro inverno do país em guerra²⁶¹.

Quando Fany e Bolen entraram na zona nacional constataram que “[...] *los niños de la zona ‘nacional’ parecían más excitados que los de la zona ‘roja’*. ‘Claro, claro. Aquí no hay refugiados ni escasez de alimentos y los uniformes son más llamativos. Para estos chicos, la guerra es una fiesta...’ [as crianças da zona ‘nacional’ pareciam mais excitadas que os da zona ‘vermelha’. ‘Claro, claro. Aquí no existem refugiados nem escasez de alimentos e os uniformes são mais chamativos. Para essas crianças, a guerra é uma festa...]”²⁶². O contraste entre elas era enorme, pois havia abundância de comida, combustível e mercadorias básicas entre os azuis.

Além disso, havia esforço para a manutenção da normalidade da vida cotidiana, estabelecendo salário mínimo e preços fixados²⁶³. No ano de 1938, com exceção dos vestidos e calçados, os preços se mantinham iguais ao período anterior da guerra. Inclusive, o “pão branco de Franco” era um dos elementos de propaganda do sucesso franquista, contrastando com a penúria em que viviam os legalistas²⁶⁴. Em 1937, como mais uma estratégia para manter a normalidade, foi restabelecida a Loteria Nacional, com o prêmio de três milhões de pesetas²⁶⁵. Por esses aspectos, “*a vida cotidiana na zona nacionalista era bastante agradável do que na outra metade republicana do país, desde que se tivesse dinheiro e se estivesse de acordo com o ambiente político dominante*”²⁶⁶, por exemplo, o único idioma permitido para os espanhóis era o castelhano e todos deveriam frequentar a igreja, elementos considerados tradicionais da verdadeira cultura espanhola.

Preston expõe o que seria um dia de trabalho do piloto Juan Antonio Ansaldo durante a campanha no Norte:

8:30 – Pequeno almoço com a Família;

9:30 – Levantar vôo para a frente; bombardeamento das baterias inimigas, metralhar comboios e trincheiras;

260 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 231.

261 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 314.

262 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 612.

263 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 148.

264 Ibid. p. 248.

265 Ibid. p. 211.

266 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 157.

11:00 – Um pouco de golfe no clube de Lasarte, perto do aeroporto em parte ainda utilizável;
 12:30 – Banhos de sol na praia de Ondaterra e um rápido mergulho no mar calmo;
 13:30 – Marisco, cerveja e dois dedos de conversa no café da Avenida;
 14:00 – Almoço em casa;
 15:00 – Custa sesta;
 16:00 – Segunda saída, semelhante à da manhã;
 18:30 – Cinema. Filme antigo, mas maravilhoso com Katherine Hepburn;
 21:00 – Aperitivos na Bar Basco. Um bom *scotch* anima o ambiente;
 22:15 – Jantar na Restaurante Nicolasa, canções de guerra, camaradagem, entusiasmo²⁶⁷

Ainda que a produção de alimentos tenha ficado distribuída em partes iguais nas “duas Espanhas”, como já vimos, o abastecimento não foi igual. Além do fato dos nacionais conseguirem suprimentos vindos da Alemanha e Itália, a estrutura predominantemente agrária e a ausência da necessidade de abastecer grandes cidades foram fatores que favoreceram²⁶⁸. Enquanto isso, a República ficou com as quatro principais cidades espanholas do período: Madri, Barcelona, Valência e Bilbao – este último, até 1937²⁶⁹. Grandes centros urbanos não produziam alimentos, mas requeriam grande demanda destes, “*o que obrigou a esforços extras de logística para não condenar as populações urbanas à fome*”²⁷⁰. Além disso, por causa do ambiente revolucionário, partes importantes das terras da Catalunha, em Aragão e Valencia, tiveram índices de produção menor aos anos anteriores à guerra²⁷¹.

As diferenças também são perceptíveis ao analisar os combatentes de ambos os lados. As milícias republicanas eram majoritariamente compostas por entusiastas indisciplinados com nenhum, ou quase nenhum, treinamento militar²⁷². O problema não estava apenas nas milícias, mas também nas Brigadas Internacionais, a principal força republicana, onde os franceses eram os mais insubordinados e os anarquistas se recusavam a cumprir ordens, já que não reconheciam a autoridade superior²⁷³. Porém, posteriormente, Cipriano Mera – um dos melhores chefes anarquistas -, convenceu os anarquistas da necessidade da militarização²⁷⁴.

²⁶⁷ PRESTON, Paul. *Opcit.* p. 158.

²⁶⁸ ABELLA, Rafael. *Opcit.* p. 87.

²⁶⁹ BUADES, Josep. *Opcit.* p. 230.

²⁷⁰ Ibid. p. 230.

²⁷¹ Ibid. p. 230.

²⁷² BENNASSAR, Bartolomé. *Opcit.* p. 187.

²⁷³ MATTHEWS, Herbert. *Opcit.* p. 205.

²⁷⁴ BENASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 187.

José Maria Gironella em seu romance, menciona: “*El carácter voluntario de los milicianos les permite negarse a obedecer, contester ‘no me da la gana’ o simplemente tirar en cualquier momento el arma y lagarse a la retaguardia*”[*o caráter voluntário dos milicianos lhes permitia negar-se a obedecer, contestar ‘não tenho vontade’ ou simplesmente deixar a qualquer momento a arma e sair da retaguarda*]²⁷⁵. Mesmo com todas essas dificuldades, a coragem da milícia era reconhecida, conseguindo barrar o exército de Francisco Franco às portas de Madri. De fato as milícias legalistas se mostravam muito eficientes em combates defensivos “*em que a coragem e a tenacidade do caráter espanhol se podiam revelar e em que o trabalho de conjunto disciplinado não era tão necessário*”²⁷⁶. A característica corajosa do miliciano, também é ressaltada no livro de Gironella, o que pode ter causado desconforto com a censura da Espanha no período.

[...] era preciso reconocer que el general, al definir a los milicianos como meros ‘asesinos de gente indefesa’, pecó de superficial. He aquí que muchos de ellos estaban dispuestos a dar la propia vida por la causa que defendían, como la habían ya dado, en otros lugares, muchos de sus camaradas²⁷⁷.

[era preciso reconhecer que o general, ao definir os milicianos como meros ‘assassinos de gente indefesa’, pecou superficialmente. Muitos deles estavam dispostos a dar a própria vida pela causa que defendiam, como haviam dado, em outros lugares, muitos dos seus camaradas].

Ao contrário, o exército nacional era bem equipado, com armamentos e soldados alemães. Era composto essencialmente de militares ativos, tendo o reforço dos guardas civis e alguns guardas de assalto²⁷⁸. Tiveram ainda reforço dos mouros e voluntários, sendo estes mais ou menos 65 mil. Estima-se que em outubro de 1936, as forças nacionais contassem com mais ou menos 188.500 homens²⁷⁹, grande parte com experiência em combate.

2.3. Dilemas

275 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 73.

276 MATTHEWS, Herbert. *Op.cit.* p. 05

277 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 77.

278 BENASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 183.

279 Ibid. p. 183.

Felices los curas y los militares, que no profundizan las cosas

Inscrição

A Guerra Civil Espanhola foi mais complexa do que uma simples divisão entre vermelhos e azuis, também estavam em questão o centralismo estatal, a democracia e igualdade de direitos. Não havia apenas duas “Espanhas”, mas sim várias, pois entre os azuis existiam os falangistas, monarquistas, conservadores em geral. Já com a República estavam os comunistas, anarquistas, democratas e muitos mais, fazendo com que houvesse dificuldade de entendimento. Porém, a maior parte dos espanhóis em 1936 não desejava a guerra, sendo surpreendidos por ela. Este grupo se encaixa no que Romero Salvadó chamou de “Terceira Espanha”, onde a *“adesão a um lado ou a outra na guerra dependia principalmente da geografia*²⁸⁰*”*. De acordo com Buades,

O caso de residir em um ponto geográfico onde a sublevação militar triunfara ou fracassara podia selar o seu destino como soldados ‘azul’ ou ‘vermelho’, mas não era raro que o combatente não tivesse nada a ver com a ideologia que defendia. Em muitos casos, o jovem pracinha não tivera nenhum contato prévio com a política, e a sua ideologia era lutar pela sobrevivência²⁸¹.

Em uma passagem do livro *Un Millón de Muertos*, enquanto Ignacio servia no hospital vermelho – esperando a oportunidade para mudar de zona -, perguntou a três pacientes vermelhos porque estavam lutando pela República – no caso, nenhum deles era espanhol – e cada um deles deu uma resposta diferente:

Escúchame bien, catalán fascista. Nací em Hungria, en un pueblo llamado Simslovz. Tenía un tío rico, pero mi padre era pobre. Un día pasó por el pueblo un circo. Mi padre me acompañó a ver el circo, en el que salían a la pista dos hermanas siamesas, que cantaban y se reían. Al enterarme de que estaban pegadas por el costado, me horroricé. Mi padre me dijo: ‘Qué quieres? Es así. Cada cual há de vivir como puede’. Entonces soñé en un Estado que se preocupara de esas cosas. Que matara a mi tío rico y ayudara, sin pedirles nada, a las hermanas siamesas²⁸².

[Escute-me bem, catalão fascista. Nasci na Hungria, em uma cidadezinha chamada Simslovz. Tinha um tio rico, mas meu pai era pobre. Um dia passou pela cidadezinha um circo. Meu pai me levou ao circo, onde apareceram no picadeiro duas irmãs siamesas, que cantavam e riam. Ao saber que estavam presas pelas costas, me horrorizei. Meu pai me disse: ‘O que quer? É assim. Cada um tem que viver como pode’. Então sonhei com

280 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p 134.

281 BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 229.

282 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 520.

um Estado que se preocupava com essas coisas. Que matava meu tio rico e ajudava, sem pedir nada, às irmãs siamesas].

Redondo se explicou. Le gustaba pelear y el comunismo le aseguraba pelea hoy aquí, mañana en outro lado. Después de España, irían a China, luego a Sudamérica, empezando por el Méjico. El gusto de pelear era innato en él. De niño, cuando em el colégio tumbaba a un compañero, le escupía al lado y le decía: *merci*²⁸³.

[Redondo explicou. Gostava de brigar e o comunismo lhe assegurava briga hoje aqui, amanhã em outro lugar. Depois da Espanha, iria para a China, logo América do Sul, começando pelo México. O gosto de briga era inato nele. De criança, quando estava no colégio derrubava um colega, cuspiu ao lado e dizia: *merci*].

Otro confidente fue Polo Norte, el sueco nombrado sargento en Albacete y al que Julio García y Fany conocieron en París. Pólo Norte se había hecho voluntario porque queria conocer a España, país con formidables montañas, garantía, según el, de varedad. Una bomba de mano le había desgarrado a espalda, pero curaria. ‘Soy idealista y quiero aprender’, le repitió a Ignacio²⁸⁴.

[Outro confidente foi Pólo Norte, o sueco nomeado sargento em Albacete e que Julio García e Fany conheceram em Paris. Pólo Norte se voluntariou porque queria conhecer a Espanha, país com formidáveis montanhas, garantia, segundo ele, de variedade. Uma granada de mão tinha rasgado suas costas, mas se recuperaria. ‘Sou idealista e quero aprender’, repetiu a Ignacio].

Rafael Abella aponta que havia as pessoas que se uniam a um ou outro lado mais pelas suas negações do que por suas afirmações²⁸⁵, por exemplo, aqueles que se uniam aos nacionais temendo a revolução comunista que os azuis afirmavam que a República preparava²⁸⁶. Assim, percebemos que existia pouco ou total desconhecimento acerca das principais ideologias em conflito na Guerra Civil Espanhola:

- Y los comunistas? Tíos listos, supongo...Cuenta algo de los comunistas, a ver?; - Predicen la igualdad – Tércio Ignacio.; Con que se come eso?; - Fácil – explico Ignacio - . El amo, el Estado; todo lo demás, igual. – Ignacio añadió -: Los mismos derechos un veterinário que un caballo²⁸⁷.

[- E os comunistas? Caras prontos, suponho...Conta algo sobre o comunismo, vamos ver.

- Pregam a igualdad – disse Ignacio.

- Com o que se come isso?

- Fácil – explicou Ignacio -. O mestre, o Estado; todos os demais são iguais. – Ignacio continuou -: Os mesmos direitos um veterinário que um cavalo].

Além disso, Ignacio, que esteve no lado vermelho em Gerona, onde vivia com sua família, com a ajuda do seu primo Julio, miliciano, conseguiu passar para a zona nacional

283 Ibid. p. 521.

284 Ibid. p. 521.

285 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 30.

286 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 134.

287 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 676.

para finalmente lutar por sua ideologia. Porém, Ignacio ficou assustado ao ver que os soldados azuis não se importavam com os vermelhos, afinal, pelo tempo de convivência, por vezes esqueciam que eram adversários²⁸⁸. Aos soldados nacionais, a única coisa que importava era saber que são adversários e deveriam morrer:

La indiferencia general por lo que ocurriera en la zona ‘roja’, produjo en Ignacio el mayor asombro. La zona ‘roja’ interesaba como problema que matizar. Los ‘rojos’ eran los enemigos, el diablo, y había que exterminarlos; nada más²⁸⁹.

[A indiferença geral pelo o que ocorria na zona ‘vermelha’, deixou Ignacio assombrado. A zona ‘vermelha’ não lhes interessava como um problema para se pensar profundamente. Os ‘vermelhos’ eram os inimigos, o diabo, e tinham que exterminá-los; nada mais].

A Guerra Civil Espanhola acabou separando amigos e famílias, não só geograficamente, devido a impossibilidade de transitar de uma zona a outra, mas também pela ideologia, pois a divisão política marcava os espanhóis de tal maneira que amigos de toda a vida passaram a se olhar com desconfiança²⁹⁰. Assim, este aspecto da guerra não foi ignorado por Gironella, ao retratar a amizade entre Ignacio e os professores Olga e David desfeita por causa das suas diferentes posições políticas. David pergunta a Ignacio: “[...] *tenemos alguna posibilidad de que sigas considerándonos amigos?*” [*temos alguma possibilidade de que continue nos considerando amigos?*]²⁹¹. Porém, Ignacio responde: “*Ni la más remota*” [*Nem a mais remota*]²⁹².

Como já mencionado, havia também as famílias que estavam separadas, mães com filhos em cada lado da guerra, colocados frente a frente em batalha²⁹³. Um dos casos mais famosos do país eram os irmãos Antonio Machado, republicano, e Manuel Machado, nacionalista. Em *Un Millón de Muertos*, a família Alvear passa por situação parecida, pois parte da família vivia em Burgos, dominada pelos nacionais, mas eram favoráveis à República, por isso sofriam perseguições na região, principalmente porque o irmão de Matías Alvear era da UGT e por isso foi fuzilado. Mateo, namorado de Pilar, mesmo sendo membro da falange fica triste por não conseguir salvá-lo: “- *Darí*

288 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 522.

289 Ibid. p. 669.

290 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 62.

291 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 60.

292 Ibid. .p. 60.

293 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 122.

cualquier cosa por haber llegado a tiempo” [- *Daria qualquer coisa para ter conseguido chegar a tempo*]/294. Em outra passagem: “*A Paz le hubiera gustado conocer a Pilar y a Ignacio. ‘Todos fascistas! Dura es la guerra...’*” [*Paz teria gostado de conhecer Pilar e Ignacio. ‘Todos fascistas! Dura é a guerra...’*]/295. Matías é um personagem muito simbólico para o livro, afinal, era um republicano que perdeu duas pessoas da sua família: seu filho, apenas porque era seminarista, morto pelos milicianos republicanos; seus irmãos, Arturo Alvear, socialista, e Santiago Alvear, anarquista, mortos pelos nacionais.

Para aqueles que desejavam mudar de zona era fundamental ter um familiar ou amigo que os ajudasse a chegar à fronteira e mudar de lado. Ignacio teve ajuda de seu primo, Jose Alvear, capitão de milícia para chegar até a zona nacional. Esses casos eram frequentes, como Ignacio fez, se infiltrar entre os republicanos – existiam até os chefes e oficiais – para esperar a primeira oportunidade para mudar de lado. Quando recebidos, estes eram vistos com alguma desconfiança, normalmente questionavam: “*Por qué no se ha pasado antes?*”[*Porque não passou antes?*]/296.

Quando o levante ocorreu não imaginaram que a guerra seria tão prolongada: o levante não saiu como planejado. Apenas nas regiões da Galícia, Leão, Navarra e Castela Velha o golpe seguiu como o programado²⁹⁷. Ao contrário do que se difunde o exército não apoiou em massa o levante. De acordo com Salvadó, a maioria dos coronéis e os oficiais apoiavam o levante, enquanto a maior parte dos maiores-coronéis e brigadeiros-generais permaneceu leal ao governo²⁹⁸. O mesmo se verificou com os militares que estavam em Gerona no romance de Gironella - o general, o coronel Muñoz e o comandante Campos²⁹⁹. Estes três militares não eram comunistas, mas sim legalistas defendendo a constituição vigente. Há um caso curioso na história da Espanha, o amigo militar do general Francisco Franco, Vicente Rojo Lluch, católico praticante, homem de ideias conservadoras que considerou que devia fidelidade ao governo legal, independente da sua ideologia³⁰⁰. Assim, percebe-se que a Guerra Civil Espanhola foi muito mais complexa do que a simples divisão em dois lados.

294 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 280.

295 Ibid. p. 421.

296 Ibid. p. 104

297 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 137.

298 Ibid. p. 135.

299 GIRONELLA, José María. *Op.cit.* p. 28.

300 BENNASSAR, Bartolomé. *Op.cit.* p. 188.

3. O passado como reconciliação em *Soldados de Salamina*

O livro *Soldados de Salamina*, escrito por Javier Cercas, foi publicado na Espanha em 2001, período em que houve crescimento de publicações que abordavam o tema Guerra Civil Espanhola – esse crescimento se deu principalmente a partir de 1990 até 2003³⁰¹ –, em meio a uma surpreendente demanda das novas gerações por consumir este tema³⁰². Contrariando as expectativas do próprio editor, que acreditava que o livro não venderia mais do que cinco mil cópias para leitores com mais de sessenta anos³⁰³, a obra foi um sucesso de vendas. *Soldados de Salamina* possui mais de trinta e uma edições, traduzido em mais de vinte idiomas, número superior a um milhão de exemplares vendidos, além de inúmeros artigos e resenhas nacionais e internacionais sobre o livro. Além disso, ganhou diversos prêmios, como: Premio Qué Leer; Premio Crisol; Premio Llibreter 2001; Premio de La Librería Cálamo; Premio Salambó; Premio de La Crítica de Chile; Premio Ciutat de Barcelona; Premio Ciudad de Cartagena; Premio de Extremadura. Valendo lembrar ainda que, apenas dois anos depois do lançamento receberia uma versão cinematográfica com o mesmo nome, sob a direção de David Trueba. Para Garrison o rápido êxito nas vendas se deve a que

os espanhóis reconhecem a importância de novelas como *Soldados de Salamina* para ajudar-lhes a recuperar seu passado. Por isso, a novela de Javier Cercas teve um impacto vital na sociedade espanhola, como se pode deduzir por seu êxito editorial e a série de prêmios que ganhou³⁰⁴.

O livro começa com o protagonista, um jornalista, também chamado Javier Cercas – o mesmo nome do autor - que passa por um momento de reflexão sobre sua própria vida, questionando inclusive sua profissão. Logo em seguida, se lembra da história que conheceu nos anos anteriores, sobre o dia em que Rafael Sánchez Mazas sobreviveu ao próprio fuzilamento. Mazas foi um importante ideólogo da Falange, sendo, por exemplo, sua a decisão de utilizar como escudo do movimento as flechas dos reis católicos e o grito “*Arriba España!*”³⁰⁵. Escritor, com a maior parte de suas obras

301 MORENO, Maria Paz. **Juegos ficcionales en el discurso narrativo y cinematográficos: Soldados de Salamina**. Artigo 1, p. 7.

302 SÁNCHEZ-BIOSCA, Vicente. **Cine y Guerra Civil Española del mito a la memoria**. Madri: Alianza, 2006. p. 16.

303 GARRISON, Alison. **La pieza ausente de una memoria olvidada**[tese]. Greensboro: Universidade da Carolina do Norte, 2012. p. 52.

304 Ibid. p. 06.

esgotadas, era também membro do primeiro gabinete de Francisco Franco, além de ser o quarto homem da Falange Espanhola. Foi capturado em 1937 pelo S.I.M.³⁰⁶, conseguiu escapar do seu fuzilamento, tendo sua vida poupada durante sua fuga por um soldado republicano anônimo que fingiu não o ver. Além disso, é ajudado pelos “amigos do bosque”, três ex-milicianos desertores, Pere e Joaquim Figueras e Daniel Angelats, que o esconderam – e se esconderam das tropas republicanas que os poderiam acusar de deserção – até que as ruas fossem seguras para o transito de um nacionalista.

Assim, a crise interior experimentada pelo protagonista da passagem para um irresistível interesse pela história do falangista, levando-o à iniciar uma investigação sobre o dia da fuga.

Soldados de Salamina se divide em três partes: “*Os amigos do bosque*”; “*Soldados de Salamina*”; “*Encontro marcado em Stockton*”. Na primeira parte, “*Os amigos*”, o leitor é introduzido na busca do escritor, busca essa que dará origem à história do livro. Aqui, são revelados os conflitos pessoais do jornalista, seu desencanto e frustrações. Em “*Soldados de Salamina*” a maior parte da história ocorre no passado, colhendo relatos para saber tudo o que aconteceu no dia do fuzilamento de Sánchez e o tempo que se seguiu, quando esteve escondido. Na última parte, chamada de “*Encontro marcado em Stockton*”, o protagonista Javier Cercas fica insatisfeito, começando uma nova busca, procurando a peça que julgava faltar para encerrar o seu livro: o soldado que poupou a vida de Rafael Sánchez.

A obra pode ser classificada em diversos gêneros literários, podendo ser considerada um híbrido, pois mistura elementos de ficção – as personagens de Antonio Miralles e Javier Cercas são ficcionais, ainda que inspiradas em pessoas homônimas – Rafael Sánchez Mazas e a fuga do seu fuzilamento remetem a eventos documentados, o mesmo se verifica com o escritor Roberto Bolaños que aparece no decorrer da trama. De acordo com Marta Otea, “*em Soldados de Salamina se misturam uma série de gêneros: o romance histórico, a reportagem jornalística, romance de investigação, o Bildungsroman*³⁰⁷ e a *metaficção*³⁰⁸”. Por isso o autor considera a obra como sendo um

305 LÓPEZ-QUINONES, Antonio. **La Guerra Civil española: Soldados de Salamina de Javier Cercas**. Palabra y el Hombre: Revista de la Universidad Veracruzana, n. 127, 2003. p. 116

306 S.I.M : Servicio de Investigación Militar.

híbrido, porque “joga” com a ficção e a realidade³⁰⁹.

Além disso, no decorrer do livro, o leitor pode se perguntar até que ponto a narração de Javier Cercas em *Soldados de Salamina* esta tratando de acontecimentos “reais” ou fictícios. A coexistência entre personagens criados pelo autor com outros que consistem em uma duplicação ficcional de personagens “reais”, a interposição do próprio autor com àquelas experimentadas pelo protagonista, podem conduzir leitores desavisados a profundas confusões, não se trata nem de um relato autobiográfico, nem de um relato “real”.

Em *Diálogos de Salamina*, livro escrito em 2003 pelo autor com parceria de David Trueba, Cercas revela um conjunto de eventos e personagens que foram inspirados em sua própria busca enquanto escritor. Como exemplo disso, temos o artigo publicado no jornal tanto pelo personagem, quanto pelo autor, Javier Cercas;

Foi realmente por meio do escritor Rafael Sánchez Ferlosio que ele tomou conhecimento da história do fuzilamento frustrado de Sánchez Mazas, embora as circunstâncias não tenham sido aquelas narradas no romance; de fato, Javier Cercas recebeu uma carta do jornalista Miguel Aguirre na qual lhe disponibilizava o livro que contém o relato de outro sobrevivente daquele fuzilamento, o livro *Yo fui asesinado por los rojos*, de Pascual Aguilar, cuja edição está esgotada; o escritor realmente contactou os “amigos do bosque” que acolheram Sánchez Mazas e ouviu os relatos de sua memórias do episódio; realmente discutiu com Roberto Bolaño a respeito das dificuldades que enfrentava na criação literária e este lhe contou a história de Miralles, o antigo lutador comunista que conhecera num camping³¹⁰.

No livro, o protagonista realizou uma pesquisa telefônica para encontrar Miralles em alguma das residências para idosos na cidade de Dijon. O autor, na verdade, nunca chegou a estabelecer contato com o combatente, enquanto na obra, o contato telefônico precedeu os encontros pessoais. Mudanças deste tipo não devem ser consideradas meros artifícios retóricos ou literários para subverter a verdade. Como nos afirma o próprio Cercas:

307 Marta Otea faz essa afirmação, pois o livro trata de um processo de criação e crescimento do sujeito, o protagonista Javier Cercas.

308 ORTEA, Marta Del Pozo. **Soldados de Salamina: Terapia para después de una guerra** [dissertação]. Massachusetts: Universidade de Massachusetts, 2007. p. 14.

309 Ibid. p. 14.

310 PEREIRA, Flavio. **A poética do “relato real” em Soldados de Salamina**. *Revista de Literatura, História e Memória*. v.7, n.10. Cascavel: Unioeste, 2011. p. 101-113. p.103

Es decir, lo que aparece en la novela tiene mucho que ver con lo que sucedió en la realidad. Lo que ocurre es que, como te decía al principio, en la novela hay una manipulación de muchos elementos reales, empezando por mi propia biografía. Entonces, alguien puede preguntar por qué hacer eso, por qué mentir. Y mi respuesta es muy sencilla: porque el oficio del escritor (o por lo menor del novelista) consiste en mentir. Pero no se miente porque sí, sino para, través de la mentira, llegar a una verdad superior, a una verdad que no es la verdad de los hechos histórico o periodista, sino una verdad universal, una verdad moral o poética³¹¹.

De acordo com Cercas “*escrever consiste, entre outras coisas, em fabricar-se uma identidade, um rosto que ao mesmo tempo é e não é o nosso, como uma máscara*”³¹². Ainda para Javier Cercas,

no romance, o autor e o narrador tinham que levar o mesmo nome. (...) Por muitas razões entre outras porque se todo o mundo – Sánchez Mazas, os Figueras, Ferlosi, Trapiello, Bolaño, etc – aparecia com o seu nome real, se tivesse feito isso, todo o mecanismo literário teria deixado de funcionar³¹³.

Flavio Pereira, em seu artigo “A poética do “relato real” em Soldados de Salamina”, acena para a construção de um “eu poético” em torno do personagem Javeir Cercas. “*Desdobramento do autor empírico, atua como uma máscara que permite que o escritor se implique no universo ficcional enriquecendo sua tessitura*”³¹⁴. Dessa forma, a duplicação de Cercas corresponde a uma estratégia metaficcional que produz um encontro do leitor com o próprio autor. Resulta importante destacar que ao longo da obra, de maneira intermitente, a narrativa apresenta ora o protagonista como narrador.

Soldados de Salamina não se limita simplesmente a narrar uma história ambientada na Guerra Civil Espanhola, mas sim chamar o leitor a pensar sobre ela. Para Lopes-Quiñones, Cercas não está preocupado em representar a guerra da Espanha, mas “*sim [em] fazer uma reflexão sobre os mecanismos ideológicos que, durante várias décadas ditaram as recordações e os ‘esquecimentos’ dessas representações*”³¹⁵. Com este livro o autor tenta recuperar e construir a memória dos acontecimentos em torno da Guerra Civil Espanhola – assunto que será tratado posteriormente.

311 CERCAS, Javier; TRUEBA, David. **Diálogos de Salamina**. Barcelona: Tusquets, 2003. p. 18.

312 SAVAL, José. **Simetría y paralelismo en la construcción de Soldados de Salamina de Javier Cercas**. artigo 4. p. 62. apud CERCAS, Javier. **Relatos reales**.

313 Ibid. p. 62. apud. CERCAS, Javier. **Diálogos de Salamina**.

314 PEREIRA, Flavio. **A poética do “relato real” em Soldados de Salamina**. *Revista de Literatura, História e Memória*, v.7, n.10. Cascavel: Unioeste, 2011. p. 101-113. p.104.

315 QUIÑONES-LÓPEZ, Antonio Gómez. *Op.cit.* p. 119.

Em toda a obra temos a sensação de que Javier Cercas quer resolver as tensões existentes na sociedade espanhola, não valorizando os discursos ideológicos que dividiram a Espanha durante os quase três anos de guerra – algo que o regime ditatorial, de certa maneira, reforçava. Para Ximena Briceño e Hector Hoyos, o autor está tentando resolver as tensões históricas do seu país. A obra, então, com o título de *Soldados de Salamina*, faz referência a um fato distante, mas que decidiu o futuro da sociedade espanhola, assim como aconteceu com a Guerra de Salamina, onde também esteve em jogo o modelo de civilização³¹⁶.

A crise de identidade experimentada pelo protagonista se confunde com a do próprio autor, ambos, ainda assimilando a morte do pai, buscam em meio aos vestígios do passado seu lugar no mundo. A jornada dos dois é uma alegoria da experiência de uma sociedade que rompeu com o silêncio à procura da sua identidade.

3.1. Resgate da memória e *Soldados de Salamina*

*Quem controla o passado controla o futuro;
quem controla o presente controla o passado.*
George Orwell

A Guerra Civil Espanhola teve início em 17 de julho de 1936, com fim apenas em 1º de abril de 1939, quando as tropas franquistas entraram na capital, Madri. Com a vitória nacionalista, a Espanha mergulhou na longa ditadura do “generalíssimo”, que inicialmente possuía algumas inclinações fascistas³¹⁷, retornando ao regime democrático apenas com a sua morte em 1975. O período do regime franquista foi bastante rigoroso quanto a liberdade de expressão, havendo perseguição aos opositores do governo até a década de 1970.

Antes mesmo que a guerra terminasse, em início de março de 1939, já se podia ter ideia de como seria o governo caso os nacionalistas ganhassem, pois “*qualquer dúvida que pudesse haver sobre uma conduta mais benevolente de Franco em face dos vencidos ficou absolutamente dissipada com a publicação da Lei de Responsabilidades Políticas, em 3 de*

³¹⁶ SAVAL, Jose. *Op.cit.* p. 69.

³¹⁷ Robert Paxton em *Anatomia do Fascismo* afirma que o regime do Generalíssimo teve inclinação fascista até 1945, quando os países do Eixo perderam a Segunda Guerra Mundial, se tornando um regime autoritário no período posterior. Existe uma importante discussão historiográfica acerca deste tema.

março de 1939”³¹⁸. Esta lei consistia em acusar todos aqueles que lutaram ao lado da República como traidores da Pátria e defensores de um governo ilegítimo, portanto, os únicos culpados pela guerra ter acontecido. De acordo com Salvadó,

a lei era retroativa a outubro de 1934 e decretava que a participação em partidos da Frente Popular era crime. Foi um prenúncio do tipo de paz que Franco tinha em mente: a repressão draconiana na qual execuções em massa, campos de trabalho e perseguição seriam o destino dos derrotados³¹⁹.

Além disso, o Generalíssimo não aceitava nada menos do que uma rendição incondicional, assim, todas as tentativas da República de negociar a rendição – por exemplo, os treze pontos de Negrín, uma tentativa de manter a Espanha pós-guerra *“uma democracia independente de interferência externa, com eleições livres e direitos civis integrais, inclusive a liberdade de pensamento e religião”*³²⁰ – com os nacionais foram em vão. Historiadores como Francisco Salvado e Paul Preston afirmam que Francisco Franco prolongou a guerra propositalmente. Sobre determinando momento da guerra, Francisco Salvado afirma que *“escolher Valência como próximo objetivo dos nacionalistas também poderia ser visto como parte da vontade de Franco de prolongar a guerra para consolidar seu poder pessoal e deixar aos poucos o inimigo sangrar até a morte”*³²¹. Tornava, assim, a oposição ao seu futuro governo substancialmente menor.

A ditadura instaurada após a guerra tinha como um dos objetivos *“o desmantelamento de todo possível vestígio da organização dos derrotados e liquidação de toda oposição”*³²². Para isso foi utilizado um forte aparelho opressor, de forma que, segundo J.L. Cebrían – o primeiro diretor do jornal *El País* –, o número de fuzilados e desaparecidos da Espanha de Franco ultrapassa os números das ditaduras latino-americanas, levanta ainda a questão da capacidade de esquecimento da sociedade espanhola³²³. Estima-se que, ao fim do conflito, em torno de 270 mil espanhóis estavam em prisões, sem contar os que eram

318 BUADES, Josep. *Op.cit.*. p. 292.

319 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 229.

320 Ibid. p. 218.

321 Ibid. p. 212.

322 LARA, Manuel Tuñón. Un ensayo de visión global, medio siglo después. In.: LARA, Manuel Tuñón; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, ÁNGEL; CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep. **La Guerra Civil Española: 50 años después**. Barcelona: Labor, 1985. p. 427.

323 ESPIAUBA-SOLER, Dolores. **De la poguerra española AL conformismo actual com El País y La Ser**. Medios de comunicación y enseñanza del español como lengua extranjera: actas del XIV Congreso Internacional de “ASELE”, Burgos, 2003. p. 570.

mantidos em campos de concentração³²⁴. Romero Salvadó menciona o número de pelo menos 150 mil mortos durante toda a repressão franquista,

no entanto, os números exatos provavelmente nunca serão conhecidos. As autoridades nacionalistas tiveram quase 40 anos para esconder todos os vestígios de sua ‘justiça’. Milhões de espanhóis foram dados por ‘desaparecidos’, e suas mortes não foram registradas; registraram-se como causa morte de muitos outros todos os tipos de doenças misteriosas e acidentes³²⁵.

Após a vitória nacionalista, não houve tentativa de reintegração, ao contrário, esforçou-se para manter viva a memória da Guerra e sua divisão interna por meio de propaganda nacionalista³²⁶. Havia um constante clima de vingança, onde “*durante 40 anos, a sociedade ficou dividida entre patriotas da ‘Espanha real’ e a ‘escória comunista’ que apoiara a ‘Espanha atêia’*. Para estes, a única paz possível era a da prisão, do exílio ou dos cemitérios”³²⁷. Não havia pensões para os combatentes republicanos mutilados, viúvas ou órfãos e muitos ainda foram retirados dos seus postos de trabalho após a guerra, simplesmente por terem lutado no exército republicano, perdendo assim seu cargo para ser ocupado por um ex-soldado nacionalista. Além disso, vale ressaltar que homens sem uma ideologia definida também podiam ser perseguidos pelo regime³²⁸, ou seja, a neutralidade não era garantia de viver em paz.

Para Salvadó, “*o clima de terror psicológico coletivo foi muito além dos muros da prisão*”³²⁹, já que “*para obter coisas vitais, como o cartão de racionamento de comida ou trabalho, era necessário dar provas de lealdade ao novo sistema com um certificado oficial assinado por pessoas autorizadas pelo regime*”³³⁰. Assim, a fidelidade à “Nova Espanha” era fundamental para o regime que era implantado, por isso, espanhóis que perderam o cargo durante a guerra, para que conseguissem recuperá-lo, precisavam provar lealdade ao movimento com o aval de duas pessoas reconhecidas pelo novo governo. As principais características que serviam como “prova” de fidelidade ao governo eram: “*compartilhar dos*

324 Ibid. p. 423.

325 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 244.

326 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 20.

327 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 244.

328 RODRÍGUEZ, Julio Prada. *Op.cit.* p. 214.

329 SALVADÓ, Francisco Romero. *Op.cit.* p. 246.

330 Ibid. p. 246.

princípios de ordem, família, pátria e religião e haver colaborado com aqueles que desde o início da guerra civil”³³¹.

Durante seus estudos, Paloma Fernández constatou que *“era freqüente que os adultos do lado derrotado ocultassem informação dos mais jovens com o intuito de lhes evitar problemas, ao mesmo tempo, que as versões sobre a história da Espanha que lhes ofereciam nas escolas estavam cheias de mitologia nacional-católica*”³³². Para isso, vale lembrar como já foi dito no capítulo anterior, também foram impostos censura sobre publicações de jornais, revistas, livros, ou seja, meios de comunicação em geral.

Durante a ditadura, as crianças aprendiam nas escolas que não teria ocorrido uma guerra civil na Espanha, mas sim uma cruzada contra os hereges que estavam contra a nação. O regime buscava uma maneira de se legitimar, por isso introduziu por meio de propagandas e educação infantil a idéia de que os nacionalistas foram os responsáveis pela libertação de toda a nação, sendo glorificada como sucessora da grandiosa e imperial Castela da Reconquista³³³. Por isso não poderia haver reconciliação, uma vez que a legitimação do regime estava ligada à marginalização dos derrotados³³⁴.

O franquismo transformou a escola em um dos seus meios de socialização política mais eficazes, já que era *“preciso construir um novo ideal de homem de acordo com os valores que os inspiravam, todo o sistema se concentrava na formação de indivíduos mansos, capazes de obedecer de forma incondicionada [...]”*³³⁵. As escolas espanholas passaram por inúmeras mudanças, pois o ensino livre era visto como um dos culpados dos males do país, por isso os crucifixos voltaram para as salas de aula, o ensino de religião voltou a ser disciplina obrigatória e os conselhos locais e provinciais de ensino foram dissolvidos³³⁶.

Os regimes ditatoriais, tanto de esquerda quanto de direita, do século XX, *“[...] deram à memória um estatuto inédito [...]”*³³⁷, isso se deve ao

331 RODRÍGUEZ, Julio Prado. *Op.cit.* p. 330.

332 FERNANDÉZ, Paloma. **Políticas de la memoria u memoria de la política**. Madri: Alianza, 2008. p. 162.

333 SALVADÓ, Francisco Romero. *Op.cit.* p. 240

334 FERNANDÉZ, Paloma. *Op.cit.* p. 101.

335 RODRÍGUEZ, Julio Prado. *Op.cit.* p. 342.

336 Ibid. p. 338.

337 PADRÓS, Enrique Serra. **Usos da memória e do esquecimento na História**. Revista Letras, n. 22, UFRGS. p. 85.

[...] domínio sobre a informação e a comunicação [que] redimensionou a apropriação da memória num nível quase absoluto. Com sucesso diverso, há inúmeros rastros da eliminação de vestígios do passado; de eliminação, transformação, manipulação ou *maquiamento* do que existiu. São invenções e mentiras que ocupam o lugar da realidade simultaneamente à proibição da procura e difusão da verdade³³⁸.

De fato, a repressão foi mais intensa nos primeiros anos do regime, principalmente entre os anos de 1939 e 1944. Após esse período, o número de fuzilamentos decresceu, principalmente porque a maior parte da oposição estava morta ou exilada. O historiador Ramón Salas Larrazabál coloca o número de execuções de 1939 até 1950 em torno de 30 mil, porém, por se tratar de um historiador militar, estes números podem estar minimizados³³⁹. De acordo com Paul Preston, “quando Ciano visitou a Espanha no Verão de 1939, relatou que em Madrid eram levadas a cabo entre 200 a 250 execuções diárias, 150 em Barcelona e 80 em Sevilha. Em Maio de 1939 o Manchester Guardian afirmou que eram fuzilados 300 pessoas por semana em Barcelona”³⁴⁰. A diminuição de fuzilamentos não implicou o fim dessa prática, já que só em 1963 seria executado Julián Grumau, último a sofrer tal punição por crimes referentes à Guerra Civil Espanhola – evento que desencadeou uma série de manifestações dentro e fora do país.

A ditadura do General Francisco Franco só teve fim em 1975, com a sua morte. Em seguida assumiria o trono o rei Juan Carlos de Bourbon, escolhido pelo próprio Generalíssimo ainda em vida como seu sucessor. Na opinião de Tussell,

[...] a manutenção do general Franco no poder não se deve primeiramente a inoperância das forças de oposição, nem ao apoio da Igreja, nem à aceitação passiva da maior parte dos espanhóis. Todos esses elementos, indubitavelmente, se deram, mas não houve um mais decisivo que outro. Em última instância, Franco perdurou porque em um setor importante da sociedade espanhola havia a recordação da guerra civil ³⁴¹.

A consequência para a sociedade espanhola de tantos anos de ditadura foi a apatia política generalizada lograda pelo projeto de socialização franquista, resultando numa sociedade cuja maioria possuía um discurso apolítico, onde as crianças aprendiam que era

338 Ibid. p. 85.

339 LARA, Manuel Tuñón de. “Un ensayo de visión global, médio siglo después”. In: LARA, Manuel Tuñón de; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Angel; CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep. **La Guerra Civil Española: 50 años después**. Barcelona: Labor, 1985. p. 423.

340 PRESTON, Paul. *Op.cit.* p. 202.

341 FERNANDEZ, Paloma. *Op.cit.* apud: TUSSELL, Javier. p. 95.

errado se envolver em política. “*Só um povo traumatizado pela guerra pode ter tanto apego à ordem e a paz, e não foi só no imediato pós-guerra, mas sim ao largo de todo o período franquista, inclusive, como veremos, depois*”³⁴².

A transição democrática espanhola foi, de certa maneira, pacífica, com apenas 644 mortos³⁴³, um número pouco expressivo se comparado com a Revolução dos Cravos em Portugal, em período próximo. Costuma-se afirmar que durante a transição espanhola houve um Pacto de Silêncio, onde a palavra de ordem era o consenso, pois “[...] tornou-se imperativo o consenso em torno à figura do Rei para que a transição não desandasse a reavivar fantasmas da Guerra nem demônios da República”³⁴⁴. O maior medo da sociedade espanhola era de que houvesse algum tipo de ajuste de contas, como verificamos quando Fernández cita Fraga em seu livro: “*Me irrita que hoje surja alguém que alimente o guerracivilismo, como se está fazendo de forma irresponsável e perigosa, desenterrando fantasmas do passado, promovendo desde a reivindicação da memória histórica até um ajuste de contas*”³⁴⁵.

Dessa maneira, em algumas situações, o consenso deixou de ser o meio para ser um fim em si mesmo³⁴⁶. Para Francisco Sevillano Calero, “[...] a memória social se formou sobre o desejo de esquecimento para superar o passado traumático e favorecer a convivência no presente, em primeiro lugar, procurando o maior consenso político no processo de transição para a democracia”³⁴⁷. Como o próprio Rafael Sánchez Guerra afirmou em seu exílio na Argentina:

A reconciliação é inevitável por próprio egoísmo, por instinto de conservação. É imprescindível e urgente que os espanhóis recobrem a calma, que nos esqueçamos de tudo, inclusive, ainda que para alguns pareça cruel e monstruoso, que nos esqueçamos de nossos mortos se é que serão uma barreira intransponível ³⁴⁸.

342 FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 217.

343 Ibid. p. 398.

344 MARCO, Valéria De. *Um pacto de silêncio: a transição espanhola*. In.: Coggiola, Osvaldo(org.). **O fim das ditaduras**. São Paulo: Xamã, 1995.p. 115.

345 FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 78.

346 Ibid. p. 237.

347 CALERO, Francisco Sevillano. **La construcción de la memoria y el olvido en la España democrática. La crisis rompe el suelo bajo unos best sellers**. Madri: ABC. 26 de dezembro de 2012. <http://www.abc.es/cultura/libros/20121226/abci-crisis-best-seller-libros-201212241245.html>. consultado 15 de dezembro de 2014. 19h. p. 299.

348 FERNANDEZ, Paloma. *Op.cit.* apud: GUERRA, Rafael. p. 213.

Em algumas passagens de *Soldados de Salamina* é possível perceber que o tema Guerra Civil Espanhola não faz parte dos assuntos de interesse da maior parte da população. Quando Javier Cercas e Antonio Miralles conversam pela primeira vez, o veterano de guerra diz: “- *Jornalista. – outro silêncio. – E o senhor está pensando em escrever sobre isso? O senhor acha mesmo que algum leitor do seu jornal vai se interessar por uma história que aconteceu há sessenta anos?*”³⁴⁹. Porém, a partir de 2000 houve grande crescimento do número de publicações – livros, filmes, revistas, entre outros – que abordam essa temática. Assim, *Soldados de Salamina*, publicado em 2001, está inserido neste contexto: o despertar para um passado adormecido que remete à guerra dos anos 1930.

Logo nas primeiras páginas de *Soldados de Salamina*, Javier Cercas, o protagonista, se interessa sobre a Guerra Civil Espanhola, assunto que antes da entrevista com Ferlosio não despertava nenhuma curiosidade³⁵⁰. Ou seja, é como se, neste ponto da obra, o despertar de Javier Cercas para a história silenciada do seu país coincidissem com o da sociedade no período em que o livro foi escrito.

Na década de 2000 também foi estabelecida a *Ley de Memoria Histórica de España*, que se trata de “*um movimento social constituído por familiares das vítimas do franquismo, organizado em associações locais e regionais, e por geração de historiadores que desde os anos 80 renovaram o estudo da guerra civil [...]*”³⁵¹. A geração de 2000 é a chamada “geração dos netos” daqueles que lutaram no conflito, “descomprometida com a transição”³⁵² e preocupada com a reconciliação com o passado.

Durante os anos do governo ditatorial, os veteranos que combateram ao lado da Segunda República da Espanha não receberam nenhum benefício ou homenagem. Apenas em 1982 começaram as medidas de reabilitação daqueles que foram considerados *vencidos*, iniciando-se assim o reconhecimento jurídico dos direitos e dos serviços prestados àqueles que fizeram parte das Forças Armadas, da Ordem Pública e do Corpo de *Carabineros* da

349 CERCAS, Javier. **Soldados de Salamina. Soldados de Salamina**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012. p. 177.

350 Ibid. p. 19.

351 SIMÕES, Maria Dulce Antunes. **Movimentos públicos e memórias privadas: silêncios de discursos da Guerra Civil Espanhola**. Cadernos CERU. São Paulo: USP. série 2, v. 20, n. 1, junho de 2009. p. 87.

352 Ibid. p. 88.

República³⁵³. Apesar das medidas que vêm sendo tomadas para reparação, trechos do livro mostram ressentimento com todos os anos em que essas pessoas foram esquecidas:

A segunda era mais dura, escrita por um homem velho o bastante para ter vivido a guerra. Com jargão inconfundível, acusava-me de “revisionismo”, porque o ponto de interrogação do último parágrafo o que se seguia à citação de Jaime Gil (Termina mal?), sugeria de forma de forma velada que a história da Espanha termina bem, coisa que a seu juízo é rigorosamente falsa. “Termina bem para os que ganharam a guerra”, dizia, “mas mal para nós que a perdemos. Ninguém fez sequer um gesto de agradecimento a nós que lutamos pela liberdade. Em todas as aldeias há monumentos que saúdam os mortos da guerra. Em quantos deles o senhor imagina que apareçam nomes dos dois lados em guerra?” O texto acaba assim: “E que vá à merda essa tal de Transição! Atenciosamente: Mateus Recasens³⁵⁴.”

Antoni Miralles também comenta com Javier Cercas sobre a ingratidão e os seus amigos que foram esquecidos:

Fica quieto e me escuta, menino – atalhou. – Me responda: acha que alguém me agradeceu? Respondo eu: ninguém. Nunca ninguém me agradeceu por ter perdido a juventude brigando pela merda do país deles. Ninguém. Nem uma só palavra. Nem um gesto. Nem uma carta. Nada³⁵⁵.

Quando fui para o *front* em 1936, muitos rapazes foram comigo. Eram de Terrassa, como eu: muito jovens, quase umas crianças, como eu; alguns eu conhecia de vista ou de ter falado alguma vez; a maioria não. [...] Lutamos a guerra juntos; as duas: a nossa e a outra, embora as duas fossem a mesma. Nenhum deles sobreviveu. Todos mortos. O último foi Lela García Segues. [...] Morreu no verão de 1943, em uma aldeia perto de Trípoli, esmagado por um tanque inglês. Você acredita? Desde que a guerra terminou não se passou um só dia sem que eu pensasse neles. Eram tão jovens ... Morreram todos. Todos mortos. Mortos. Mortos. Nenhum provou as coisas boas da vida: nenhum teve uma mulher só para ele. Nenhum conheceu a maravilha de ter um filho nem viveu a maravilha de ter esse filho, com três ou quatro anos, se enfiando em sua cama, entre sua mulher e ele, num domingo de manhã, num quarto com muito sol... – Em algum momento Miralles começou a chorar: seu rosto e sua voz não haviam mudado, mas lágrimas sem consolo rolavam velozes pela superfície lesa de sua cicatriz, e lentas pelas bochechas sujas de barba. – Às vezes sonho com eles, e então me sinto culpado: vejo todos, intactos e me cumprimentando com piadas, igualmente jovens como então, porque o tempo não passa para eles, como se os tivesse traído, porque meu verdadeiro lugar era ali; ou como se eu tivesse usurpado o lugar de algum deles; ou como se na verdade eu tivesse morrido há sessenta anos numa vala na Espanha [...]. Ninguém se lembra deles, sabe? Ninguém. Ninguém se lembra sequer por que morreram, por que não tiveram mulher e filhos e um quarto com sol; ninguém, e menos que ninguém, as pessoas por quem lutaram. Não há nem haverá jamais uma rua miserável de alguma aldeia miserável de algum país de merda que venha a receber um dia o nome de algum deles. Entende? Entende, não é? Ah, mas eu me lembro, ora se me lembro, me lembro de todos, de Lela e de Joan e de Gabi e de Odena e de Cardos e de Pipo e de Brugada e de Gudayol, não sei por que faço isso, mas faço, não passa um dia sem que pense neles³⁵⁶.

³⁵³ CALERO, Francisco Sevillano. *Op.citp.* 301.

³⁵⁴ CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 25.

³⁵⁵ Ibid. p. 177.

Segundo Paloma Fernández, “quando se fala sobre os caídos, sobre tudo nas primeiras décadas do regime, se ignora os republicanos, esquecem sua existência, ou negam explicitamente qualquer reconhecimento”³⁵⁷. Além disso, aqueles que perderam a guerra, foram obrigados a participar de obras coletivas, trabalho compulsório, sendo um deles o *Valle de los Caídos* – monumento que homenageia os mortos do lado vencedor –, pois pela lógica do governo, já que os prisioneiros republicanos contribuíram para destruir o país, agora teriam que trabalhar para a reconstrução³⁵⁸. Apesar disso, encontramos pessoas como Salgado-Araujo³⁵⁹ que manifestavam o desejo de que todos os católicos, vencedores e vencidos, pudessem ser enterrados no *Valle de Los Caídos*³⁶⁰.

A partir da redemocratização teve início uma série de leis e medidas com o objetivo de reabilitar os vencidos, como já foi mencionado anteriormente, porém,

os nomes da maioria dos fuzilados pelos vencedores da Guerra Civil Espanhola não figuram entre as listas das igrejas nem cemitérios. Os restos de muitos deles se encontram em local desconhecido. Suas histórias, em muitos casos, apenas começaram ser conhecidas nos últimos anos, enquanto que uma parte significativa delas permanecem no anonimato. Tudo isso é o que suas famílias aspiram recuperar ³⁶¹.

Percebemos que a “*actual sociedade espanhola foi moldada pelas chamas da guerra – um em cada quatro espanhóis tem um familiar morto no conflito –, demonstrando grande incomodo quando confrontada com tal legado*”³⁶². O silêncio existente até então mostra as cicatrizes da sociedade, ou seja, “*os silêncios expressam de forma latente uma autocensura coletiva, a existência de cicatrizes políticas abertas, de problemas vivos na vida do país*”³⁶³. Ou seja, optaram por esquecer o passado como forma de sobreviver ao presente³⁶⁴.

³⁵⁶ Ibid. p. 203.

³⁵⁷ FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 149.

³⁵⁸ Ibid. p. 148.

³⁵⁹ Francisco Franco Salgado-Araujo foi primo e colaborador de General Francisco Franco. Salgado-Araujo chegou a manifestar que seria mais útil para a Espanha que ao invés de ter construído o *Valle de los Caídos*, deveria ter feito uma fundação destinada a recolher os órfãos da guerra, independente do posicionamento dos seus pais.

³⁶⁰ FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 152.

³⁶¹ FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 51.

³⁶² CERQUEIRA, João. *Op.cit.* p. 24.

³⁶³ FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 35.

³⁶⁴ Ibid. p. 74.

Além disso, em outro momento da conversa com o jornalista, Miralles afirma: *“Acredite: essas histórias não interessam a ninguém, nem sequer a nós que as vivemos; houve um tempo em que sim, mas agora já não. Alguém decidiu que era preciso esquecê-las [...]”*³⁶⁵. Assim, voltamos a questão anteriormente mencionada, o esforço realizado pelo governo franquista em criar sua própria versão e silenciar outras acerca da Guerra Civil Espanhola. Para Galeano, *“o esquecimento, diz o poder, é o poder, é o preço da paz, enquanto nos impõe uma paz fundada na aceitação da injustiça como normalidade cotidiana. Acostumaram-nos ao desprezo pela vida e à proibição de lembrar”*³⁶⁶.

Apesar do esforço em difundir a memória oficial, não havia uma memória única na sociedade, *“[...] pois cada grupo elabora a representação do passado que melhor se adéqua aos seus valores e interesses”*³⁶⁷, ainda que não fosse abertamente defendido nos anos ditatoriais. Afinal,

tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva³⁶⁸.

A recente busca da população espanhola em saber sobre seu passado faz parte da construção de sua identidade. Para Calero,

este movimento de recordar, implica no esquecimento, ou melhor, numa complexa dialética entre o esquecimento e a recordação, que é importante na reprodução da identidade nacional, também mediante o avivamento cotidiano dos valores e símbolos que supõe o “nacionalismo banal” como forma de configurar a memória social³⁶⁹.

Importante lembrar que os feitos adquirem diferentes significados de acordo com cada geração, inclusive, por vezes, deixam de ser relevantes para a sociedade do então presente. Porém, *“as repercussões psicológicas da Guerra Civil foram tais que alcançaram inclusive as gerações que não haviam lutado na guerra”*³⁷⁰, afinal, as crianças foram criadas dentro de um

365 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 179.

366 GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar. A escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM, 1999. p. 214.

367 CALERO, Francisco. *Op.cit.* p. 298.

368 LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1996. p. 426

369 CALERO, Francisco. *Op.cit.* p. 301.

370 FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 33.

governo sustentado pela lembrança da guerra, exaltando a vitória franquista. De acordo com Reig Tapia, “*nossa memória da guerra civil, às vezes, parece mais viva do que o desejável e, outras, mais esquecida do que o devido, o que não deixa de ser um paradoxo tremendamente humano*”³⁷¹.

Curiosamente, Paloma Fernández, menciona em seu livro a seguinte situação pela qual passou: “*Quando comecei a tese de doutorado, surpreendi muitas pessoas, inclusive, parecia incomodá-las, que a Guerra Civil interessasse a alguém, até então, tão jovem. Algumas me questionaram: ‘Não acha que já está na hora de deixar esse assunto para trás?’*”³⁷². Outro caso curioso é mostrado por João Cerqueira:

Todos os programas televisivos que tentam abordar o conflito desencadeiam inflamados protestos, à esquerda e à direita. Em 1983 o *Cambio 16* publica um inquérito nacional em que 73% dos entrevistados afirmam, apesar de 1/3 não saber por quem lutaram as Brigadas Internacionais nem a Legião Condor, que a guerra foi o momento mais vergonhoso da História de Espanha e ser preferível esquecê-la. Mas quando em 1981 os generais Milans Del Bosche, Alfonso Armada e o coronel Tejero Molina tentam um golpe de Estado, 85% da população admite ter pensado que uma nova Guerra Civil iria começar; no entanto, a maioria declara recusar-se a combater, seja por que causa fosse³⁷³.

Percebemos, assim, que quando a chamada geração dos netos busca saber mais sobre a Guerra Civil Espanhola, busca finalmente superar os fantasmas do passado. Javier Cercas – que faz parte da chamada geração dos netos dos combatentes – cria um personagem que pouco sabe sobre a guerra dos seus antepassados e quando percebe o seu desconhecimento, sente mal estar, só ficando satisfeito quando encerra sua busca ao encontrar Antonio Miralles. Para alguns como Ralph Wildner, o livro *Soldados de Salamina* é um chamado para encerrar um capítulo da história espanhola, mas acredito que, na verdade, a obra tenha a intenção de encerrar o conflito interno existente nos espanhóis para buscar essas histórias da guerra, ou seja, encerrar o capítulo da história espanhola relacionado ao silêncio.

3.2. Eram apenas homens

371 REIG TAPIA, A. **Memoria viva y memoria olvidada de la guerra civil**. Sistema. n. 136, jan/1997, Madrid, p. 40-41.

372 FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 21.

373 CERQUEIRA, João. *Op.cit.* p. 24.

Quem mata um homem é chamado de assassino, quem mata milhares é chamado de herói.

Charles Chaplin

A obra *Soldados de Salamina* apresenta um caráter marcadamente conciliador ao trazer dois personagens antagônicos, Rafael Sánchez e Antoni Miralles, falangista e republicano, respectivamente. Ainda que no decorrer do livro Javier Cercas busque um herói e acredite que se trate de Miralles, ao contrário da afirmação de Garrison³⁷⁴, não percebo que Javier Cercas, o autor, coloque Sánchez como vilão da história, ainda que seja possível perceber que não exalte qualidades de Rafael Sánchez. Na maior parte das vezes é Conchi, a namorada do protagonista, que representa a insatisfação em escrever sobre um ex-membro da falange, como nas seguintes passagens: “- *Tem graça! – comentou Conchi, um esgar de asco a assomar-lhe à boca. – Imagine escrever sobre um fascista com tantos escritores comunas bacanas por aí! García Lorca, por exemplo. Era comuna, não era?*”³⁷⁵; e “- *Merda! – disse Conchi. – Eu bem que te disse pra não escrever sobre reaçã. Essa gente acaba com tudo em que encosta. O que você tem de fazer é esquecer esse livro e começar outro. Que tal um sobre García Lorca?*”³⁷⁶.

Desde a redemocratização a Espanha passa por um processo de valorização daqueles que lutaram pela República Espanhola e que foram perseguidos durante o regime ditatorial, em contrapartida, há certo incômodo ao tratar de questões relacionadas à Guerra Civil, sendo ainda maior quando se fala de algum ex-membro da falange ou de alguém que de alguma forma colaborou com a ditadura. Javier Cercas, em seu livro, levanta este aspecto:

à época, não havia lido antes uma única linha de Sánchez Mazas, e seu nome não era para mim mais que o vago nome entre de um entre muitos políticos e escritores falangistas que os anos recentes da história da Espanha enterraram rapidamente, como se os coveiros temessem que não estivessem completamente mortos³⁷⁷.

O episódio em que Rafael Sánchez Mazas sobrevive ao seu fuzilamento dá origem à trama de *Soldados de Salamina*, pois quando Rafael Sánchez Ferlosi conta a história da fuga de

374 GARRISON, Alison. **La pieza ausente de uma memoria olvidada**[tese]. Greensboro: Universidade da Carolina do Norte, 2012.

375 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 68.

376 Ibid. p. 146.

377 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 19.

seu pai - Rafael Sánchez Mazas - para Javier Cercas, este percebe um elemento não mencionado nas histórias que já escutara:

Ali, refugiado em um buraco, escutava os latidos dos cachorros, os tiros e as vozes dos milicianos que o procuravam sabendo que não poderiam perder muito tempo na busca, porque os franquistas já pisavam os seus calcanhares. De repente, meu pai escuta um ruído de galhos às suas costas, vira-se e dá com um miliciano de olhos pregados nele. Ouve-se um grito: “O homem está por aí?”. Meu pai contava que o miliciano continuou a olhá-lo por alguns segundos e que então, sem tirar os olhos dele, gritou: “Por aqui não tem ninguém!”, deu meia volta e foi embora³⁷⁸.

Podemos observar que no episódio que o miliciano, soldado republicano, não denuncia Rafael Sánchez, a mensagem para o leitor é para que as velhas rivalidades fossem deixadas de lado, como naquele momento, já no fim da guerra, aconteceu entre o soldado e o poeta falangista. O soldado miliciano que deixou de lado o fugitivo não era mencionado na história oficial sobre a sobrevivência de Mazas, além de se omitir a ajuda que teve dos chamados “amigos do bosque”³⁷⁹. Isto pode ser facilmente explicado pelo fato de que tanto o soldado quanto os amigos do bosque eram republicanos – ainda que estes últimos desertores –, portanto, como já foi explorado anteriormente, não havia interesse dos membros da Ditadura em exaltar qualquer um que pertencesse ao bando legalista, todos eram considerados traidores da pátria³⁸⁰.

O jornalista inicia, então, sua busca pelo soldado da história, o herói que Javier estava procurando para sua história. No decorrer da investigação, encontra o veterano espanhol Antonio Miralles, a quem acredita ser o homem que viu Sánchez no bosque. Miralles, no início, se mostra incomodado por abordarem o assunto da guerra depois de tanto tempo³⁸¹. Antonio Miralles, depois de negar diversas vezes ser quem Javier Cercas procurava, questiona:

- Me diz uma coisa – falou com a mão no trinco: a porta estava entreaberta. – Para que você queria encontrar o soldado que salvou Sánchez Mazas?

Respondi sem pestanejar:

- Para perguntar o que pensou naquela manhã, no bosque, depois do fuzilamento, quando o reconheceu e o olhou nos olhos. Por que o salvou, porque não o delatou, por que não o matou.

- Por que iria matá-lo?

- Porque na guerra as pessoas se matam – disse. – Porque por culpa de Sánchez Mazas e de quatro ou cinco tipos parecidos, aconteceu o que aconteceu e agora esse soldado empreende

³⁷⁸ Ibid. p. 18.

³⁷⁹ TRAPIELLO, Andrés. *Op.cit.* p. 477.

³⁸⁰ SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 229.

³⁸¹ No item anterior desta dissertação, percebemos que o personagem Miralles possui muitas “feridas abertas” relacionadas a este episódio de sua vida.

um exílio sem regresso. Porque se alguém mereceu que o fuzilassem, esse alguém foi Sánchez Mazas.

[...]

- O que você acha que ele pensou?

- O soldado? – Voltei-me para ele. Com todo o seu corpo apoiado na bengala, Miralles observa a luz do sinal, que estava vermelha. Quando mudou do vermelho para o verde, Miralles me olhou com um olhar neutro. Disse: - Nada.

- Nada?

- Nada³⁸².

O protagonista diz que Sánchez foi um dos culpados da guerra ter acontecido porque era um dos principais nomes da Falange espanhola, sendo o intelectual por quem José Antonio Primo de Rivera tinha mais simpatia e respeito³⁸³. Além disso, o próprio Trapiello diz que Sánchez Mazas contribuiu como poucos na Guerra Civil, ainda que na retaguarda³⁸⁴.

Muitos mitos e símbolos do futuro falangismo espanhol, assim como boa parte da sua retórica, quem proporcionou foi Sánchez Mazas: modelos históricos, interpretações do classicismo literários e artístico e conceitos da nova *catolicidad y europeidad carlomagnista*, obtidos da cidade imperial ³⁸⁵.

Mesmo com a importância evidente de Rafael Sánchez Mazas para o desenvolvimento de um dos partidos da Guerra Civil Espanhola, talvez o mais violento ligado a direita conservadora, Antoni Miralles não vê motivo para que o soldado matasse aquele homem que fugia no bosque, apenas tentando sobreviver. Ou seja, o recado passado ao leitor é que velhas rivalidades devem ser deixadas de lado, como aconteceu com aqueles dois indivíduos no bosque, já no final da guerra. Afinal, Miralles não era um comunista convicto antes de a guerra ter início:

Antes da guerra, Miralles havia trabalhado como aprendiz de torneiro mecânico; ignorava o que quer que fosse de política; seus pais, gente de condição muito humilde, nunca falavam disso, tampouco seus amigos. No entanto, mal chegou ao *front* tornou-se comunista: o fato de que também o fossem seus companheiros e seus superiores, bem como Líster, sem dúvida influenciou sua decisão; quem sabe animou mais ainda a certeza de que os comunistas eram os únicos que estavam genuinamente dispostos a dar a cara para bater e ganhar a guerra³⁸⁶.

Outro ponto que não deve ser esquecido, é que o autor apresenta seus personagens como homens, com famílias e temores. No caso de Mazas, o jornalista conversa até com seu filho, para

382 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 205-207.

383 TRAPIELLO, Andrés. *Op.cit.* p. 471.

384 Ibid. p. 471.

385 Ibid. p. 472.

386 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 157-158.

conhecer melhor a fuga. Importante notar que Cercas se interessa pouco em descrever ao leitor a participação de Rafael Sánchez na guerra, até porque tinha fama de ser um homem de pouca coragem, não podendo provar o contrário durante o conflito, pois na maior parte do tempo esteve refugiado na embaixada do Chile ou preso na Catalunha³⁸⁷. O autor evita tocar em algumas “feridas” da sociedade, atendo-se apenas aos detalhes necessários para situar o leitor mais leigo.

O mesmo acontece com os jovens amigos do bosque, descritos da mesma forma de maneira humanizada:

Órfãos de convicções políticas, famintos, derrotados e fartos da guerra, refratários à agonia do exílio, persuadidos pela propaganda franquista de que, a menos que tivessem as mãos manchadas de sangue, nada teriam a temer dos vencedores exceto a restauração da ordem rompida pela República, Figueras e Angelats só queriam conservar a pele, escapar à fúria sem limites dos marroquinos e aproveitar-se da primeira distração de seus superiores para tomar o caminho de casa e lá esperar os nacionais³⁸⁸.

Nas duas passagens anteriores em destaque o autor aborda outra questão, as pessoas que não estavam envolvidas com as ideologias em disputa na guerra antes do início dela, até mesmo durante, como o é o caso dos desertores, os irmãos Figueras e Angelats. Costuma-se dizer que a Espanha estava dividida em duas, porém, havia aqueles pertencentes à “Terceira Espanha”, que até mesmo por circunstâncias geográficas tiveram de tomar um ou outro lado³⁸⁹, como afirma o próprio Francisco Salvado: *“uma multidão, que pode ser definida como ‘Terceira Espanha’, muitas vezes ignorada pela sua passividade, foi arrastada para a guerra por medo ou repugnância. Para grande parte dessas pessoas, a adesão a um lado ou outro na guerra dependia principalmente da geografia*^{390”}.

La novela, básicamente, habla de los héroes, de la posibilidad del heroísmo; habla de los muertos, y del hecho de que los muertos no están muertos del todo mientras haya alguien que los recuerdo; habla de la búsqueda del padre, de Telémaco buscando a Ulises; habla de la inutilidad de la virtud y de la literatura como a única forma de salvación personal...³⁹¹

Por muitos anos, durante a ditadura do General Francisco Franco, o heroísmo da Guerra Civil Espanhola esteve relacionado ao lado franquista, nacional³⁹², porém, no livro *Soldados de*

387 TRAPIELLO, Andrés. *Op.cit.* p. 470.

388 CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 114-115.

389 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 99-100.

390 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 134-135.

391 CERCAS, Javier; TRUEBA, David. *Op.cit.* p. 21.

Salamina o jornalista está procurando aquele que considera um herói, o soldado que apesar da guerra, deixou Rafael Sánchez Mazas sobreviver. O fato de não ter encontrado o herói que procurava simboliza a dificuldade de caracterizar “vilões” ou “mocinhos”, da mesma forma que ao construir como ideal de homem não o grande guerreiro, o mártir ou o líder carismático, mas sim aquele capaz de superar qualquer revanchismo, enaltece uma característica marcante da geração à qual pertence – a “geração dos netos” -: o desejo pela reconciliação.

4. A concorrência pelo passado

392 FERNÁNDEZ, Paloma. *Op.cit.* p. 127.

As três fontes trabalhadas aqui oferecem um rico e inesgotável repertório de representações produzidas sobre a Guerra Civil Espanhola. Essas narrativas, por mais que tenham se inspirado nas experiências dos autores; no material por eles levantado acerca dos eventos; em testemunhos diversos, nos permite considerar, sobre tudo, “*os conflitos e as negociações, cujo desafio [para os atores] continua sendo sua capacidade para fazer com que se reconheça sua identidade*”³⁹³, valorizando o potencial criativo dos indivíduos em cada “campo”³⁹⁴. Fala-nos fundamentalmente da imagem que uma comunidade produz sobre si mesma, dos “*esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro lado, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida*”³⁹⁵.

Estes textos não podem, então, ser tratados de maneira desencarnada, desconsiderando as condições macro-históricas ou aquelas singulares com as quais se defrontaram na produção, publicação – afinal, “*os autores não escrevem livros, (...) escrevem textos que outros transformam em objetos impressos*”³⁹⁶ – e na recepção. Se, por um lado, nos informam sobre esse “contexto”, por outro, seus sentidos não podem ser extraídos sem ele, como se fossem estáveis e universais. A obra deve ser pensada enquanto intervenção, produzida em uma configuração que, ao mesmo tempo, é por ela reconfigurada.

A identificação do “lugar de fala” e a compreensão do seu conteúdo não podem ser operadas de maneira independente, ainda que a organização da exposição, por vezes, exija um ordenamento espacial e temporal que não corresponde ao processo de investigação. A comparação entre as influências artísticas, literárias e ideológicas; o cenário político e econômico; as condições objetivas experimentadas no cotidiano dos autores na produção, na circulação e na recepção, será seguida pela comparação dos mundos pintados pelos livros.

4.1. Lugares de fala

393 CHARTIER, Roger. *Op.cit.* p. 10

394 No sentido atribuído por Pierre Bourdieu em obras como “*A distinção*” ou “*O poder simbólico*” e apropriado por Roger Chartier em sua proposta para uma História Cultural.

395 CHARTIER, Roger. *Op.cit.* p. 11

396 Ibid. p. 71

*Os deuses criam os acontecimentos históricos
para que os poetas do futuro possam cantá-lo.*
Homero

George Orwell começou a escrever o livro *Homage to Catalonia* em 1937, logo depois que deixou a Espanha, como foi mencionado em capítulos anteriores. Escreveu e publicou seu livro na Inglaterra do final dos anos 1930 e início dos anos 1940. Era período entre guerras e experimentava-se um significativo recuo das liberdades individuais com o objetivo de reestruturar a sociedade e economia inglesa³⁹⁷. O país tentava se recuperar do impacto da “Grande Guerra”- a Primeira Guerra Mundial -, que fez com que os britânicos perdessem uma geração³⁹⁸. Ainda podiam ser sentidos os efeitos da Grande Depressão que atingiu a maior parte do ocidente capitalista nos anos de 1930, época de desemprego em massa³⁹⁹. Esse quadro de crise do liberalismo colaborou com a radicalização da esquerda e da direita (com ênfase a países como Alemanha e Itália; no caso da Espanha a radicalização foi tanto da esquerda quanto da direita, culminando na Guerra Civil Espanhola), não sendo exceção a Grã-Bretanha. Assim, em 1934 foi aprovada a lei de Sedição,

que pretendia cercear e limitar a circulação entre as forças armadas”⁴⁰⁰. No cenário descrito, “a censura acabou se mostrando como um dos mecanismos para conter, por exemplo, o avanço do Partido Fascista Britânico, de Sir Oswald Mosley, preso, quando Churchill se tornou Primeiro-Ministro, em 1940. A questão é que a censura não se limitou apenas a ser um instrumento para conter o avanço de forças políticas indesejáveis, mas também um mecanismo de controle moral e social⁴⁰¹.

José Maria Gironella também publica *Un Millón de Muertos* em ambiente de censura, na Espanha do ditador Francisco Franco, antes da *Ley de Prensa e Imprenta* que oferecera uma falsa sensação de liberdade de expressão – mantida a necessidade de passar por avaliação de censores para a aprovação⁴⁰². Curiosamente, o primeiro livro

397 MAIA, Wendell. **Ameaça à Liberdade: E.M. Foster e a censura na Inglaterra das décadas de 1920 e 1930**. VI Congresso Internacional de História, 25 a 27 de setembro de 2013. p. 3.

398 HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX**. p. 33.

399 Ibid. p. 97.

400 MAIA, Wendell. *Op.cit.* p. 4.

401 Ibid. p. 12.

que trata da família Alvear, *Los cisprentes creen en Diós* (1956), publicado antes na França, quase foi censurado na Espanha, mas terminaria por fim, superando os obstáculos impostos pelo regime. Entre a publicação do primeiro e do segundo livro, *Un Millón de Muertos*, o país passou por algumas mudanças, como por exemplo, a simbólica visita do presidente americano Eisenhower, em 1959, mostrando a aproximação com os países democráticos e liberais⁴⁰³, exemplo disso é que, no ano seguinte ao da publicação do segundo livro da tetralogia, a Espanha solicitou a entrada na C.E.E.

Após a Guerra Civil Espanhola, o país viveu um período de recessão, com racionamento até maio de 1952⁴⁰⁴, e enormes índices de mortalidade infantil, semelhantes aos números de países terceiro mundistas⁴⁰⁵. Porém, nos anos 1950 e principalmente nos anos 1960, a sociedade espanhola vivia um tempo de prosperidade, aumentando seu P.I.B. (Produto Interno Bruto) “*per capita de 66% para 70% em relação ao nível da França*”⁴⁰⁶. O cenário da produção das duas primeiras peças da trilogia de Gironella – apenas se tornaria uma tetralogia em 1986 – era de prosperidade econômica e tranquilidade política.

Segundo Larraz a censura implicou um duplo processo de modificação e mutilação: se, por um lado, muitos textos sofreram alterações substantivas posteriores à análise dos censores, em outros, a autocensura interveio de maneira decisiva no processo criador dos escritores. A importação de obras editadas no exterior, assim como sua tradução para o espanhol, não escaparam das restrições do regime⁴⁰⁷. O controle foi ainda mais rigoroso para as novelas ambientadas na guerra civil, principalmente para aquelas que se inspiraram ou buscaram reconstruir experiências pessoais. Uma série de procedimentos deveria ser seguido pelos relatos, como a utilização de palavras consideradas adequadas ao se referir ao grupo nacionalista – jamais deveriam ser chamados de “rebeldes” ou “sublevados”; “Cruzada” ou “Guerra de Libertação” seriam

402 ABELLA, Rafael. *La vida cotidiana bajo el régimen de Franco*. Madri: Temas de Hoy, 1984. p. 283.

403 VIDAL, Agustín. *La renovación de la novela Española en los sesenta*. Cuadernos de Investigación filológica, n. 6, 1980. p. 24.

404 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 66.

405 Ibid. p. 70.

406 PLIHON, Dominique; REY, Nathalie. *Espanha, doze anos de miopia*. In: CORIAT, B. *Europa al borde del abismo: economistas aterrados*. Madrid e Sevilla: Barataria Ediciones, 2012. p. 2.

407 LARRAZ, Fernando. *Letricidio español. Censura y novela durante el franquismo*. Gijon: Trea, 2014. p 17.

termos adequados para se referir a empreitada – ou o cuidado ao falar sobre qualquer violência praticada pelo exército franquista e a simpatia pelos textos que insistissem na barbárie republicana⁴⁰⁸.

Homage to Catalonia, de George Orwell, foi um dos livros censurados pelo regime ditatorial espanhol, afinal, não era um livro apenas de um republicano, mas o relato de um miliciano anarquista que combateu na Catalunha. Essa e outras obras estrangeiras foram publicadas no país apenas após a morte de Francisco Franco, quando o país voltou a viver sob a democracia. Em contrapartida, mesmo que Gironella não tenha seguido todas as instruções dos censores, como por exemplo, não falar sobre a violência cometida pelos nacionais, conseguiu publicar a sua trilogia durante a ditadura. Ainda que inicialmente, tenha tido problema com os censores, conseguiu que a publicação fosse feita sem nenhuma alteração do original. Vale lembrar que na Espanha seus livros foram publicados pela Editora Planeta, cujo dono era José Manuel Lara, ex-soldado nacional. Além disso, narrativas como a de Gironella passaram a ser bem vistas pelo governo, substituindo aos poucos a propaganda explícita e a maquiagem rudimentar pelas que valorizavam uma imagem de normalidade da vida cotidiana durante o regime, por meio da “neutralidade” evocada pelo relato⁴⁰⁹.

Diferente do que ocorreu com as obras citadas anteriormente, *Soldados de Salamina* de Javier Cercas, foi lançada em período de liberdade de expressão na Espanha. Além disso, o país vivia em prosperidade econômica, sendo a quinta maior economia da União Europeia⁴¹⁰. Nos anos 2000 houve um crescente interesse sobre o tema da Guerra Civil e “a recente narrativa ofereceu perspectivas sobre o conflito que eram próprias de uma nova geração de escritores que não os vivenciaram, mas a partir de suas respectivas criações buscaram rememorá-los”⁴¹¹. O ambiente espanhol era de uma esquerda comportada e uma direita que tentava se camuflar⁴¹².

Este novo interesse fez com que inúmeras obras com essa temática fossem reeditadas, inclusive as de José Maria Gironella⁴¹³, que em sua época, principalmente a

408 LARRAZ, Fernando. *Op.cit.* p 106.

409 Ibid. p. 106.

410 PLIHON, Dominique; REY, Nathalie. *Op.cit.* p. 3.

411 CUÑADO, Isabel. **Despertar tras la amnesia: Guerra civil y postmemoria en la novella del siglo XXI. Dissidences.** Hispanic Journal of Theory and Criticism, 2007. p. 3.

412 LEMUS, Víctor. **Un secreto esencial: Literatura y memoria histórica em Soldados de Salamina, de Javier Cercas.** IPOTESI – Revista de Estudos Literários. p. 115.

primeira delas, foram grande sucesso de vendas. De acordo com o jornal *El País*, depois da Bíblia Sagrada e Dom Quixote, o livro *Los Cisprenses creen en Diós* foi o mais vendido na Espanha⁴¹⁴. Segundo Rafael Abella, *Un Millón de Muertos* “teve um êxito enorme, causando reações furiosas entre os que consideravam o tratamento que o autor dava era ‘uma ofensa aos nossos caídos’”⁴¹⁵.

Ao contrário do que ocorreu com Javier Cercas e José María Gironella, o livro de George Orwell não lhe rendeu fama, tampouco frutos financeiros. *Homage to Catalonia* se tornou conhecido apenas após a publicação das suas obras mais conhecidas: *Revolução dos Bichos* e *1984*. Enquanto rapidamente os livros de Gironella foram traduzidos para vinte idiomas, a obra de Orwell sobre suas experiências na guerra espanhola foi publicada em outros idiomas só depois de 1949.

George Orwell era uma figura polêmica, se autodenominava socialista democrata⁴¹⁶, para outros, era considerado anti-comunista, por causa das críticas que fazia ao regime totalitário da União Soviética. Para Antonio Ozaí da Silva, “[...] ao agregar a simpatia de tendências políticas da direita à extrema-esquerda, Orwell demonstra o quanto é difícil ser um intelectual que critique concomitantemente a sociedade capitalista e o socialismo real”⁴¹⁷. Durante sua vida, Orwell não teve filiação partidária, ainda que durante a Guerra Civil Espanhola perceba-se uma maior aproximação com os anarquistas.

Intelectuais como Orwell não podem ser compreendidos através do raciocínio dualista ou amparado em ‘ismos’. Orwell expressa o tipo de intelectual que dificilmente se enquadra em rótulos. Ele pertence ao rol dos que privilegiam a liberdade da crítica, a independência em relação aos grupos e panelinhas. Indivíduos como Orwell são dissidentes solitários – mas também solidários – prontos a criticar a própria dissidência e a aceitar os riscos inerentes à essa atitude⁴¹⁸.

Orwell afirma:

413 Ibid. p. 3.

414 MORET, Xavier. **Muere Gironella, uno de los autores de más éxito durante el franquismo**. *El País*. Sábado, 4 de janeiro de 2003.

415 ABELLA, Rafael. *Op.cit.* p. 281.

416 TREVAS, Leonardo. *Op.cit.* . p. 1.

417 SILVA, Antonio Ozaí da. **Centenários de George Orwell: Os dilemmas do intelectual militante de esquerda**. *Revista Espaço Acadêmico* – Ano III, n. 26. Julho de 2003.

418 Ibid.

Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, *Homenagem à Catalunha*, é claramente um livro político, mas de maneira geral está escrito com um certo distanciamento e cuidado com a forma. Eu tentei nesse livro contar toda a verdade sem violentar meus instintos literários. Porém, entre outras coisas, o livro contém um capítulo longo, cheio de citações de jornais e tais coisas, defendendo os trostkistas, que foram acusados de estar envolvidos com Franco. Claramente, tal capítulo, que depois de um ou dois anos perderia seu interesse para qualquer leitor comum, deve arruinar o livro. Um crítico que respeito me passou um sermão sobre esse capítulo: “Por que você colocou todas estas coisas aqui?”, ele disse, “Você transformou o que poderia ter sido um bom livro em um mero jornalismo”. O que ele disse era verdade, mas eu não poderia ter feito o livro de outra forma. O que aconteceu é que eu sabia o que muito poucas pessoas na Inglaterra sabiam: homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se eu não estivesse com tanta raiva deste fato, eu não teria escrito o livro⁴¹⁹.

Assim como Orwell, após a guerra, Gironella que tinha lutando ao lado dos nacionalistas acaba não se filiando claramente a um partido⁴²⁰, ainda que sua vida e obra atestem para seu “conservadorismo”. José Maria Gironella teve problemas em encontrar uma editora que aceitasse publicar seu livro *Los cisprenses creen en Diós*. Depois de ser rejeitado por cinco – uma delas a editora Destino, que nem se quer quis ler o manuscrito – González Ruano comentou que havia um editor andaluz que poderia se interessar pela sua obra⁴²¹. Este editor era José Manuel Lara, fundador do grupo Planeta, em 1949, um conservador que, assim como Gironella, lutou entre os nacionais na Guerra Civil Espanhola, chegando a se tornar capitão. No mesmo dia em que recebeu o manuscrito, Maria Teresa Bosch – era a esposa de Lara a responsável, na época, por julgar os manuscritos recebidos – afirmou que este era o livro que salvaria a editora dos problemas financeiros⁴²².

Apesar do sucesso de vendas e ser considerado o primeiro *best seller* espanhol do pós-guerra, sua obra não agradou aos críticos literários. Torrente Balester, por exemplo, negava o estatuto de literário à Gironella, atribuindo-lhe o de jornalista⁴²³. Segundo ele, faltava ao romance literalidade, o que faria com que o público perdesse o interesse sobre a obra, fato este que não se confirmou⁴²⁴. Alborg, um dos críticos de Gironella, afirmou

419 ORWELL, George. **Porque eu escrevo**. Revista Espaço acadêmico, n. 29. Outubro de 2003. Tradução de Eva Paulino Bueno e Revisão de Alexander Martins Vianna.

420 Francisco Franco aboliu a existência de partidos políticos na Espanha, mas Gironella viveu por alguns anos na França e mesmo lá não se filiou a nenhum. Além disso, durante a ditadura de Franco, não foi um membro do governo, tampouco atuante neste.

421 MORET, Xavier. *Op.cit.*

422 MORET, Xavier. *Op.cit.*

423 FILLIÉRE, Carole. *Op.cit.* p. 302.

424 Ibid. p. 302.

que sua novela era anacrônica, pois os romances daqueles tempos deveriam ser subjetivos, sendo suas obras “o romance pelo romance” e nada mais⁴²⁵. De acordo com Fillière, posteriormente, a crítica especializada considerou que não valeria a pena fazer tanto barulho pelas obras de Gironella, afinal, apenas o público ignorante seria capaz de lê-las e apreciá-las⁴²⁶.

Na década de 1970 suas obras já não faziam sucesso, o terceiro livro, *Ha estallado la paz*, não conheceu o êxito dos anteriores. Aos poucos perdia-se o interesse sobre Gironella, principalmente após 1975, com o fim da ditadura de Francisco Franco, pois associavam o autor conservador ao regime que a população tentava esquecer⁴²⁷.

Se Gironella com seus primeiros dois volumes conheceu o *boom* de vendas, Orwell, não teve o mesmo desempenho com *Homage To Catalonia*, mas nos anos posteriores a sua morte, se tornou um livro referência no tema Guerra Civil Espanhola, principalmente porque segundo o próprio autor,

A guerra espanhola e outros eventos em 1936-1937 pesaram na balança e, depois desta época, eu sabia quais eram minhas opiniões. Cada linha de trabalho sério que eu escrevi desde 1936 foi feita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, como eu o entendo⁴²⁸.

A participação na guerra da Espanha foi um divisor na vida de George Orwell como escritor, pois, mesmo que já tivesse simpatia pela causa dos oprimidos, foi após sua experiência na Espanha que se assumiu como um escritor político. O inglês afirma que quando ia escrever um livro não pensava em produzir uma obra de arte, mas sim que havia uma mentira que gostaria de expor, algum fato para o qual queria chamar a atenção, sendo sua preocupação inicial a de ser ouvido⁴²⁹.

O que aconteceu com *Soldados de Salamina*, de Javier Cercas, foi diferente do que vimos nas obras anteriormente citadas. O livro rapidamente se tornou um *best seller* e obteve elogios da crítica especializada. O escritor peruano Mario Vargas Llosa, Nobel de Literatura, após ler *Soldados de Salamina*, afirmou que este era magnífico, sendo um

⁴²⁵ Ibid. p. 302.

⁴²⁶ Ibid. p. 304.

⁴²⁷ Ibid. p. 305.

⁴²⁸ ORWELL, George. *Op.cit.*

⁴²⁹ Ibid.

dos melhores que leu nos últimos anos, merecendo ter muitos leitores nestes tempos em que as pessoas se interessam por leituras rápidas⁴³⁰. Mario Vargas Llosa ainda afirma que “*quem acreditava que a chamada literatura comprometida tinha morrido deve lê-lo para saber que ainda está viva, que é original e enriquecedora pelas mãos do novelista Javier Cercas*”⁴³¹. O escritor peruano teve papel fundamental na divulgação da obra de Javier Cercas, pois por ser uma referência na área da literatura, ao elogiá-lo, despertou interesse no público por sua leitura. Além dele, escritores como J.M. Coetzee, Dóris Lessing, Susan Sontag e George Steiner ofereceram comentários muito favoráveis sobre o livro, chegando a afirmar este último que a obra se tornaria um clássico da literatura⁴³².

Estima-se que em 2007 o livro ultrapassou a marca de um milhão de exemplares vendidos, traduzido em vinte países⁴³³, sendo o autor ou um dos autores espanhóis de maior projeção internacional da atualidade⁴³⁴. Se compararmos com os números de vendas da trilogia de Gironella, os de Cercas parecem menos expressivos, porém, tem que se levar em consideração que atualmente a literatura rivaliza com uma série de outros meios de entretenimento como cinema, televisão e internet, entre outros. Portanto, chegar à marca de um milhão de vendas é significativo, principalmente após uma crescente crise no mercado editorial espanhol⁴³⁵. Vale ressaltar que o livro fez tanto sucesso que em 2003 se tornou um filme – recebendo o mesmo título do livro, *Soldados de Salamina* –, gravado por David Trueba.

Para este autor, uma das influências literárias mais significativas é a do escritor de contos argentino Jorge Luis Borges, no qual se inspirou para escrever⁴³⁶. Porém, um dos

430 LLOSA, Mario Vargas. **El sueño de los héroes**. El País. 3 de setembro de 2001. http://elpais.com/diario/2001/09/03/opinion/999468046_850215.html . consultado 15 de dezembro de 2014.

431 Ibid.

432 Site oficial do autor. <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cercas/autor/autor.html>. Acesso: novembro de 2015.

433 CALERO, J.G.; RODRIGO, I.M.. **La crisis rompe el suelo bajo unos best sellers**. Madri: ABC. 26 de dezembro de 2012. <http://www.abc.es/cultura/libros/20121226/abci-crisis-best-seller-libros-201212241245.html>. consultado 15 de dezembro de 2014.

434 Site oficial do autor. <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cercas/autor/autor.html>. Acesso: novembro de 2015

435 Ibid.

436 LYNCH, Guido Carelli. **Javier Cercas: El nacionalismo es la peste, pero en la literature es el horror**. Revista de Cultura, Clarín. 11 de novembro de 2012.

seus livros favoritos é *Dom Quixote de La Mancha*, pois, segundo o próprio, tem particular interesse por livros fáceis de ler, mas difíceis de entender⁴³⁷.

Apesar de Javier Cercas possuir tendências políticas de esquerda, não poupa críticas ao governo do PSOE (*Partido Socialista Obrero Español*) que comandou a Espanha no início dos anos 2000⁴³⁸. Com uma visão crítica acerca da experiência socialista de regimes como o da União Soviética – assim como Orwell –; membro de uma família composta por simpatizantes da falange espanhola e dedicado opositor da ditadura do Generalíssimo⁴³⁹, conseguiu em *Soldados de Salamina* produzir uma narrativa que parece pouco comprometida com suas convicções.

Diferente de Jose Maria Gironella e George Orwell, Javier Cercas tem formação acadêmica, Doutor em Filologia e atuação como professor na Universidade de Gerona⁴⁴⁰. Gironella tinha dificuldade com o castelhano, já que este era seu idioma de trabalho, não do cotidiano⁴⁴¹ ⁴⁴². Miguel Delibes conta que quando o autor catalão via seus escritos de *El Camino*, desejava ter semelhante domínio do castelhano.

Apesar de Jose Maria Gironella não ter formação acadêmica – consciente de que isso pesava de maneira desfavorável sobre a crítica especializada –, se interessava pelas artes em geral, não apenas a literatura. Foi admirador de Goya, Velázquez e El Greco⁴⁴³. Um dos escritores por quem o autor tinha particular interesse era o italiano Giovanni Papini – inicialmente um cético, que depois passaria a manifestar um catolicismo fervoroso, tendo uma obra controversa chamada *O Diabo* –, tendo se empenhado por conhecer sua filha, neta e sepultura⁴⁴⁴.

Curiosamente, o autor espanhol do pós-guerra com maior número de vendas com seus romances sobre a família Alvear, não gostava de ler romances. Chegou a declarar

437 CERCAS, Javier; TRUEBA, David. *Op.cit.* p. 83-91.

438 CERCAS, Javier. **La verdad de Agamenon**. Barcelona: Tusquets, 2006.. p. 181-183.

439 Ibid. p. 139-145.

440 Site oficial do autor. <http://www.clubcultura.com/clubliteratura/clubescritores/cercas/autor/autor.html>. Acesso: novembro de 2015

441 DELIBES, Miguel. **Jose Maria Gironella comentado por Miguel Delibes**.

<http://www.criticadelibros.com/critica-literaria-2/jose-maria-gironella-comentado-por-miguel-delibes/>

442 Jose Maria Gironella é catalão e por isso era o idioma que mais usava até o regime franquista ser instaurado, quando todos os outros idiomas e dialetos foram proibidos e só se deveria usar o castelhano. Fato este bastante curioso, visto que Gironella lutou ao lado nacionais que posteriormente o proibiram de usar sua língua mãe.

443 DONCEL MOTES, Rosa. *Op.cit.* p. 463.

444 Ibid. p. 465.

em entrevista que preferia ler biografias, livros de viagem e pensamentos, mas que os romances o cansavam⁴⁴⁵. Ironicamente, foram suas novelas que lhe trouxeram notoriedade e enriquecimento, talvez um dos poucos escritores de sua época que lograram o mesmo.

Antes da guerra, Jose Maria Gironella não escrevia, mas se interessou por isso após produzir um artigo na frente de batalha para a revista *Domingo*. Assim, em 1946, após o casamento com sua esposa Magdalena Castañer, escreveu a novela *Un hombre* – vencedora do Premio Nadal - como seu presente de casamento⁴⁴⁶. Quando casou, o autor se dedicou a negócios diversos, como o contrabando, pelo qual chegou a ser preso⁴⁴⁷. Posteriormente começou a idealizar uma história que se passaria na Guerra Civil Espanhola, porém, acreditava que o meio influenciaria na sua escrita, por isso, seguiu o conselho de Ortega y Gasset e partiu para a França em 1949, mesmo ano em que começou a escrever *Los cisprenses creen en Dios*⁴⁴⁸. Gironella concebeu seus romances como forma de resposta a autores estrangeiros que escreviam sobre o assunto, como: André Malraux, Hemingway, Barea e Koestler⁴⁴⁹. Estes autores não eram conhecidos pelos espanhóis visto que a censura não autorizou a circulação de suas obras no país, e Jose Maria teve acesso a eles durante a estadia na França. Assim, percebemos que o afastamento que tanto procurava contribuiu para a história da família Alvear.

A trajetória de vida do então Eric Blair influenciou o autor que ele veio a se tornar, em especial sua preocupação com os oprimidos. Blair, oriundo de uma família de classe média baixa, estudou em colégio público, porém pago, com os custos cobertos pelas bolsas que conseguiu graças ao seu bom rendimento escolar. Desde esse período já desejava ser um escritor famoso⁴⁵⁰, apesar de ter tido que conviver com o preconceito e humilhação por parte de seus colegas e professores. Talvez aqui, na necessidade de

445 Ibid. p. 466.

446 FILLIÈRE. Carole. *Op.cit.* p. 285.

447 Lembrando que a década de 1940 na Espanha era de escassez de bens materiais e consumo, estando vigente o racionamento, o que fazia com que crescesse mercado negro em todo o território.

448 DELIBES, Miguel. *Jose Maria Gironella comentado por Miguel Delibes*.

<http://www.criticadelibros.com/critica-literaria-2/jose-maria-gironella-comentado-por-miguel-delibes/>

449 FILLIÈRE. Carole. *Op.cit.* p. 289.

450 YANAGIWARA, Paula Sayuri. **O processo de maturidade do projeto literário de George Orwell: ensaios**. Crátilo: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários, UNIPAM, 5(1): 92-99, 2012. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/41762/o-processo-de-maturidade-do-projeto-literario-de-george-orwell.pdf>. Acesso: Janeiro, 2015

superar o esnobismo de classe, tenha sido alimentado o desejo por uma educação verdadeiramente democrática⁴⁵¹.

Essa incessante busca pela denúncia da opressão experimentada pelas sociedades modernas resultou em uma rápida debilitação do seu organismo, principalmente no período que viveu como mendigo para escrever a sua obra *Na pior em Paris e Londres* – se inspirando em Jack London, uma de suas referências literárias - ou quando foi atingido durante a Guerra Civil Espanhola. Seus problemas de saúde acabaram por lhe causar uma morte prematura, com apenas 46 anos de idade, antes de ter reconhecimento por suas obras.

Apesar de não ter obtido sucesso em vida, juntas, suas obras *Revolução dos bichos* e *1984* venderam mais que qualquer par de obras de outro escritor do século XX⁴⁵², sendo ainda hoje considerado como um dos cinquenta escritores britânicos mais influentes desde 1945. De acordo com o próprio escritor, achava que sua maneira de escrita se assemelhava ao do também britânico Somerset Maugham, um dos autores mais populares do seu tempo.

É importante destacar que a historiografia e o diálogo com ela parece ter tido lugar apenas em *Soldados de Salamina*, ainda que as pesquisas do autor tenham dado maior importância ao testemunho pessoal como fonte de pesquisa. Como apresentado anteriormente, Javier Cercas não só tem formação universitária como atua no meio acadêmico e o seu trabalho pode ser relacionado ao de um grupo de historiadores contemporâneos que procuram a reconciliação por meio da reconstrução do passado, como, por exemplo, Francisco Romero Salvado e Josep Buades. Porém, não encontramos ao longo do texto citações ou referências diretas a estes autores. Essa conexão é sinalizada apenas por suas afinidades, pela aproximação entre as narrativas no que diz respeito aos eventos descritos, e pelas menções a uma densa pesquisa realizada.

O mesmo não é possível afirmar sobre *Homage to Catalonia* e *Un Millón de Muertos*. George Orwell escreve antes da conclusão da guerra, fundamentalmente a partir de suas memórias e o faz em resposta às versões veiculadas na imprensa européia – muito em função do seu trabalho em diversos periódicos de distintos posicionamentos e o seu

⁴⁵¹ Ibid. p. 93.

⁴⁵² RODDEN, John. **The Cambridge companion to George Orwell**. Cambridge: Cambridge University, 2007. p. 10.

compromisso ético com a denúncia. Jose Maria Gironella não tem formação acadêmica e escreve como contraponto à narrativa literária estrangeira e nacional, que fora considerada por ele demasiadamente parcial. Não foi possível, aqui, relacioná-lo com alguma corrente historiográfica, ainda que estivesse comprometido com a veracidade da história

4.2. Guerra em palavras

“Não se escreve sobre o que se quer, mas sobre o que se pode”

Roberto Bolaños

No decorrer dos capítulos do trabalho, alguns temas foram selecionados com o objetivo de melhor direcionar a análise do conteúdo de cada uma das obras: *Soldados de Salamina* – Resgate da Memória e *Soldados de Salamina*; *Eram apenas homens* –, *Un Millón de Muertos* – Repressão; *Os dois lados*; *Dilemas* – e *Homage To Catalonia* – *Os Estrangeiros*; *As Milícias*; *O Cotidiano* a zona republicana. Em cada um dos livros escolhi temas que eram centrais na narrativa, observando que em cada um deles, de acordo com a data de publicação ou posicionamento do autor, havia a valorização de aspectos distintos e omissões de outros.

A obra mais recente, *Soldados de Salamina*, se distingue bastante das outras duas aqui analisadas, pois se trata de um homem que não participou da guerra – pertencente à geração dos netos daqueles que participaram da Guerra Civil Espanhola –, mas sim está tentando fazer uma reconstrução histórica sobre ela, baseada na memória dos envolvidos no evento⁴⁵³.

Um dos pontos interessantes da narrativa do britânico é que, entre os seus aliados, ele faz a distinção entre socialistas, comunistas, anarquistas, libertários, além de outros. Orwell menciona esses grupos principalmente no trecho a seguir:

⁴⁵³ Javier Cercas está reconstruindo a história do fuzilamento de Rafael Sanchez Mazas e os dias que se seguiram a sua fuga. Entrevistou pessoas que tiveram contato ou ajudaram com o falangista durante o período que teve que ficar escondido.

À primeira vista parecia que a Espanha sofria uma praga de siglas. Eu sabia que estava servindo uma coisa chamada P.O.U.M. (só ingressara nela, ao invés de fazê-lo em qualquer outra milícia, porque chegara a Barcelona com documentos da I.L.P.), mas não compreendi que existiam sérias divergências entre os partidos políticos. Em Monte Pocero, quando indicara a posição à nossa esquerda e disseram que ‘ali estão os socialistas’ (o que significava o P.U.S.C.) eu fiquei intrigado e perguntei: ‘Mas não somos todos socialistas?’ Achei bastante idiota o fato de que gente lutando pela vida devesse ter partidos separados, e minha atitude sempre foi a de que ‘devíamos largar de mão aquela besteira política toda e tocar a guerra para frente’⁴⁵⁴.

Houve ainda os episódios de Barcelona, quando os membros do P.O.U.M. foram acusados de traição, desencadeando uma guerra entre os próprios republicanos pelas ruas da cidade⁴⁵⁵. Porém, o autor não problematiza que o lado inimigo também não é homogêneo, tratando todos os inimigos como fascistas. Entre os nacionais não havia apenas os fascistas da falange, mas também monarquistas e conservadores em geral. Com a morte de Primo de Rivera, líder da Falange Espanhola, o movimento ficou sem um comando, o que passou a ser um problema para as forças nacionalistas. As tensões internas culminaram em conflitos de rua em 16 de abril de 1937 nas ruas de Salamanca, onde morreram dois falangistas⁴⁵⁶. Após isso, Francisco Franco decretou a unificação dos partidos nacionais sob o nome de Falange Española Tradicionalista (F.E.T.), onde o líder era ele próprio. Aqueles que se opuseram à medida foram presos, assim como Hedilla, um membro de destaque da Falange que foi condenado à morte, mas teve sua pena modificada⁴⁵⁷. Essa medida fez com que houvesse mais coesão entre os nacionais até o final da guerra e na ditadura que a seguiu.

Na obra *Un Millón de Muertos*, de Jose Maria Gironella, também podemos perceber que o autor separa os lados beligerantes em dois: republicanos e nacionalistas. Ainda que no final do seu livro faça uma espécie de censo dos personagens indicando o grupo que estão inseridos – ugetistas, falangistas, comunistas, assim por diante –, durante a sua narrativa não se preocupa em fazer uma distinção profunda entre eles, além de não mencionar os conflitos existentes entre estes grupos. Um dos exemplos disso foi a divisão que o personagem capitão Arias fez entre os gatos da prisão, classificando-os entre

⁴⁵⁴ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 53.

⁴⁵⁵ Ibid. p. 159-188.

⁴⁵⁶ BUADES, Josep. *Op.cit.* p. 127.

⁴⁵⁷ SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 175.

“*rojos*” – vermelhos -, àqueles que eram mais hostis, e “*fascistas*” os que deixavam que as pessoas acariciassem⁴⁵⁸.

Assim, neste trecho, Gironella fazia uma divisão superficial do conflito, apenas em dois lados, o que foi bastante comum entre jornalistas do período, pois falavam de duas Espanhas, mas “*uma Espanha nacionalista ou republicana era algo que dificilmente existiam além dos relatos de jornalistas e diplomatas estrangeiros*”⁴⁵⁹. Como Orwell sinalizou sem se aprofundar, no lado republicano havia as pessoas que estavam ao lado da democracia, mas não eram de alinhamento de esquerda, afinal, o governo Republicano de Azaña foi eleito democraticamente. Entre os próprios grupos de esquerda não existia entendimento, afinal, os anarquistas viram na Guerra Civil Espanhola a oportunidade de finalmente dar início à Revolução Proletária. Os anarquistas no conflito e historicamente, são considerados mais “radicais” dos grupos de esquerda, pois, como a origem grega do seu nome já demonstra, querem a ausência de Estado. Ou seja, defendiam uma sociedade livre de qualquer domínio político – por isso a dificuldade de comandá-los nas milícias. Assim, a doutrina anárquica se resume às palavras “liberdade” e “igualdade”, por isso, também eram conhecidos com libertários⁴⁶⁰.

Comunistas e socialistas ocupavam a maior parte dos cargos governamentais, participando ativamente das decisões políticas durante o conflito. Apesar de desejarem a revolução, era necessário retomar a ordem para que pudessem fazer frente aos nacionalistas. De acordo com a bibliografia consultada, na década de 1930, a Espanha contava com uma ampla classe média urbana que se identificava com a República, desejando a vitória da democracia contra a oligarquia conservadora⁴⁶¹. Portanto, davam apoio aos republicanos, mas possivelmente veriam com maus olhos se estes apenas lutassem pela revolução. Assim, mesmo membros de trajetória política comunista e sindicalista, como Largo Caballero, precisaram conter os ânimos dos comunistas e anarco-sindicalistas, conseguindo fazer com que

458 GIRONELLA, Jose Maria. *Op.cit.* p. 114.

459 SALVADÓ, Romero. *Op.cit.* p. 141.

460 BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: UnB, 1983. Disponível em: http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Diccionario_De_Politica.pdf . p. 23-28.

461 SALVADÓ, Francisco. *Op.cit.* p. 159.

muitos membros da CNT e mesmo FAI abandonassem aos poucos todos os seus conceitos prévios antigovernamentais e antiestatais. Confrontados pela terrível realidade militar, a maioria entendia que, se a guerra fosse perdida, nunca haveria uma revolução. Mesmo que houvesse uma ruptura entre alguns dos extremistas de linha-dura, agora o slogan aceito pela maioria era combater o fascismo acima de tudo⁴⁶².

Na obra de Jose Maria Gironella, a classe média é o grupo que o autor escolheu para representar os dilemas do período. A classe média urbana de *Un Millón de Muertos*, ao contrário do que a historiografia afirmou, estava dividida entre os nacionalistas e republicanos. A própria família Alvear estava dividida, inclusive no próprio núcleo, onde estavam representados o conservadorismo espanhol na figura de Carmen Elgazu e a democracia em seu marido, Matías Alvear. A Espanha de Gironella se confunde com a classe média por ele representada através da família Alvear, seus conflitos e dilemas mostrariam todos os sentimentos de um país, ainda que reduzindo-os à experiência de uma classe específica.

Duas dimensões se interpõem, o núcleo da narrativa com a história da família e dos seus participantes, condenados a escolher um dos lados e a responder, em todo momento, aos eventos externos. A neutralidade ideológica é negada aos atores por Gironella, sendo espontâneo o alinhamento a um dos lados, mesmo quando impulsionados por tragédias pessoais – como o caso de Matías Alvear, que começa a questionar as ações dos republicanos após a morte do seu filho seminarista, César. Os personagens, porém, ainda que sujeitos de suas trajetórias individuais, não têm qualquer poder de intervenção sobre o destino da sociedade espanhola. No geral, a classe média representante da Espanha é, então, espectadora passiva do futuro político do país. Ou seja, a dimensão política, os eventos que decidiram o curso da história se passam em outra esfera: uma história sem sujeito e sem política.

Homage to Catalonia narra, fundamentalmente, a viagem de um inglês engajado politicamente, que pretende através deste engajamento ajudar a construir o futuro de uma nação e, por meio dela, o destino do Ocidente como um todo. Ainda que expresse seu desencanto – por conta desorganização das milícias; escassez de recursos e treinamento; desvalorização dos combatentes civis em detrimento do Exército Popular; dissensões internas; e a deterioração do ambiente revolucionário na Catalunha – e que uma série de

462 Ibid.. p. 161.

eventos e tomadas de decisão escapem aos protagonistas, Orwell e seu círculo de relações são agentes dos sucessos e insucessos da luta armada na Espanha.

Se em um primeiro momento George Orwell se encanta com a redução das distancias entre as classes e estratos de classe – todos os republicanos parecem comprometidos com a causa do proletariado – verifica como estas diferenças se tornaram profundas na segunda metade da obra. A Espanha, portanto, não se encontrava cindida apenas pela dualidade Fascismo e República. A distinção entre as classes sociais, entre oprimidos e opressores, mas também entre burguesia urbana e elite tradicional, operariado urbano e trabalhador rural, implicaram a complexificação da luta no país, e principalmente as tensões entre os republicanos.

A trama de *Soldados de Salamina* gira em torno de personagens pertencentes a classes sociais bastante diversificadas, sem que isso tenha maior importância nas escolhas e nos dramas pessoais. A desigualdade socioeconômica não é problematizada ao longo da obra, ainda que se faça presente na superfície. Ao fazer esta análise é preciso ressaltar que Javier Cercas é um sujeito típico da classe média urbana da Espanha do início dos anos 2000, em um momento em que se experimentava um “estado de bem-estar social”, o que talvez explique a ausência de relatos significativos acerca da fome ou escassez.

Tinha acabado de completar 28 anos; era uma garota trigueira, analfabeta e trabalhadora, para quem a guerra não era mais que um confuso rumor de fundo das cartas que seu irmão enviava do *front*, e um torvelinho sem sentido que dois anos antes havia levado a vida de um rapaz de Palol de Rebardit com quem chegou a sonhar que se casaria. Durante todo esse tempo não passara fome nem tivera medo, porque as terras de cultivo da chácara e as vacas, os porcos e as galinhas que ocupavam os estábulos bastavam e sobravam para alimentá-los [...]463.

Distintas classes e lados parecem dissolver-se em uma narrativa conciliatória. É possível encontrar personagens como a própria Maria, à margem dos acontecimentos e sofrimentos cotidianos, desengajada e sem comprometimento ideológico, ainda que viesse a compartilhar das vidas perdidas para o conflito.

A fome, condição comum a todos os habitantes da zona republicana, para Gironella; presente entre estratos sociais específicos – classes médias e baixas, com exceção daqueles que lutavam no *front* –; não aparece na narrativa de Cercas. Na obra

463 CERCAS, Javeir. *Op.cit* p. 106.

deste último, o único momento em que este problema é mencionado – no trecho acima citado –, apresenta-se uma família que não conseguiu contorná-lo.

Em *Homage to Catalonia* o britânico, desde sua chegada à Espanha, se mostrava ansioso para combater os “inimigos da liberdade”, mas como ele próprio percebeu, “*muitos dos homens que se opunham a nós naquela parte da linha de batalha não eram absolutamente fascistas*”⁴⁶⁴. Nesse momento, Orwell se depara com o que hoje a historiografia chama de “Terceira Espanha”, homens sem ideologia, levados pelas circunstâncias da guerra. Os desertores fascistas que chegavam até o batalhão de George Orwell “*mostravam-se sempre tremendamente famintos ao chegar – o que era natural depois de um ou dois dias de fuga, andando pela ‘terra de ninguém’, mas sempre alguém indicava isso de modo triunfante, como prova de que as tropas fascistas morriam a fome*”⁴⁶⁵. Esses combatentes que chegavam até a zona republicana, na visão do autor, eram indistinguíveis dos soldados vermelhos, com exceção do macacão cáqui.

Seu batalhão, o P.O.U.M., assim como o P.U.S.C. que se encontrava em trincheiras próximas na primeira ação da qual participou, fincava bandeiras vermelhas. Do outro lado das trincheiras, os fascistas geralmente firmavam a bandeira monarquista, nas cores vermelha, amarela e verde, e vez por outra, curiosamente, utilizavam a republicana, vermelha, amarela e púrpura⁴⁶⁶. No decorrer de todo o seu relato, quando se refere aos republicanos, dá a entender que todos são alinhados à esquerda, não fazendo menção àqueles que eram liberais e defendiam a democracia e o governo de Azaña, democraticamente eleito. O americano Ernest Hemingway, assim como muitos outros, esteve no lado republicano – sua participação na Guerra Civil Espanhola foi como correspondente e arrecadação de doações nos Estados Unidos – não por suas questões ideológicas igualitárias, mas sim em defesa da liberdade e da democracia.

Em uma breve passagem, o autor faz referência a uma luta heterogênea contra o fascismo e como o levante espanhol tinha uma importância simbólica para o destino do Ocidente.

⁴⁶⁴ ORWELL, George. *Op.cit.* p. 19.

⁴⁶⁵ Ibid. p. 19.

⁴⁶⁶ Ibid. p. 27.

Para compreender o alinhamento no lado do governo é preciso recordar como a guerra começou. Ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, e pelo o que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo. Por anos a fio os chamados países democráticos tinham-se curvado ao fascismo, a cada passo. Aos japoneses deram-se mão livre na Manchúria. Hitler tomara o poder e passara a massacrar os adversários políticos de todos os tipos. Mussolini bombardeara os abissínios enquanto cinquenta e três nações (acho que foram cinquenta e três) emitiam sons piedosos – e ficavam de fora. Mas quando Franco tentou derrubar um governo levemente esquerdista o povo espanhol, contra todas as expectativas, levantara-se contra isso. Parecia – e talvez fosse – a virada da maré⁴⁶⁷.

Se os liberais, por um lado, são silenciados na narrativa, os inimigos, por outro, aparecem como uma espécie de “outro” invisível, sem rosto, sempre presente através dos seus vestígios: bandeiras; acampamentos atrás de montes – como o *Monte Pocero* e *Monte Oscuro* –; quando as linhas estavam mais próximas, trocas de disparos sem grandes esperanças de acerto ou de insultos por megafones para romper com a autoestima do adversário.

Dizem que são precisas mil balas para matar um homem, e naquela batida seriam precisos vinte anos a te eu poder matar meu primeiro fascista. [...] A bem verdade, naquela linha de frente e nesse período da guerra a arma verdadeira não era o fuzil, mas o megafone. Não se podendo matar o inimigo, gritava-se para ele tudo quanto era desaforo e provocação. [...]

- *Fascistas – maricones!*

E, vindo deles:

- *Viva España! Viva Franco!*⁴⁶⁸

Orwell nunca chegou a ter contato direto com os “fascistas”, salvo os desertores que mudavam de lado. Com este termo se referia aos nacionais e monarquistas de maneira indistinta, ao mesmo tempo que falava dos opositores do governo como se fizessem parte de um movimento global de assalto à democracia. A universalização do inimigo permitia, então, o caráter universal da luta na Espanha.

Os aliados do governo, por outro lado, são apresentados a partir de uma diversidade de atores. Estes, porém, não eram indivíduos, nem são representados na obra por personagens singulares, mas sim por meio de partidos, sindicatos, ou grupos políticos expressos em siglas. As ações, as tomadas de decisão, as formas de intervenção, as filosofias políticas são apresentadas como correspondentes a cada um destes grupos.

⁴⁶⁷ Ibid. p. 53.

⁴⁶⁸ Ibid. p. 45.

O P.U.S.C. – *Partido Sociologista Unificado de Cataluña* – era o partido de maior destaque na Espanha durante a guerra. De alinhamento estalinista, vinculado à Terceira Internacional, defendia que antes de pensar em revolução, era necessário ganhar a guerra. Na sua caracterização, Orwell recupera o seguinte fragmento atribuído ao partido:

No presente nada mais conta senão ganhar a guerra; sem a vitória na guerra tudo o mais não faz sentido. Por esse motivo, não é este o momento para falar em tocar a frente a revolução. Não podemos afastar os camponeses, forçando-os a coletivização, e não podemos afugentar as classes médias que estiveram lutando a nosso lado. Acima de tudo, e pelo bem da eficiência, temos que acabar com o caos revolucionário. Precisamos de um governo central forte, em lugar dos comitês locais, e precisamos de um exército adequadamente preparado e de todo militarizado, sob comando unificado. Prender-se a fragmentos do controle pelos trabalhadores e repetir frases revolucionárias como papagaio é pior do que inútil, e se mostra não só obstrucionista, mas até contra-revolucionário, pois reduz as divisões que podem ser utilizadas contra nós pelos fascistas. Nesta etapa não estamos lutando pela ditadura do proletariado, mas pela democracia parlamentar. Quem tentar transformar a guerra civil numa revolução social estará fazendo o jogo dos fascistas e será na realidade, se não em intenção, um traidor⁴⁶⁹.

Em oposição, o P.O.U.M. – George Orwell lutou na milícia organizada por este partido -, era anti-estalinista, composto de comunistas dissidentes e alguns anarquistas, sendo de importância menor, não exercia influência fora da Catalunha. A linha de atuação, atribuída ao partido pelo autor, era a seguinte:

É tolice falar em opormo-nos ao fascismo pela ‘democracia’ burguesa. A ‘democracia’ burguesa não passa de outro nome para o capitalismo, bem como fascismo. Lutar contra o fascismo em nome da “democracia” é lutar contra uma forma de capitalismo em nome de outra, que poderá virar a qualquer instante. A única alternativa verdadeira ao fascismo esta no controle dos trabalhadores. Se estabelecermos qualquer outra meta que não essa, estaremos entregando a vitória a Franco ou quando muito, deixaremos o fascismo entrar pela porta dos fundos. Enquanto isso os trabalhadores devem ater-se a tudo aquilo que tenham conquistado e se cederem alguma coisa ao governo semiburguês poderão estar certos de que serão tapeados. As milícias de trabalhadores e suas forças policiais devem ser conservadas em sua forma atual e deve-se resistir a qualquer esforço por “aburguesá-las”. Se os trabalhadores não tiverem o controle das Forças Armadas, estas controlarão os trabalhadores. A guerra e a revolução são inseparáveis⁴⁷⁰.

O partido mais heterogêneo na visão do autor era o C.N.T., pois era descrito como composto por anarquistas, mas o termo era “*utilizado para abarcar uma multidão de pessoas com opiniões muito diferentes entre si*”⁴⁷¹. Ainda, de acordo com o inglês,

⁴⁶⁹ Ibid. p. 64.

⁴⁷⁰ Ibid. p. 65.

⁴⁷¹ Ibid. p. 65.

*“desde o início da guerra, marcharam mais na direção do socialismo comum, porque as circunstâncias forçavam-nos a participar na administração centralizada e, mesmo, a romper todos os seus princípios, ingressando no Governo”*⁴⁷².

Ainda que o fascismo seja o grande inimigo, as disputas internas têm centralidade na narrativa, inclusive no que diz respeito aos eventos que colocaram o narrador em risco. O inimigo interno era, portanto, o estalinismo representado pelo partido P.U.S.C.. Dois exemplos emblemáticos são: quando irrompe uma batalha e perseguição pelas ruas de Barcelona ao grupo de Orwell, evento que mais tarde seria atribuído ao governo e uma conspiração contra os dissidentes – os membros do P.O.U.M. recusaram filiar-se ao governo e suas alianças soviéticas, posteriormente caindo na clandestinidade –; devido a essa marginalização, quando o autor é classificado como incapaz de lutar, por conta do seu ferimento – o qual por sinal, foi oriundo de um disparo acidental de um camarada –, teve dificuldade em conseguir papéis para deixar o país.

A derrota era anunciada por Orwell em 1937, seja por conta do triunfo fascista ou, seja por uma separação territorial entre as duas frentes. Orwell atribui maior peso neste insucesso ao inimigo interno e à incapacidade de organização do que às ações do adversário – que neste momento obteve maior êxito em formar uma unidade beligerante: *“Mas ainda creio que – se a Espanha não se dividir, com consequências imprevisíveis – a tendência do Governo após a guerra deverá ser fascista”*⁴⁷³. Até neste momento, pouca atenção é dada para as empreitadas nacionais.

Bandeiras de vários partidos e sindicatos estavam presentes nas trincheiras. Essa diversidade era verificada nos uniformes, não mais por conta de alguma filiação, mas sim por falta de padronização das vestimentas. Os macacões azuis e o lenço vermelho eram a vestimenta mais frequente, fazendo referência à classe trabalhadora, ainda que muitos se recusassem a tê-la como uma imposição.

Tanto George Orwell quanto Jose Maria Gironella não só viveram durante a guerra, como também participaram, cada um ao seu lado. George Orwell tem a visão de um inglês em território espanhol, o que interfere na narrativa do livro. Por exemplo,

⁴⁷² Ibid. p. 66.

⁴⁷³ Ibid. p. 191.

quando o autor falava sobre a desorganização espanhola se comparada com os costumes ingleses, ou quando falava sobre a generosidade do povo que conheceu no país:

Dois milicianos em licença, que eu ficara conhecendo na primeira semana passada na linha de frente, vieram visitar um amigo ferido e me reconheceram. Eram rapazes com seus dezoito anos de idade. Ficaram ao lado de minha cama, desajeitados, pensando no que podiam dizer, e depois, para demonstrar seu pesar pelo meu ferimento, tiraram dos bolsos todo o fumo que tinham, deram-no a mim e saíram às pressas, para que não lhes pudesse devolver o presente. Foi atitude tipicamente espanhola. Mais tarde eu verificaria que não era possível achar fumo em parte alguma da cidade, que eles me deram toda a ração de uma semana⁴⁷⁴.

A solidariedade é a virtude atribuída por Gironella ao povo espanhol, independentemente do lado em que se encontrava. Marta, a namorada de Ignácio, que além de ser filha do nacional Martínez de Soria, era também chefe da Seção Feminina – nacionalista – de Gerona, obteve ajuda dos professores socialistas Olga e David para se esconder nos primeiros dias das perseguições aos nacionais na cidade. Ignácio por sua vez, foi ajudado por um primo anarquista para que pudesse mudar de zona e combater no lado nacional. Porém, essa solidariedade não era só dos republicanos para com os nacionalistas, por exemplo, quando Mateo visita a família de Pilar em Burgos, que eram republicanos em zona azul, descobre que seu tio já fora morto e atrocidades foram feitas a Paz Alvear, desejando ter chegado antes para poder evitar esses eventos.

Se em *Homage to Catalonia* a caracterização dos lados é feita por meio de coletivos, instituições, partidos, em *Un Millón de Muertos* isso se dá através de personagens exemplares. O conservadorismo espanhol é refletido na imagem de Carmen Elgazu, mulher religiosa de meia idade que, mesmo quando as missas estavam proibidas, sintonizava o aparelho de rádio em frequências nacionais para receber a bênção; manteve presépio durante os natais em guerra; e foi uma das visitantes do Monsenhor Fransisco, quando este se encontrava escondido em Gerona, a fim de receber a hóstia e fazer confissões.

En cuanto a Carmen Elgazu, sufría más que su marido y más que Pilar. No conseguia adaptarse a la subversión de costumbres, constándole trabajo imaginar que algún día todo volvería a siban su cauce. Se daba cuenta de la docilidad con que muchas personas iban acostumbrándose a hechos que en los primeros días de la guerra consideraban horribles.

474 Ibid. p. 198.

Yan nadie hacía caso de que los templos fuesen almacenes. Nadie lloraba ya al paso de un entierro sin sacerdotes, y lo que hubiera sorprendido al abrir el periódico habría sido encontrar las antiguas esquelas mortuorias, las esquelas con cruz, En los escaparates había aparecido el folleto de Gorki *Milagrito en Lourdes* y nadie se escandalizaba por ello. Era la teoria de Matías: ‘Si el resentido Azaña no hubieses tenido tanta prisa, en diez años hubiera implantado em España, sin oposición seria, la escuela laica, el divorcio y todo lo que se hubiese apetecido’⁴⁷⁵.

[No que diz respeito a Carmen Elgazu, sofria mais que o seu marido e mais que Pilar. Não conseguia se adaptar à subversão dos costumes, dando-se ao trabalho de imaginar que algum dia tudo voltaria a ser como era. Se dava conta da facilidade com que algumas pessoas se acostumavam a fatos que nos primeiros dias da guerra consideravam horribéis. Já ninguém dera importância de que os templos fossem armazéns. Ninguém mais chorava durante a passagem de um enterro sem sacerdote, e o que surpreenderia ao abrir um jornal teria sido encontrar as antigas sessões mortuárias, as sessões com a cruz. Nas manchetes tinha aparecido o folheto de Gorki *Milagrito en Lourdes* e ninguém se escandalizava por isso. Era a teoria de Matías: ‘Se o ressentido Azaña não tivesse tido tanta pressa, em dez anos teria implantado na Espanha, sem oposição séria, a escola laica, o divórcio e o tudo o que lhe tivesse vontade’].

Carmen Elgazu é o modelo perfeito de mulher do lar, mãe de família, tão valorizado pelo regime nacional. Apesar da preocupação com o envolvimento dos filhos na guerra, se orgulhava deles por defenderem os valores, a seu ver, verdadeiramente espanhóis. Como mãe se compadece do órfão Eloy, filho de vermelhos mortos em Guernica. De natureza incisiva, fortes convicções, desejava fundamentalmente o restabelecimento da rotina diária a qual pertencia. Seu mundo lhe fora sequestrado não apenas pela guerra, mas pelo governo eleito e suas medidas.

Olga e David, professores do *Bachillerato* de filiação partidária socialista – sem que se faça menção a qual desses partidos, ainda que manifestamente simpatizantes da União Soviética de Stálin –, se expressavam de maneira harmoniosa, quase como se um pudesse falar pelo outro. Transmitem ao leitor uma imagem estável e homogeneizante da esquerda, silenciando as dissensões e a pluralidade dentro deste grupo. Julgam possuir uma percepção mais sofisticada da realidade que a maior parte da população, conduzindo suas ações em função dessa leitura. Militantes, formadores de opinião, são acusados por Ignácio de manipular a juventude e servir-lhes de exemplo, responsabilizando-os por crimes cometidos por outros, como o assassinato de freiras⁴⁷⁶. Elementos da sua visão de mundo e seu sistema ideológico são apresentados em forma de crítica por Ignácio, sem que, por outro lado, em momento algum da narrativa tivessem a oportunidade de

475 GIRONELLA, Jose Maria. *Op.cit.* p. 535.

476 Ver emblemático diálogo entre Ignácio, David e Olga em GIRONELLA, Jose Maria. p. 59-68.

apresentar suas próprias ideias e convicções. São apresentados como obcecados; defensores de ideias desencarnadas; que pouco valorizavam os homens reais, os indivíduos, em favor de coletividades abstratas.

O casal de professores, em uma de suas tentativas de manter laços de amizade com a família Alvear – cujo núcleo em Gerona era fundamentalmente nacionalista -, fez uma visita a Matías, pai de Ignacio, no telégrafo:

El día en que aparecieron las cartillas de racionamiento, Olga se apresuró a hacerle una visita a Matías para decirle: ‘No paséis pena por eso. Carmen Elgazu no le faltará nada... si está en nuestra mano’. Matías Miró a Olga.

- Y por qué tenéis que establecer diferencias?

La maestra no supo qué contestar. [...]

Matías solo rompía su silencio con los maestros en el caso de que pudiera darles una noticia adversa, por ejemplo, el incontenible avance ‘nacional’ hacia Madrid. Entonces les decía que todas aquellas boberías – censurar cartas, enviar paquetes o matar seminaristas – no torcerían la marcha de la guerra, porque una guerra no podía ganarse con el desorden y el pillaje.

- Perderéis por eso, por el desorden, el robô y el sabotaje. Además..., venid! Vais a leer este telegrama... – se acercaban al receptor y Matías tomaba hábilmente la cinta con la mano -. No, este no, pero da igual. Ya conocéis los textos de la mayoría, No? ‘Abuelo Juan reunido con tia Dolores’.

David y Olga replicaban:

- También los militares a la gente.

- Eso yo no lo sé. 477

[No dia em que apareceram as cartilhas de racionamento, Olga se apressou em fazer uma visita a Matías para dizer-lhe: “Não se preocupe por isso. À Carmen Elgazu não lhe faltará nada... se estiver em nossas mãos”. Matías olhou para Olga.

- E porque vocês teriam que estabelecer diferenças?

A professora não soube responder. [...].

Matías só quebrava o silêncio com os professores no caso de que lhes pudesse dar uma notícia adversa, por exemplo, o irresistível avanço ‘nacional’ em direção a Madri. Então lhes dizia que todas aquelas bobagens – censurar cartas, enviar embrulhos ou matar seminaristas – não alteravam a marcha da guerra, porque uma guerra não pode ser vencida com a desordem e a pilhagem..

- *Perderão* por isso, pela desordem, o roubo e a sabotagem. Além disso..., venham! Vão ler este telegrama... – Se aproximavam ao receptor e Matías segurava habilmente a fita com a mão – Não esse não, mas dá no mesmo. Já conhecem os textos da maioria, não é? “Avô Juan reunido com a tia Dolores”.

David e Olga replicavam.

- Também os militares matam as pessoas.

- Isso eu já não sei...]

Matías Alvear expressa o desencanto para com as promessas revolucionárias. Nunca foi um homem engajado e os insucessos o levaram a desejar acima de tudo o

477 GIRONELLA, Jose Maria. *Op.cit.* p. 297-298.

restabelecimento da paz, independentemente do lado vencedor. Expressa de maneira perfeita a passividade das classes médias espanholas, respondendo aos eventos externos e redefinindo suas posturas em função dos dilemas pessoais, fundamentalmente familiares.

Ignacio, o protagonista, sempre possuiu ideias conservadoras, mas sua radicalização e o engajamento no conflito foram uma resposta a morte do seu irmão. Vacilante, sem sólida formação política, atravessa distintos grupos e espaços, procurando o seu lugar no conflito. Os laços afetivos que constrói com pessoas pertencentes a diferentes lados, sua capacidade de reconhecer as virtudes individuais e de não permitir que sejam distorcidas em função da rivalidade – com exceção do casal de professores -, consistem em elementos marcantes de sua caracterização, os quais, ao mesmo tempo, são aqueles enaltecidos por Gironella enquanto intrínsecos ao espanhol.

A competição entre dois sistemas de valores em seu sangue determina uma série de vai e vens e de dúvidas que o impedem de engajar-se na ação. Seu papel é testemunhal, olhar e perguntar. [...] Ignacio Alvear é um foco a partir do qual os demais personagens encarnam posturas ideológicas, ficam iluminados⁴⁷⁸.

A pequena preocupação do autor em caracterizar as partes envolvidas na guerra a partir de suas distinções político-ideológicas, o fato de ignorar a influências de questões socioeconômicas nas diferentes tomadas de posição, estão profundamente relacionadas com o comprometimento do autor em apresentar uma imagem unitária do caráter do povo espanhol, como se fizesse parte de uma mesma fraternidade, estivesse submetido aos mesmos dilemas ao longo da história; e principalmente, estivessem todos ligados por consanguinidade. Não à toa os apelos às ideias de “raça” e nação aparecem de maneira recorrente em toda a sua obra^{479 480}.

A família é, portanto, não apenas o espaço de sociabilidade onde se desenrolam todos os dramas e escolhas individuais, mas sim a unidade básica sobre a qual se constrói toda a nação. O sofrimento é experimentado por todos, uma vez que as conexões entre os atores estão atreladas a esta célula fundamental. As ameaças à sua dissolução, as divisões internas, representam a cisão experimentada como um todo.

⁴⁷⁸ FILLIÈRE, Carole. *Op.cit* p. 295.

⁴⁷⁹ Ibid. p. 289.

⁴⁸⁰ Ver também “*Aclaración indispensable*”, onde o autor afirma analisar “*las virtudes y los defectos de nuestra raza*”, em Gironella, Jose Maria. **Un Millón de Muertos**.

Por outro lado, *Un Millón de Muertos* descreve dois universos distintos espacialmente separados: o território sob controle nacional e aquele correspondente à República. O segundo é profundamente marcado “*pela declaração independentista catalã de 1934, que ameaçava destruir a unidade nacional; os movimentos operários de 1936 que desarticularam o tecido cotidiano; e a guerra civil*”⁴⁸¹. O autor condena aqueles que propagaram a violência, tratando-os como “bárbaros” que ameaçam a estrutura da civilização.

Ainda que relate a violência praticada pelos dois lados, descreve com menor ênfase àquela praticada no território azul. Apesar das perseguições, censura – existente em ambos os lados –, cerceamento das liberdades, valoriza a manutenção das rotinas cotidianas nas zonas sob controle do governo nacional. Expressa, então, o desconforto de uma classe que não é responsável pela eclosão da luta armada, mas sofreu com suas consequências e a estas teve de responder.

Os dois autores, tanto George Orwell quanto Jose Maria Gironella participaram da Guerra Civil Espanhola e dela possuem percepções parciais, mesmo quando comprometidos com a produção de uma narrativa neutra. Ambos não têm o interesse de descrever seus adversários com a devida atenção e cuidado, sendo isso mais evidente na obra *Homage to Catalonia*, publicada ainda durante a guerra com uma roupagem quase propagandística.

Javier Cercas está à procura de uma história que permita o resgate e, por meio dele, a reconciliação com o passado. Buscou se afastar do triunfalismo e do vitimismo, assim como dos silêncios que caracterizaram o regime ditatorial e a redemocratização. Ainda que encarne por meio do seu “eu poético” o incansável investigador atrás da verdade, seu trabalho é profundamente comprometido com fins éticos. Existe um “outro” e não deixa de manifestar suas preferências políticas pelo comprometimento de ficcionalmente reconstruí-lo.

Em *Soldados de Salamina*, durante o esforço pela reconstrução do evento no qual foi poupada a vida de um importante ideólogo da Falange por um soldado republicano de identidade desconhecida, reconstitui-se, ao mesmo tempo, parte da diversidade de atores, de lugares de fala, que encontramos na Guerra Civil Espanhola. A sobreposição de

⁴⁸¹ FILLIÈRE, Carole. *Op.cit.* p. 298.

camadas de memória permitiu, em primeiro lugar, fazer presente a figura de Rafael Sánchez Mazas, ainda que por meio de terceiros, como no caso do seu próprio filho e os chamados “amigos do bosque”.

Rafael Sánchez, representante dos nacionais na obra, é caracterizado pelo autor como um falangista que, apesar de importante para a construção ideológica da Falange, esteve na maior parte da guerra escondido ou preso, colocando, assim, em questão a coragem do personagem. Isso não impede que reconheça nele virtudes intelectuais.

Li-os com curiosidade, fruindo da leitura, inclusive, mas não com entusiasmo: não precisei frequentá-lo muito para concluir que Sánchez Mazas era um bom escritor, mas não um grande escritor, mesmo levando-se em conta que então eu não saberia explicar o que diferencia um bom escritor de um grande escritor⁴⁸².

Ou até mesmo de caráter:

Sempre fora um homem de trato difícil, arrogante e despótico, mas não era mesquinho nem vingativo, e por essa razão a antessala de seu gabinete fervilhava de parentes de presos ansiosos por conseguir sua intercessão em favor de antigos conhecidos ou amigos que o final da guerra confinara nas celas da derrota⁴⁸³.

Um personagem bastante emblemático que surge na obra de Javier Cercas é Conchi, sua namorada, pois representa toda uma sociedade que não quer recordar sobre os eventos da Guerra Civil Espanhola através de um fascista que participou do governo ditatorial de Francisco Franco. O surgimento de tal personagem só é possível após o período de redemocratização espanhola, quando a população não mais vivia sob vigilância constante e podia expressar uma visão crítica sobre a ditadura que durou mais de quarenta anos. Ela manifesta em diversos momentos a antipatia para com qualquer figura ligada ao franquismo e, em contrapartida, valoriza abertamente intelectuais republicanos ou inimigos do regime. Chega a ter dificuldade em entender o interesse de Cercas por um intelectual da falange como Mazas, antecipando algumas das reações provocadas pela obra – o autor chegou a ser acusado de pró-fascista por ter escolhido contar essa história.

⁴⁸² CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 20-21.

⁴⁸³ Ibid. p. 77

Assim, “*meia duzia de ingênuos, como certos guardiães das ortodoxias de esquerda, e outros tantos tolos contra-atacaram, dizendo que resgatar um escritor falangista era resgatar (ou preparar terreno para resgatar) o falangismo*”⁴⁸⁴.

[...] é possível ser um bom escritor sendo uma péssima pessoa (ou uma pessoa que apoia ou estimula causas péssimas), da convicção de que se cometia um ainjustiça literária com certos escritores falangistas, os quais, para dizê-lo com a fórmula cunhada por Andrés Trapiello, haviam vencido a guerra, mas haviam perdido a história da literatura⁴⁸⁵.

Por meio da recordação de eventos e figuras legadas ao esquecimento – nenhuma biografia escrita, obras ignoradas –, foi possível produzir o encontro com personagens fundamentais para a trama, como o soldado miliciano que salvou sua vida, os amigos do bosque e, mais tarde, o Antonio Miralles. Ou seja, a partir do fascista, são encontrados os diversos grupos que estiveram atuando na guerra, ganham voz uns por meio dos outros. Ao mesmo tempo, por meio de uma ficção, fora possível reviver alguns dos mortos, tornando-os atores reais e presentes.

Como é possível que sobre um cara como Sánchez Mazas não se tenha escrito uma biografia, nem mesmo esteja nos livros de história, nem seja um personagem notório, quando foi o ideólogo do partido que dominou a Espanha durante quarenta anos? Como é possível que cada vez que Javier Marías diz que Jose Luis Aranguren era falangista ou protofalangista as pessoas se levem as mãos à cabeça?

Pois sim, senhor, o eram, como tantos outros intelectuais e proeminentes que mais tarde evoluíram e se tornaram anti-franquistas. Mas a verdade é muito difícil de ser dita, e eu acredito que já é hora de fazê-lo. Sem rancor e sem julgamentos. Só a verdade. A transição fez tabula rasa e não julgou a quem teria que julgar. Se o tivesse feito, pessoas como Manuel Fraga não estariam no poder. Não digo que deveria ter sido feito: digo que não se fez.

Então, claro que existe uma dívida histórica. Nos últimos tempos isto está mudando, estão emergindo todas as coisas. E isso não é que seja bom: é indispensável. [...] E, Enquanto ao meu livro, espero que tenha contribuído com um grão de areia para enfrentar a verdade, porque o meu desejo foi o de mentir no anedótico, para poder dizer a verdade no essencial⁴⁸⁶.

Quanto mais gente leia este livro, quanto mais gente conheça a história tanto de Miralles como dos amigos de Miralles – que são, possivelmente, o fundamental da questão, menos mortos eles estarão. E esse apelo chegou ao leitor⁴⁸⁷.

484 Ibid. p. 20

485 Ibid. p. 20.

486 CERCAS, Javier; TRUEBA. *Op.cit.* p. 129-130.

487 Ibid. p. 127.

Os chamados “amigos do bosque” eram os três milicianos desertores que estavam apenas tentando salvar suas vidas no final da guerra, sem firmes convicções. Os irmãos Figueras e Angelats, ajudaram o, na época, famoso falangista pensando que depois poderiam precisar dele dada a iminente vitória dos nacionais. Além disso, quando viram um homem debilitado, frágil e quase cego, não pensaram em algo diferente do que ajudar aquele indivíduo. Durante os tempos de convivência, as diferenças que os colocaram em lados opostos na guerra não fizeram qualquer diferença, acabando por se tornarem amigos. Mais tarde, Sánchez retribuiria a generosidade quando, durante a ditadura, os irmãos Figueras foram presos e em seguida soltos por ordem de algum poderoso do governo.

- Agora eles são meus amigos – nem Maria nem Joaquín Figueras se lembram dessas palavras, mas Angelats sim: foi nesse momento que, segundo ele, Sánchez Mazas pronunciou pela primeira vez as palavras que iria repetir muitas vezes nos anos que se seguiram e que até o fim de suas vidas ecoariam na memória dos rapazes que o ajudaram a sobreviver com um tilintar aventureiro de senha secreta: “Os amigos do bosque”⁴⁸⁸.

Segundo o autor,

Pere era o mais velho dos três; era igualmente o mais capacitado e o mais inteligente. Embora na adolescência não tivesse conseguido convencer seu pai - um negociante trapaceiro mas muito respeitado em Cornellà de Terri - a pagar seus estudos de Direito em Barcelona, razão pela qual teve de ficar na aldeia, ajudando a família em seu pequeno negócio de alhos. [...] O entusiasmo coletivo despertado pela proclamação da República chamou sua atenção para a política, mas não foi senão depois dos acontecimentos de outubro de 1934 que começou a militar na Esquerda Republicana da Catalunha, e a sublevação do verão de 1936 o surpreendeu terminando o serviço militar [...]⁴⁸⁹

Joaquín e Angelats se conheciam fazia então dois anos quando com apenas dezenove anos foram recrutados e, depois de três meses de instrução militar no santuário do Collell, enviados como membros da Brigada Garibaldi ao front de Aragão.⁴⁹⁰

O que permaneceu intrigando Javier Cercas foi o mistério envolvendo o miliciano que poupou Sánchez que, mesmo sendo uma figura importante para a narrativa, nunca tem sua identidade revelada. Ele é o “segredo essencial” que atravessa toda a obra e se originou antes dela, no artigo escrito para *El País* sobre Mazas e Antonio Machado: o que teria passado pela mente do soldado que o salvou do fuzilamento.

⁴⁸⁸ CERCAS, Javier. *Opcit.* p. 124-125.

⁴⁸⁹ Ibid. 112-113

⁴⁹⁰ Ibid. p. 114

Sobre o soldado que o salvou, nada se sabe, apenas que era um dos homens de Lister que estava em Collell por aqueles dias confusos de retirada do exército republicano. Sabe-se também, através dos “amigos do bosque”,

[...] viu o miliciano de pé junto à cratera, sob a chuva, alto, corpulento e ensopado, olhando Sánchez Mazas com seus olhos cinzas ou quem sabe esverdeados sob o arco duplo das sobrancelhas, as bochechas chupadas e os malarres salientes, recortado contra o verde-escuro dos pinheiros o azul escuro das nuvens, ofegando a um pouco, as mãos grandes apertadas no fuzil de través e o uniforme de soldado cheio de fivelas e puído pela interpérie. Era muito jovem, Angelats ouviu Sánchez Mazas dizer. A sua idade ou quem sabe mais jovem, ainda que tivesse uma expressão e uns traços adultos. Por um momento, enquanto o olhava, pensei que talvez soubesse quem era ele; agora tenho certeza de que sei. [...] Não era um simples soldado, como você. Ou como seu irmão. Um dos que faziam a guarda quando saíamos a passeio pelo jardim do Collell. Então, eu reparei quem era ele, e isso que me parece agora, porque na verdade não trocamos uma única palavra. Mas eu reparei que era ele, como todos os meus companheiros, porque, enquanto nós passeávamos pelo jardim, ele ficava sempre sentado em um banco cantarolando algo, canções em voga ou coisas assim, e uma tarde levantou-se do banco e se pôs a cantar “Suspiros de Espanha”. [...] Foi que em vez de ficar sentado no banco, trauteando baixinho como sempre, naquela tarde ele se pôs a cantar “Suspiros de Espanha” em voz alta, e sorrindo e, deixando-se arrastar pelo que parecia uma força invisível, levantou-se e começou a dançar pelo jardim com os olhos fechados, abraçando o fuzil como se fosse uma mulher [...]491.

↑ Mazas jamais chegou a realizar a promessa de escrever sobre “os amigos do bosque”, possivelmente por sua participação no regime franquista, na condição de ministro, por exemplo. Cercas chega a se comprometer com essa história, mas da mesma forma que aconteceu com o soldado anônimo, frustra-se parcialmente em sua empreitada. Sabe que para o seu romance lhe falta alguma peça, e a encontra em Miralles. É através dele que poderá encontrar o “segredo essencial”: *“que a história não é feita pelos grandes nomes (como o de Sánchez Mazas), mas sim pelos pequenos, tão minúsculos que ficaram relegados a um imerecido anonimato”*492.

[...] falaria de Miralles e de todos eles sem esquecer nenhum, e obviamente dos irmãos Figueras e de Angelats e de Maria Ferre e também do meu pai e até dos jovens latino-americanos de Bolaños, mas sobretudo de Sánchez Mazas e de pelotão de soldados que na última hora sempre salvou a civilização e no qual não mereceu militar Sánchez Mazas e sim Miralles, desses momentos inconcebíveis em que toda a civilização depende de um homem só e da recompensa que a civilização reserva a esse homem493.

491 Ibid. p. 123.

492 MANSILLA, Fernando. **Roberto Bolaños, Cervantes y Soldados de Salamina**. Revista Letral, 2011. p. 136.

493 CERCAS, Javier. *Op.cit* p. 212.

O ex-soldado republicano Antoni Miralles é o homem que Cercas acredita ser o herói que tanto buscava na sua história. Um homem com passado idealista, mas que aos seus oitenta e dois anos apenas quer terminar sua vida em paz. Afinal, depois de perder a guerra da Espanha, fugir para a França e lá continuar a combater o fascismo, ter seu corpo cheio de cicatrizes por causa das ideias que defendia, quase morrer, achava que tais histórias eram passado e lá deveriam permanecer.

Endireitando-se um pouco virou em minha direção seu corpaço de gladiador encolhido pela velhice e me examinou com uns olhos verdes, curiosamente díspares: o direito, inexpressivo e entrecerrado pela cicatriz; o esquerdo, muito aberto e inquisitivo, quase irônico. Então, percebi que o aspecto pétreo que havia atribuído de cara ao rosto de Miralles só valia para a metade devastada pela cicatriz; a outra era viva, veemente⁴⁹⁴.

Passado e presente encontram-se amarrados na construção da narrativa. Cercas precisa voltar àqueles eventos para encontrar-se, assim como seguir em frente – “*adiante, adelante, adelante, sempre adelante*”⁴⁹⁵. Mas para isso não pode silenciar alguns dos seus personagens ou eventos. Recortar a história seria o mesmo que impossibilitar o reencontro com ela, com ele mesmo, produto tanto daqueles que lutaram pela liberdade republicana, quanto dos que fizeram esse terrível evento possível. Partindo de um grande nome se lançará sobre àqueles sem nome, Miralles ou o soldado anônimo o conduzem de volta para si mesmo.

A música “*Suspiros de España*” é um desses elementos que conectam personagens separados pelo tempo: Cercas a ouve sendo cantada por um cigano em Gerona; o soldado anônimo canta e dança esse *pasodoble* sob o olhar atento de Sánchez Mazas; Bolaños viu Miralles dançá-la com uma “amiga” em um camping, “*um pasodoble muito triste e muito antigo [...] que muitas vezes ouvirá Miralles cantarolar entre dentes*”⁴⁹⁶. Curiosamente, a letra fala sobre a dor de ter que deixar a Espanha, algo comum a Antoni Miralles – exilado na França desde o fim da guerra -, Jose Maria Gironella – que teve que se retirar da Espanha para conseguir escrever sobre a guerra – e assim, George Orwell – obrigado a deixar o país por conta de um ferimento e as tensões

⁴⁹⁴ Ibid. p. 187.

⁴⁹⁵ Ibid., p. 213.

⁴⁹⁶ Ibid. p. 165.

entre o P.O.U.M. e o governo, sem ter podido retornar até sua morte nem chegando a receber a prometida cidadania espanhola.

Considerações Finais

Ao longo desta dissertação de mestrado, procurei apresentar *Soldados de Salamina*, *Un Millón de Muertos* e *Homage to Catalonia* não apenas como leituras sobre a Guerra Civil Espanhola, mas também como eventos em si mesmos. O estudo comparado das séries de representações, permitiu entendê-las por meio de uma iluminação recíproca, onde a historiografia entrou como um outro conjunto de narrativas, auxiliando na apreensão dos sentidos dos textos.

Alguns temas ganharam ênfase na análise de cada uma das obras. Isso se deu em função do destaque que eles tinham em cada uma delas. Ainda que no quarto capítulo apresente uma comparação entre os lugares de fala e a representação dos atores envolvidos no conflito, a própria escolha temática em cada capítulo é resultado da comparação entre essas fontes.

No romance de Javier Cercas, temas como a redenção, a memória, o heroísmo, ganham destaque. A violência, ainda que mencionada, não é protagonista dos eventos. Acaba aparecendo como algo que assombra os dois lados, mas tem sua origem e é vinculada de maneira sutil à ação e à ideologia dos sublevados:

[...] basta lembrar que naquela época a doutrina de guerra da Espanha de Franco, como todas as doutrinas de todas as guerras, ditava que nenhum inimigo salvara jamais uma vida: estavam demasiado ocupados em tirá-las⁴⁹⁷.

[...] o certo é que a violência vinha sendo alimentada sistematicamente pela Falange com o propósito de tornar insustentável a situação da República, e que o uso da força se achava no próprio coração da ideologia do falangismo, que como todos os demais movimentos fascistas, adotou os métodos revolucionários de Lênin, para quem bastava uma minoria de homens valorosos⁴⁹⁸.

O livro não tem o caráter de denúncia nem está comprometido com um dos lados, com um dos ideários políticos que atuaram no conflito. Mas expressa um desejo conciliatório que está profundamente relacionado com a tranquilidade política da Espanha nos anos 2000 e a tolerância para com os diferentes, a aversão a radicalização violenta dos discursos. O tom ameno não implica uma neutralidade ingênua, mas sim uma forma de engajamento típico das sociais democracias europeias do período. Como sinaliza Julio Prada Rodríguez em *La España Masacrada*,

Em marco de 1996, pela primeira vez nos últimos sessenta anos, um partido político de direitas alcançava o poder depois de ter recebido o respaldo majoritário dos cidadãos. O veredicto das urnas lhe ortogou uma suficiente maioria no congresso que aconselhava atualizar os valores do consenso na era de uma política de pactos que favorecesse a governabilidade. Não faltaram vozes que falaram, então, da definitiva consolidação da democracia espanhola ao ter-se feito possível a alternância pacífica em um marco de plena liberdade e sem grandes sombras que ameaçassem a estabilidade do nosso sistema político⁴⁹⁹.

⁴⁹⁷ CERCAS, Javier. *Op.cit.* p. 42.

⁴⁹⁸ Ibid. p. 88.

⁴⁹⁹ RODRÍGUEZ, Julio Prada. *Op.cit* p. 49.

Cercas, com esta postura literária, representa uma geração de escritores e historiadores que, como eu, se interessam pelas histórias contadas por seus avós, mas buscam retirar delas o invólucro do rancor e da vingança que as encobrem, ao mesmo tempo que só permite acessá-las por seus fragmentos. Como o autor, partindo do presente, iniciamos uma viagem que busca dar vida ao passado para, como em uma elipse, reencontrar-nos no agora.

Por meio de *Un Millón de Muertos* podemos acessar a preocupação de um espanhol conservador com as cicatrizes deixadas pelo passado recente. A barbárie e a dissolução das instituições, da própria unidade nacional, eram os grandes inimigos de Jose Maria Gironella. A família espanhola tem centralidade porque sua ameaça, ameaça a Espanha inteira.

O seu atraso literário e epistemológico, simbolizados pela crença ingênua na sua objetividade e imparcialidade, não devem sugerir que se trate de uma obra menor. Para além do fato de que representa boa parte da geração que tanto se identificou com o primeiro *best seller* espanhol do pós-guerra, resulta notável seu esforço por dar voz aos vencidos, por generalizar a violência e os sofrimentos, em meio a um regime de supressão de liberdades individuais.

George Orwell, ou Eric Blair, desejava tornar público a luta na Espanha, a derrota eminente não apenas de um regime democrático, mas também de uma revolução social estilhaçada pelo fascismo. Responde com suas memórias ao silêncio do que ele chamou de imprensa burguesa, fundamentalmente liberal, que mostrava enorme tolerância à emergência de figuras como Francisco Franco, Benito Mussolini e Adolf Hitler, que mesmo quando criticou o golpismo e a ameaça a um governo democrático, ignorou a vontade de um povo engajado na construção de uma Espanha igualitária.

Preocupado em dar conta da complexidade do lado republicano, se esqueceu do apoio dos liberais e da violência praticada pelos republicanos. Sua denúncia dos burgueses travestidos de operários e entusiastas da causa proletária, ou da ameaça stalinista em meio aos vermelhos, permitem identificar com clareza seu lugar de fala, as tensões experimentadas no interior do próprio marxismo europeu.

O olhar de *Homage to Catalonia* é o de um estrangeiro, dos muitos que lutaram na Espanha. Pôde assombrar e encantar com esse povo solidário e afetuoso. Gironella, por sua vez, não hesitaria em suprimir o lugar de estrangeiros como Orwell, assim como, de todo catalanismo.

Estas narrativas permitem acessar algumas das possibilidades de percepção, de comunicação e, obviamente, de produção dos sentidos da guerra civil espanhola em diferentes momentos e por diferentes atores sociais. Resgatam fragmentos, como nos diria Ginzburg, vestígios e indícios de algo que necessariamente se perdeu e só através deles podemos acessá-lo. Enquanto historiadora pertencente à “geração dos netos e bisnetos”, busquei extrair deles alguma experiência histórica significativa para o presente, atravessando as lutas travadas pelas gerações anteriores. Estes embates se deram com armas de múltiplos tipos e não se encerraram com o fim da guerra em 1939. Estão em disputa até hoje e este trabalho deve ser entendido como mais uma destas intervenções.

A música *Suspiros de España*, de Antonio Alvarez Alonso, serve como alegoria para as motivações que levam a muitos netos escreverem sobre a Espanha dos seus avós:

*Quiso Dios, con su poder,
fundir cuatro rayitos de sol
y hacer con ellos una mujer*

*Y a cumplir su voluntad,
en um jardín de España nací
como la flor em el rosal
Tierra gloriosa de mi querer,
tierra bendita de perfume y pasión:
España, en toda flor a tus pies
suspira un corazón*

*Ay de mi! Pena mortal!,
porque me alejo, España, de ti
Por qué me arrancan de mi rosal?*

*Quiero yo volver a ser
la luz de aquel rayito de sol
hecho mujer
por voluntad de Dios*

*Ay, madre mia!
Ay! Quién pudiera
ser luz del día
y al rayar la amanecida
sobre España renacer*

*Mis pensamientos
han revestido
el firmamento
de besos míos;
y sobre España,
como gotas de rocío,
los dejos caer*

*En mi corazón,
España, te miro,
y el eco llevará de mi canción
a España en un suspiro*

Fontes

CERCAS, Javier. **Soldados de Salamina**. Barcelona: Tusquets, 2001

CERCAS, Javier. **Soldados de Salamina**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012,

GIRONELLA, Jose Maria. **Un Millón de Muertos**. Barcelona: Planeta, 1966.

ORWELL, George. **Homage to Catalonia**. London: Penguin Modern Clasi, 2000

ORWELL, George. **Lutando na Espanha e o Ensaio: Recordando a Guerra Civil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967.

Bibliografia

- ABAD, Irene. **Las dimensiones de la “represión sexuada” durante la dictadura franquista.** Revista de historia Jerônimo Zurita, n. 84, 2009.
- ABELLA, Rafael. **La vida cotidiana durante la Guerra Civil: La España Nacional.** Barcelona: Planeta, 1978.
- ABELLA, Rafael. **La vida cotidiana durante la Guerra Civil: La España republicana.** Barcelona: Planeta, 2004.
- ABELLA, Rafael. **La vida cotidiana bajo el régimen de Franco.** Madri: Temas de Hoy, 1984.
- ABREU, Isabela. **A mulher na Espanha de Franco: uma leitura de *El príncipe destronado*, de Miguel Delibes.** Todas as Musas. Ano 2, n. 1, jul./dez., 2010.
- ÁLVAREZ, Raquel. **Textos dramáticos traducidos y censurados en la España de Franco (años sesenta): el teatro y el cine, espectáculos controlados.** Doble o nada: actas de las I y II Jornadas de doblaje y subtitulación de la Universidad de Alicante, 2010
- AMARAL, Aracy. **Arte para quê?.** Rio de Janeiro: Studio Nobel, 2003.
- ARIZA, Fernando González. **Recepción de la novela española de posguerra en los Estados Unidos.** Revista de Literatura, v. LXXII, n. 143, 2010.
- BARROS, José. **História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história.** Revista de História Comparada. v. 1, n. 1, jun., 2007.
- BARROS, José. **História e Literatura – novas relações para os novos tempos.** Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades, n.6, maio/out 2010.
- BEEVOR, Antony. **A batalha pela Espanha.** Rio de janeiro: Record, 2007.
- BENNASSAR, Bartolomé. **El infierno fuimos nosotros: la guerra civil Española (1936-1942...).** Madri: Taurus, 2005.
- BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés. **La historiografía de la guerra civil española.** HISPANIA NOVA. Revista de Historia Contemporânea. n. 7, 2007.
- BLOCH, Marc. **História e Historiadores.** Lisboa: Teorema, 1998.

- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: UnB, 1983. Disponível em: http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Diccionario_De_Politica.pdf.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História, ano 1, n. 3, jun, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bestrand Brasil, 2000.
- BRICEÑOS, Ximena; HOYOS, Héctor. **Así se hace literatura: História literaria y políticas del olvido en *Nocturno de Chile* y *Soldados de Salamina***. Revista Iberoamericana, v. LXXVI, n. 232-233, jul/dez, 2010.
- BROUÉ, Pierre. **A Revolução Espanhola: 1931-1939**. São Paulo: Perspectiva, 1992
- BUADES, Josep. **A Guerra Civil Espanhola**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CALERO, Francisco Sevillano. **La construcción de la memoria y el olvido em la España democrática**. Ayer, 52, 2003.
- CALERO, J.G.; RODRIGO, I.M.. **La crisis rompe el suelo bajo unos best sellers**. Madri: ABC. 26 de dezembro de 2012. <http://www.abc.es/cultura/libros/20121226/abci-crisis-best-seller-libros-201212241245.html>. consultado 15 de dezembro de 2014. 19h.
- CARDONA, Gabriel. **Guerra o revolución: una polémica**. Anales de Historia Contemporânea, v. 7, 1989.
- CERCAS, Javier; TRUEBA, David. **Diálogos de Salamina**. Barcelona: Tusquets, 2003
- CERCAS, Javier. **La verdad de Agamenon**. Barcelona: Tusquets, 2006.
- CERQUEIRA, João. **Arte e literatura na Guerra civil de Espanha**. Porto Alegre: Zouk, 2005.
- CERTAU, Michel. **A operação historiográfica** In: A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHACON, Vamireh. **A experiência espanhola**. Brasília: Universidade de Brasília.
- CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

- CHARTIER, Roger. **Debate: Literatura e História**. *Topoi*, Rio de Janeiro, n 1, pp.197-216, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- COGGIOLA, Osvaldo(org.). **O fim das ditaduras**. São Paulo: Xamã, 1995.
- CUÑADO, Isabel. **Despertar tras la amnesia: Guerra civil y postmemoria en la novella del siglo XXI**. Dissidences. Hispanic Journal of Theory and Criticism, 2007.
- DARNTON, Robert. **Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton**. MATRIZES. Ano 5, n. 2, jan./jun. 2012.
- DELIBES, Miguel. **Jose Maria Gironella comentado por Miguel Delibes**. Crítica Literária. Disponível: <http://www.criticadelibros.com/critica-literaria-2/jose-maria-gironella-comentado-por-miguel-delibes/> Acesso: novembro de 2014.
- DELP, Lindsay. **La Guerra Civil Española: un estudio de la literatura como un mecanismo de recuperar la memoria colectiva**[dissertação]. Claremont Colleges, 2012.
- DOMINGOS, Charles. **A Guerra contra o esquecimento da Guerra**. Cadernos do Tempo Presente, n. 17, set/out. 2014.
- EIROA SAN FRANCISCO. **Represión, restricción, manipulación: estrategias para la ordenación de la sociedad y del Estado**. HISPANIA NOVA. Revista de Historia Contemporânea. n. 6, 2006.
- ELLWOOD, Sheelgh. **História de Falange Española**. Barcelona: Crítica, 2001.
- ENNIS, Juan Antonio. **Historia, memoria y mito: Lecturas de la Guerra Civil Española**. Olivar, 7(8), 2006. pp. 301-315. disponível em: www.olivar.fahce.unlp.edu.ar
- ESPIAUBA-SOLER, Dolores. **De la poguerra española AL conformismo actual com El País y La Ser**. Medios de comunicación y enseñanza del español como lengua extranjera: actas del XIV Congreso Internacional de “ASELE”, Burgos, 2003.
- FERNANDÉZ, Paloma. **Políticas de la memoria u memoria de la política**. Madrid: Alianza, 2008.

- FILLÈRE, Carole. **De la búsqueda de la novella total al encuentro del êxito masivo: la trilogia de José Maria Gironella y su trayectoria como objeto predilecto de la Historia Cultural.**
- FONTANA, Josep(org.). **España bajo el franquismo.** Barcelona: Crítica, 1986
- GALÁN, Juan Eslava. **Una historia de la Guerra Civil que no va a gustar a nadie.** Barcelona: Planeta, 2011.
- GARCÍA, Cayo Sastre. **La transición política em España: uma sociedade desmovilizada.** Revicta Reis. 80/97
- GARRISON, Alison. **La pieza ausente de uma memoria olvidada**[tese]. Greensboro: Universidade da Carolina do Norte, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias políticas.**São Paulo: Companhia das Letras. 1987.
- GLIK, Sol. **Domesticidade, medo e consumo: a Espanha franquista e o American Way of Life nas páginas de *Seleções*.** Revista Tempo e Argumento, v. 2, n.1 – jan./jul. 2010.
- GÓMEZ, Cristina Castro. **Traduzione Tradizione? El polisistema literario español durante la dictadura franquista: la censura.** RiLUnE, n. 4, 2006, p. 37-49
- GOHN,Carlos. **George Orwell e os desdobramentos literários de uma presença no front.** In: **Revista Aletria**, jan.-jun. – n.2, Minas Gerais: 2009 pp. 217-224.LARA, Manuel Tunõn. Un ensayo de visión global, médio siglo después. In.: LARA, Manuel Tuñon; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, ÁNGEL; CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep. **La Guerra Civil Española: 50 años después.**
- GRANJA, Lúcia. **A literatura e o leitor.** Argumento, ano III, n. 5, abril/2001.
- GUNNLAUGSDÓTTIR, Hallóra S. **Memória e identidade en España: *El corazón de Almuneda Grandes*** [dissertação]. Sigillum Universitatis Islandiae, 2010.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOWE, Irving. **A política e o romance.** São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ÑIGUEZ, Julio López. **La educación durante la Guerra Civil y comienzos de los años cuarenta basados em los principios ideológicos de Acción Española.** Actas

- del III Congresso Internacional de Historia de Nuestro Tiempo. Logroño: Universidad de Rioja, 2012.
- IZQUIERDO, José Maria. **La Literatura de la generación del cincuenta en España y la narrativa actual de la memoria.** Études romanes de Lund, 70, Romanska institutionen, Lunds Universitet, 2004.
- JAECKEL, Volker. **Guerra Civil Espanhola na literatura e no cinema dos anos 1990.** Aletria, n. 2, v. 19, jan-jun, 2009.
- JULIÁ, Santos. **La sociedad.** In: DELGADO, José Luis(coord.). **Franquismo. El juicio de la historia.** Madri: Temas de Hoy, 2000.
- LAMBLET, Luciana. **As disputas republicanas: uma análise da luta pela hegemonia no campo republicano na Guerra Civil Espanhola – livros e filmes.** XIV – Encontro Regional da ANPUH-Rio, Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 de julho, 2010.
- LARA, Manuel Túñon de; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Angel; CARDONA, Gabriel; BRICALL, Josep M. **La Guerra Civil Española: 50 años después.** Barcelona: Labor, 1985.
- LARRAZ, Fernando. **Letricidio español. Censura y novela durante el franquismo.** Gijon: Trea, 2014.
- LÁZARO, Alberto. **A sátira de George Orwell ante la censura española.** Proceedings of the XXVth AEDEAN Conference. Ed. Marta Falces Sierra, Mercedes Diaz Dueñas y José M. Pérez Fernández. Granada: Universidad de Granada, 2002.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das Multidões.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Ed. UNICAMP, 1996
- LEMUS, Víctor. **Un secreto esencial: Literatura y memoria histórica em Soldados de Salamina, de Javier Cercas.** IPOTESI – Revista de Estudos Literários
- LLOSA, Mario Vargas. **El sueño de los héroes.** El País. 3 de setembro de 2001.
http://elpais.com/diario/2001/09/03/opinion/999468046_850215.html . Consulta: dezembro de 2014.
- LÓPEZ, M. Marcos. **El fenómeno ideológico del franquismo en los manuales escolares de enseñanza primaria (1936-1975).** Madri: UNED/Manes, 2001.

- LÓPEZ-QUINONES, Antonio. **La Guerra Civil española: Soldados de Salamina de Javier Cercas**. Palabra y el Hombre: Revista de la Universidad Veracruzana, n. 127, 2003.
- LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Os senhores da memória e do esquecimento**. Transição, v. 10, n. 1, pp 87-96, janeiro/abril, 1998.
- LYNCH, Guido Carelli. **Javier Cercas: El nacionalismo es la peste, pero en la literatura es el horror**. Revista de Cultura, Clarín. 11 de novembro de 2012.
- MAIA, Wendell. **Ameaça à Liberdade: E.M. Foster e a censura na Inglaterra das décadas de 1920 e 1930**. VI Congresso Internacional de História, 25 a 27 de setembro de 2013
- MANSILLA, Fernando. **Roberto Bolaños, Cervantes y Soldados de Salamina**. Revista Letral, n. 11, 2013.
- MARTÍN, Francisco Javier. **Los perdedores de la guerra civil en el reciente cine biográfico español: de la historia a la memoria**. v. 17, n. 32, 2012.
- MÁRQUEZ, Carlos José. **Cómo se ha escrito la Guerra Civil española**. Madrid: Lenguas de Trapo, 2006.
- MATTHEWS, Herbert Lionel. **Metade da Espanha morreu: uma reavaliação da Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- MATTHEWS, James. **Moral y motivación de los movilizados forzosos del ejército popular de la República em la Guerra Civil Española, 1936-1939**. Revista Stud. Historia, Historia Contemporanea, n. 24, 2006.
- MENESES, Ulpiano. **A História, cativa da Memória?**. Ver. Inst. Est. Brás., SP, 34:9-24, 1992.
- MOA, Pio. **Los mitos de la guerra civil**. Madrid: La esfera de los libros, 2003.
- MONTES DONCEL, Rosa. **Entrevista a José Maria Gironella**. Moenia: Revista Lucense de Lingüística & Literatura, v. 14, 2008.
- MORAL, Francisco Javier. **Los perdedores de la guerra civil em el reciente cine biográfico español: de la historia a la memoria**. Revista Zer, v. 17, n. 32, 2012.
- MORENO, Maria Paz. **Juegos ficcionales en el discurso narrativo y cinematográficos: Soldados de Salamina**. El hilo de La fábula, n. 11, 2011.

- MORET, Xavier. **Muere Gironella, uno de los autores de más êxito durante el franquismo**. El País. Sábado, 4 de janeiro de 2003.
- NASCIMENTO, Magnólia. **Palavra Cantada e poder na Espanha do franquismo**. Ano 2. Congresso Brasileiro de Hispanistas, oct. 2002.
- NASH, Mary. **Rojas: Las mujeres republicanas en la Guerra Civil**. Barcelona: Taurus. 2000.
- NAZARIO, Luiz. **Os imaginários da Guerra Civil Espanhola**. In: *Aletria*, Belo Horizonte, n. 19, jan./jun., 2009 pp. 67-87.
- ORTEA, Marta Del Pozo. **Soldados de Salamina: Terapia para después de una guerra** [dissertação]. Massachusetts: Universidade de Massachusetts, 2007
- ORWELL, George. **Porque eu escrevo**. Revista Espaço acadêmico, n. 29. Outubro de 2003. Tradução de Eva Paulino Bueno e Revisão de Alexander Martins Vianna. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/029/29orwell.htm>
- PACHECO, Alexandre. **As implicações do conceito de representação em Roger com as noções de Habitus e campo Pierre Bourdieu**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.
- PADRÓS, Enrique Serra. **Usos da memória e do esquecimento na História**. Revista Letras, n. 22, UFRGS.
- PALACIOS, Julián Chaves. **La historiografía reciente sobre la Guerra Civil de 1936-1939 en los umbrales del nuevo milênio**. Anales da Historia Contemporânea, n. 16, 2000.
- PASSETTI, Edson. **Espanha franquista: contra a arte**. Ponto e vírgula, 6: 147-151, 2009.
- PAXTON. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PEREIRA, Flavio. **A poética do “relato real” em Soldados de Salamina**. *Revista de Literatura, História e Memória*. v.7, n.10. Cascavel: Unioeste, 2011. p. 101-113.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. **Desbravando o o ‘Coração das Provas’: Visões sobre o neocolonialismo Europeu, , a África e os africanos na obra de Joseph Conrad**. *Revista Poder & Cultura*, ano 1, v. 2, outubro, 2014.

- PLIHON, Dominique; REY, Nathalie. **Espanha, doze anos de miopia**. In: CORIAT, B. **Europa al borde del abismo: economistas aterrados**. Madrid e Sevilla: Barataria Ediciones, 2012.
- PINSKY, Carla; LUCA, Tânia. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PRESTON, Paul. **A Guerra Civil de Espanha**. Lisboa: 70 Edições. 1996.
- PRESTON, Paul. **Franco: caudillo de España**. Barcelona: Grijalbo, 1996.
- QUADRAT, Samantha; *ROLLEMBERG*, Denise. **A construção social dos regimes autoritários**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010
- QUINSANI, Rafael Hansen. **História, memória e cinema: o caso Soldados de Salamina**. Revista Outros Tempos, v. 6, n.7, julho de 2009.
- REIG TAPIA, A. **Memoria viva y memoria olvidada de la guerra civil**. Sistema. n. 136, jan/1997, Madrid, p. 40-41
- REIS, Lorena Carvalho. **La vos dormida: o despertar de histórias silenciadas durante o franquismo**. Revista ReVele, n. 5, maio, 2013.
- RICO, Eduardo Martínez. **El escritor escribe sobre escritores**. DICENDA, cuadernos de filología hispánica. n. 18, 2000.
- RODRÍGUEZ, Julio Prado. **La España Masacrada**. Madri: Alianza, 2010.
- RODDEN, John. **The Cambridge companion to George Orwell**. Cambridge: Cambridge University, 2007.
- RUHL, Klaus-Jorg. **Franco, Falange y tercer Reich: Espanha em la Segunda Guerra Mundial**. Madrid: Akal, 1986.
- SALVADÓ, Francisco Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SÁNCHEZ-BIOSCA, Vicente. **Cine y Guerra Civil Española del mito a la memoria**. Madri: Alianza, 2006.
- SÁNCHEZ, Mariela. **Memoria y resistência narrativa: Literaturarización de la experiênciã en torno a la Guerra Civil española y el franquismo**. III Seminário Internacional Políticas de la Memoria. Buenos Aires: Argentino, 2006.
- SAVAL, José. **Simetría y paralelismo en la construcción de *Soldados de Salamina* de Javier Cercas**. artigo 4. p. 62. apud CERCAS, Javier. **Relatos reales**.

- SENÁN, Gaspar. **Bienestar doméstico y cambio social en la sociedad de consumo española: el valor de los objetos en la vida cotidiana** [tese]. Universidad Complutense de Madrid, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SIGHELE, Scipio. **Multidão Criminosa**. Rio de Janeiro: Copyright, 2006. disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/multicrim.html>
- SIMÕES, Maria Dulce Antunes. **Movimentos públicos e memórias privadas: silêncios de discursos da Guerra Civil Espanhola**. Cadernos CERU. São Paulo: USP. série 2, v. 20, n. 1, junho de 2009.
- SILVA, Aline. **Franquismo e democratização no discurso de Carmen Martín Gaité**. Revista Língua e Literatura. v. 6 e 7, n. 10/11, 2004/2005.
- SILVA, Matheus. **Memórias de uma guerra perdida: memória, identidade e imprensa na crítica orwelliana à repercussão da Guerra Civil espanhola, 1937-1942**. ANPUH/SP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.
- SILVA, Matheus Cardoso. **O último homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1939** [dissertação]. Universidade de São Paulo, 2010.
- SILVA, Antonio Ozaí da. **Centenários de George Orwell: Os dilemmas do intelectual militante de esquerda**. Revista Espaço Acadêmico – Ano III, n. 26. Julho de 2003.
- SIMÕES, Maria Dulce Antunes. **Movimentos públicos e memórias privadas: silêncios de discursos da Guerra Civil Espanhola**. Cadernos CERU. São Paulo: USP. série 2, v. 20, n. 1, junho de 2009.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Revista Educação & Sociedade, ano XXI, n. 71, julho, 2000.
- SOLER-ESPIAUBA, Dolores. **De la Posguerra española al conformismo actual con El País y La Ser**. XIV Congreso Internacional de ASELE. Burgos, 2003.
- THOMAS, Hugh. **A Guerra Civil Espanhola**. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- TRAPIELLO, Andrés. **Las armas y las letras**. Barcelona: Destino, 2010.

- TREVAS, Leonardo. **George Orwell e o Jornalismo Literário: um estudo de “Na pior em Paris e Londres”**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.
- WHITE, Hayden. **A Meta-História – a imaginação histórica no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 1972.
- VAZ, Ana Rita Nunes. **Ecos da Guerra Civil em *A sombra do vento* e *Soldados de Salamina*: o papel do escrito**. Revista de Literatura, História e Memória: Dossiê Visões e revisões da Guerra Civil Espanhola na literatura. v. 8. n. 12, 2012
- VIEIRA, Elisa Amorim. **Barcelona entre restos e silêncios: a persistência da memória**. In: *Aletria*, Belo Horizonte. v. 19, n. 2, jan./jun, 2009.
- VIEIRA, Elisa Amorim. **Espaço cotidiano e imagens da mulher em *La Plaza del Diamante***. CALIGRAMA, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 81-94, 2012.
- VIDAL, Agustín. **La renovación de la novela Española en los sesenta**. Cuadernos de Investigación filológica, n. 6, 1980.
- VILAR, Pierre. **A Guerra da Espanha, 1936-1939**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- YANAGIWARA, Paula Sayuri. **O processo de maturidade do projeto literário de George Orwell: ensaios**. Crátilo: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários, UNIPAM, 5(1): 92-99, 2012. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/41762/o-processo-de-maturidade-do-projeto-literario-de-george-orwell.pdf>. Acesso: Janeiro, 2015.

ANEXO 1

Siglas500

C.E.D.A. – *Confederación Española de Derechas Autónomas*, a maior organização política de massas da direita legalista durante a Segunda República.

C.N.T. – *Confederación del Trabajo*, a central sindical anarco-sindicalista.

F.A.I. – *Federación Anarquista Ibérica*, a vanguarda insurrecional do movimento anarquista ibérico.

F.J.S. – *Federación de Juventude Socialista* – movimento socialista da juventude.

F.N.T.T. – *Federación Nacional de Trabajadores de la Tierra*, a seção dos trabalhadores rurais U.G.T.

P.C.E. – *Partido Comunista de España*, o partido comunista espanhol fiel à orientação de Moscou.

P.O.U.M. – *Partido Obrero de Unificación Marxista*, uma amálgama de dissidentes comunistas e anti-stalinistas e de trotskistas que se juntaram em 1935 na tentativa de criação de um partido bolchevique de vanguarda.

U.G.T. – *Unión General de Trabajadores*, a federação sindical ligada ao Partido Socialista de España.

S.I.M. – *Servicio de Investigación Militar*, polícia secreta da zona republicana.

500 Baseado em: PRESTON, Paul. **A Guerra Civil de Espanha**. Lisboa: 70 Edições. 1996.